Promontoria Monográfica História da Arte 35

Retábulos nas Dioceses da Guarda e de Viseu



Francisco Lameira
Martina del Rio João

2005

01 *O retábulo em Portugal. Das origens ao declínio* (impresso).
Francisco Lameira

2006

02 *O retábulo da Companhia de Jesus em Portugal: 1619 - 1759* (impresso).
Francisco Lameira

2007

03 *O retábulo no Algarve* (impresso).
Francisco Lameira

2009

04 *Retábulos nas Misericórdias Portuguesas* (impresso).
Francisco Lameira

2013

05 *Retábulos na Diocese de Beja* (impresso).
Francisco Lameira e José António Falcão

2014

06 *Retábulos nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa* (impresso).
Francisco Lameira e João Canha e Sá

07 *Retábulos na Diocese de Setúbal* (impresso).
Francisco Lameira e Hélder Rodrigues

08 *Retábulos na Diocese do Funchal* (impresso).
Francisco Lameira, Paulo Ladeira e Renato Freitas

2015

09 *Retábulos na Arquidiocese de Évora* (impresso).
Francisco Lameira e Artur Goulart

10 *Retábulos na Diocese de Viana do Castelo* (impresso).
Francisco Lameira e Paulo Ladeira

11 *Retábulos da Ordem dos Carmelitas Descalços* (impresso).
Francisco Lameira, José João Loureiro e frei José Carlos Vechina

2016

12 *Retábulos no Estado de Goa* (impresso).
Francisco Lameira e Mónica Esteves Reis

13 *Retábulos Relicários* (impresso).
Francisco Lameira, Carlos Evaristo e José João Loureiro

2017

14 *Retábulos na Diocese de Lamego* (impresso).
Francisco Lameira, Pedro Vasconcelos Cardoso e José João Loureiro

15 *Retábulos na Diocese de Leiria – Fátima* (impresso).
Francisco Lameira, José João Loureiro e Virgolino Ferreira Jorge

16 *Retábulos em Minas Gerais* (impresso).
Francisco Lameira, Aziz José de Oliveira Pedrosa, Alex Fernandes Bohrer e José João Loureiro

2018

17 *Retábulos no patriarcado de Lisboa* (impresso).
Francisco Lameira e José João Loureiro

2019

18 *Retábulos na Província do Norte. Baçaim, Damão e Diu* (impresso).
Francisco Lameira e Mónica Esteves Reis

2020

19 *Retábulos nos Açores* (impresso).
Francisco Lameira, José Meco, José João Loureiro e Marta Bretão

20 *Retábulos no Mundo Português* (impresso e em formato eletrónico).
Francisco Lameira

21 *Retábulos no Pará e no Maranhão* (em formato eletrónico).
Francisco Lameira, Isabel Mayer Godinho Mendonça e Renata Malcher de Araujo

22 *Retábulos no Brasil Colonial* (em formato eletrónico).
Francisco Lameira, Mozart Bonazzi da Costa e Martina del Rio João

23 *Retábulos na Arquidiocese de Braga* (em formato eletrónico).
Francisco Lameira, Raúl Sampaio Lopes e José João Loureiro

24 *Retábulos na Diocese de Vila Real* (impresso e em formato eletrónico).
Francisco Lameira, José Bernardo Carvalho e Martina del Rio João

2021

25 *Retábulos na Diocese do Porto* (impresso e em formato eletrónico).
Francisco Lameira e Martina del Rio João

26 *Retábulos das Almas no Purgatório* (em formato eletrónico).
Francisco Lameira, Inês Afonso Lopes e Martina del Rio João

27 *Retábulos na Diocese de Bragança -Miranda* (em formato eletrónico).
Francisco Lameira, D. José Cordeiro, Martina del Rio João e Padre Augusto A. Ferreira Pires

2022

28 *Os irmãos Martins: Manuel e Gaspar - os mais reputados entalhadores e escultores algarvios na primeira metade de Setecentos*
(em formato eletrónico).
Francisco Lameira e Martina del Rio João

29 *Quando a Fé Transborda - altares geminados e com arco*
(em formato eletrónico).
Francisco Lameira e Martina del Rio João

30 *Retábulos nas Dioceses de Coimbra e Aveiro*
(em formato eletrónico).
Francisco Lameira, Sandra Costa Saldanha e Martina del Rio João

31 *Retábulos nas Dioceses de Portalegre-Castelo Branco e Santarém*
(em formato eletrónico).
Francisco Lameira, Martina del Rio João e António Marçal Grilo

32 *Imaginária retabular algarvia*
(impresso e em formato eletrónico).
Francisco Lameira e Martina del Rio João

33 *Retábulos da Ordem de Malta*
(impresso e em formato eletrónico).
Francisco Lameira, Paula Pinto Costa e Martina del Rio João

2023

34 *Retábulos à romana*
(em formato eletrónico).
Francisco Lameira e Martina del Rio João

35 *Retábulos nas Dioceses da Guarda e de Viseu*
(em formato eletrónico).
Francisco Lameira e Martina del Rio João



Promontoria Monográfica História da Arte 35

Retábulos nas Dioceses da Guarda e de Viseu

Francisco Lameira
Martina del Rio João

EDIÇÃO
Departamento de Artes e Humanidades da Universidade do Algarve

DESIGN GRÁFICO
Martina del Rio João

FOTOGRAFIA
Adelino Guerra, Alex, Amílcar Jorge, padre António Fonseca Coelho, padre António Morais, Atelier Samthiago, Blog À Descoberta da História Local, Blog Pastel de Vouzela, padre Bruno Lopes, Carlos A. B. Marques, padre Carlos Sousa, Comunidade Intermunicipal das Beiras e Serra da Estrela – Fragmenesis, Dias dos Reis, Fátima Eusébio, Hans-Jaguar, Hélio Ramos, Ipsphoto.us., Jacinta F., padre João Carrola Antunes, João Cunha – Santa Casa da Misericórdia de Penamacor, Joaquim Inácio Caetano, padre Joaquim Sequeira, padre Jorge Pinto, padre José António Almeida, padre José Carlos Lopes, padre José Joaquim Ribeiro, José Maria Correia Sampaio, Junta de Freguesia de Oliveira do Conde, Luís Filipe Gonçalves, padre Luís Nunes, padre Manuel de Matos, Manuel V. Botelho, Manuel Vaz, D. Maria José Soares de Albergaria Fortes Tavares Festas, Matriznet, Mensário Ecos de Marofa, Miguel Soares, Município de Aguiar da Beira, Município de Belmonte, Município de Figueira de Castelo Rodrigo, Município de Nelas, Município de Sátão, Município de Seia, Município de Trancoso, Mural da História, Museu de Arte Sacra – Covilhã, Museu Grão Vasco, Museu da Guarda, Museu da Lourinhã, Museu Terras de Besteiros, OCR – Oficina de Conservação e Restauro, Palácio dos Condes de Anadia – Mangualde, Paróquia de Escalhão, Paróquia de Fragosela, Paróquia de Orgens, Paróquia de Santiago de Cassurrães, Paróquia de Figueira de Castelo Rodrigo, Pedro Ventura, RAF, diácono Raúl Ribeiro, Ricardo Silva, Rita Miguel, Ruben Marques, Saiko, Santiago Abella, SIPA, Tacula, Unidade Pastoral de Miranda do Douro, padre Vítor Lourenço, Vítor Oliveira – Portuguese_eyes.

EDIÇÃO DAS IMAGENS
Martina del Rio João

ISBN: 978-989-9127-42-5

COI: HTTPS://DOI.ORG/10.34623/20G3-EY24

HANDLE: HTTP://HDL.HANDLE.NET/10400.1/19735

LOCAL E ANO
Faro | 2023

CAPA: Aldeia do Bispo. Retábulo colateral. Foto padre Manuel de Matos.
CONTRACAPA: Tondela. Igreja do Carmo. Pormenor do retábulo-mor. Foto Ruben Marques.

Índice:

Editorial..... 7
Introdução..... 9
Retábulos nas dioceses da Guarda e de Viseu
-Localização..... 16
-Usos e funções..... 27
-Iconografia..... 35
-Encomenda..... 42
-Tipologias e modelos compositivos..... 52
-Periodização..... 62
-Filiação..... 87
-Materiais e técnicas..... 94
-Produção artística..... 106
Mapa de localização dos retábulos do catálogo..... 150
Catálogo dos retábulos selecionados..... 153
Bibliografia 236



Aldeia Viçosa (Guarda). Igreja paroquial. Pormenor do retábulo-mor. Foto SIPA 1091499.



Algodres. Igreja da Misericórdia. Primitivo retábulo-mor. Cerca de 1621. Foto Miguel Soares - Naturalmente Tu System" - @photolages.by.miguel.soares

Editorial

Dando continuidade aos anteriores volumes da coleção Promontoria Monográfica História da Arte, que se dedica exclusivamente ao estudo dos retábulos no Mundo português, o Departamento de Artes e Humanidades da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve assume a publicação do trigésimo quinto volume, com o título *Retábulos* nas *Dioceses da Guarda e de Viseu*.

O vasto património retabular ainda subsistente, onde se incluem diversos exemplares dignos de referência a nível nacional, constitui um dos mais relevantes testemunhos da identidade destas regiões. De salientar que vários destes espécimes foram concebidos e/ou executados por artistas originários do arcebispado de Braga e dos bispados do Porto e de Coimbra. Interessantes retábulos foram igualmente efetuados por profissionais com oficinas abertas nas diversas localidades destas duas dioceses.

Deste modo, damos o nosso contributo, promovendo a sua divulgação, na esperança que as diversas entidades locais, em estreita colaboração com as comunidades, se empenhem na sua salvaguarda e preservação.

Assim, felicitamos os dois estudiosos que prepararam pacientemente a presente publicação: Francisco Lameira, docente na Universidade do Algarve e Martina del Rio João, investigadora e colaboradora assídua desta coleção.

O Diretor da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Professor Doutor Luís Sérgio Gonçalves Vieira



Santar. Igreja da Misericórdia. Retábulo-mor. Foto Hélio Ramos.

Introdução

Na medida em que os retábulos enquadravam a mesa do altar, eram entendidos como imprescindíveis pelos responsáveis religiosos, como se constata num capítulo da visita efetuada, em junho de 1709, à freguesia de Mangualde: *os moradores de São Cosmado não mandaram fazer o retábulo para a capela de São Pedro e porque fui informado que não tiveram culpa nesta falta, mando que o façam dentro de um ano,* ***por ser proibido estarem os Santos em capelas sem retábulos***[1]. Durante séculos foram utilizados como transmissores de uma mensagem religiosa, que se expressava não só nas artes figurativas (pintura e escultura), mas que também recorriam à arquitetura, às artes decorativas e, por vezes, à heráldica. Afirmavam-se ainda como um símbolo do poder da entidade ou do cliente responsável pela sua administração, o que na fase de maior de maior esplendor, isto é, nos finais do século XVII e no século XVIII, justificava a sua substituição periódica por um espécime mais atualizado, *ao moderno*, como então se designavam.

O vasto património retabular remanescente nas dioceses da Guarda e de Viseu é constituído por um significativo acervo, subsistindo ainda muitos espécimes de grande relevância artística, não só executados por profissionais sediados na região, mas também originários dos bispados de Braga, de Coimbra e do Porto.

Este estudo compõe-se fundamentalmente de duas partes. Na primeira, apresenta-se uma abordagem específica aos retábulos subsistentes nos bispados acima referidos. Os pressupostos da análise correspondem aos que utilizá-



Castelo Rodrigo. Igreja paroquial.
Retábulo do Senhor Jesus.
Foto Alex pay my due.

1 EUSÉBIO, 2005, 2, p. 277.

mos nos volumes anteriores desta coleção. Consequentemente são abordados os seguintes itens: localização, usos e funções, iconografia, encomenda, tipologias e modelos compositivos, periodização, filiação artística, materiais e técnicas e produção. Na segunda parte surge um catálogo ilustrado com fotografias, maioritariamente a cores, de oitenta exemplares, cuja seleção teve em conta diversos critérios. Em termos geográficos abrangem-se todas as vigararias ou arciprestados das duas dioceses, privilegiando-se os principais centros urbanos sem, contudo, descurar os locais mais longínquos, aos quais foi possível aceder. Em relação à cronologia houve a preocupação de testemunhar as diversas conjunturas artísticas, dando maior relevo aos séculos XVII e XVIII, época da qual sobrevive maior número de retábulos. No respeitante à sua qualidade, foi dada preferência à diversidade funcional e morfológica, bem como a certas especificidades. Finalmente, atendeu-se ao estado de conservação, preferindo-se, sempre que possível, os retábulos íntegros, isto é, os que não foram remodelados em intervenções posteriores ou adulterados por restauros recentes.

Resta, por fim, agradecer o empenhamento e a colaboração dos responsáveis dos diversos templos, públicos ou privados, que nos facultaram o acesso e o levantamento fotográfico dos retábulos recenseados. Registamos ainda o importante contributo de algumas instituições e de todos aqueles que gentilmente nos ajudaram, a seguir referenciados por ordem alfabética: Adelino Guerra, Alex, Amílcar Jorge, padre António Fonseca Coelho, padre António Morais, Atelier Samthiago, Blog À Descoberta da História Local, Blog Pastel de Vouzela, padre Bruno Lopes, Carlos A. B. Marques, Carlos Alberto Teles, padre Carlos Sousa, padre Celestino Ferreira, Comunidade Intermunicipal das Beiras e Serra da Estrela – Fragmenesis, David Pinheiro, Dias dos Reis, Eurico Ferreira de Carvalho, Fátima Eusébio, Hans-Jaguar, Hélio Ramos, Ipsphoto.us., Jacinta F., padre

João Carrola Antunes, João Cunha – Santa Casa da Misericórdia de Penamacor, Joaquim Inácio Caetano, Joaquim Lopes da Rosa, padre Joaquim Sequeira, padre Jorge Castela, padre Jorge Pinto, padre José António Almeida, padre José Carlos Lopes, padre José Joaquim Ribeiro, José Maria Correia Sampaio, Junta de Freguesia de Oliveira do Conde, Lara Alves, Luís Filipe Gonçalves, Luís Maurício – Oficina de Conservação e Restauro, padre Luís Nunes, diácono Manuel Celestino Neves, padre Manuel de Matos, Manuel V. Botelho, Manuel Vaz, Maria João del Rio, D. Maria José Soares de Albergaria Fortes Tavares Festas, Mensário Ecos de Marofa, Miguel Soares, Município de Aguiar da Beira, Município de Belmonte, Município de Figueira de Castelo Rodrigo, Município de Nelas, Município de Sátão, Município de Seia, Município de Trancoso, Mural da História, Museu de Arte Sacra – Covilhã, Museu Grão Vasco, Museu da Guarda, Museu da Lourinhã, Museu Terras de Besteiros, OCR – Oficina de Conservação e Restauro, Palácio dos Condes de Anadia – Mangualde, Paróquia de Escalhão, Paróquia de Fragosela, Paróquia de Orgens, Paróquia de Santiago de Cassurrães, Paróquia de Figueira de Castelo Rodrigo, Pedro Ventura, RAF, diácono Raúl Ribeiro, Ricardo Silva, Rita Miguel, Ruben Marques, Saiko, Santiago Abella, Tacula, Thierry Santos, Unidade Pastoral de Miranda do Douro, Virgolino Jorge, padre Vítor Lourenço e Vítor Oliveira.



Escalhão. Igreja paroquial. Pormenor de retábulo colateral. Foto Amílcar Jorge.



Vem daí,
Viajante,
Vem comigo
Visitar a velha cidade.
Vem ver os lugares
Da minha infância,
Da minha mocidade.
Vem, viajante,
Vem ver
O meu amor constante,
Aquela
Que se chama Guarda
É que, fora dela,
Me guarda a saudade,
Que me consome,
Da minha mocidade…

João Patrício, excerto de um poema, 1979.







Viseu
Encontras o Passado em qualquer parte.
Olha em redor. Aprende a interrogar
A Sé, templo de Deus, templo de Arte,
mil episódios tem para contar.
Toda a velha cidade é um livro aberto
que deves conhecer, leitor incerto,
que deves decorar,
digo-te eu.
A História, a nossa História fulgurante,
podes lê-la, bem viva e palpitante,
nas venerandas pedras de Viseu.

Ludovina Frias de Matos, excerto de um poema, 1942.

Retábulos nas dioceses da Guarda e de Viseu

O presente estudo utiliza uma linguagem simples e acessível de modo que os principais destinatários consigam facilmente entender esta interessante modalidade artística.

Apresentamos de seguida cada um dos itens atrás mencionados.



Escarigo (Figueira de Castelo Rodrigo). Igreja paroquial. Retábulo lateral. Foto SIPA 1058762.

Localização

A localização dos retábulos estava diretamente relacionada com a realização dos eventos litúrgicos promovidos pela entidade responsável pela sua administração, como veremos adiante. Se, por vezes, havia alguma liberdade de escolha do local para se construir o retábulo, noutros casos era obrigatória a sua colocação em determinados espaços. Por exemplo, as comunidades monástico-conventuais, as paróquias e as irmandades ou confrarias que administravam templos autónomos necessitavam de construir obrigatoriamente o retábulo principal na capela-mor do templo em questão. Já os instituidores particulares e as irmandades ou confrarias, sediadas em igrejas que não eram da sua responsabilidade, tinham a possibilidade de escolher a capela onde desejavam implantar-se. Caso não houvesse capelas por ocupar, mandavam executar uma nova, como ocorreu, em 1758, no Outeiro de Cima, na freguesia de Dardavaz: *o abade da igreja de Santa Maria por sua devoção e despesa mandou fabricar uma capela na dita igreja para nela se venerar a imagem da gloriosa Santa Ana, mandando para o dito efeito romper a parede do lado da Epístola em que se formou um altar*[2].

Vejamos os diversos locais disponíveis para a colocação dos

2 S. RODRIGUES, 2005, p. 67.

retábulos, de acordo com os exemplos encontrados.

-Capela-mor:

Era o lugar obrigatório onde se situava o retábulo principal, geralmente com o pé-direito mais alto e mais largo de todo o edifício, sendo a sua encomenda e posterior gestão da responsabilidade da entidade que administrava o templo.

Se na Idade Média, era frequente os altares localizarem-se *no meio da capela* (...) *conforme ao uso das igrejas antigas de Roma*[3], a partir do século XVI, quando se generaliza o uso de retábulos monumentais, passam a ser encostados à parede testeira, *à moda e estilo das igrejas de Portugal e Espanha*[4], como ocorreu nos primeiros anos do século XVI na capela-mor da igreja sé, em Viseu[5].

Uma outra inovação, ocorrida nos meados do século XVII, está relacionada com a realização dos jubileus ou *lausperene*, passando os retábulos principais a incorporar no centro da sua composição o camarim ou a tribuna, preenchida por um trono escalonado destinado à exposição solene do Santíssimo Sacramento. Entre os exemplares pioneiros apontamos o da igreja conventual de São Francisco do Monte, na freguesia de Orgens – Viseu (ver p. 166) e o da igreja paroquial de São Pedro, na Aldeia de Joanes - Fundão, este último bastante remodelado no tramo central.

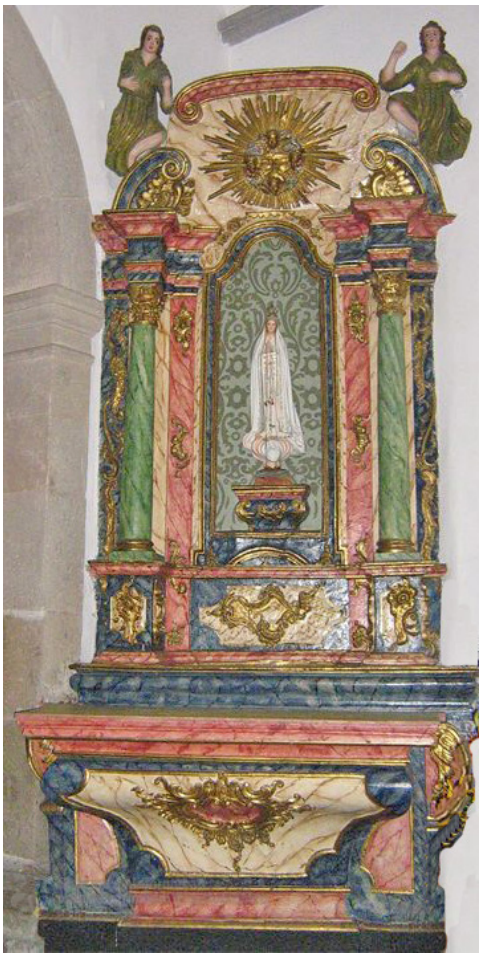
Pontualmente podia haver um ou outro retábulo nas paredes laterais da capela-mor, como o que é referido, em 1758, na igreja paroquial de São Tiago, em Carvalhais – São Pedro do Sul: *na mesma capela-mor está outro altar, para a parte do*



Oliveira do Conde. Igreja paroquial. Trono com urna no retábulo-mor. Fonte EUSÉBIO, 2005, 3, p. 40.

3 FONSECA, 1728, pp. 215 e 302.
4 FONSECA, 1728, pp. 216 e 302.
5 M. RODRIGUES, 2000, p. 256.

Evangelho, com a milagrosa imagem do Senhor Bom Jesus, cujo título é dos Passos dos Carvalhais, Senhor que continuada e frequentemente está fazendo ardentes milagres[6].



Girabolhos. Igreja paroquial.
Retábulo colateral.
Foto SIPA 1067422.

Restritos são os casos em que a parede fundeira da ousia era ocupada por três retábulos interligados, sendo exemplos os que foram construídos, em 1726, na igreja da Misericórdia, em Viseu: *dois altares colaterais e altar-mor, com todo o frontispício desta igreja*[7] e o que ainda subiste na igreja da Misericórdia, em Melo – Gouveia (ver p. 173).

-Arco triunfal

Em muitas igrejas com nave única, a parede do frontispício, junto ao arco triunfal, era preenchida por dois retábulos colaterais, normalmente gémeos. Estes resultaram quase sempre da intervenção direta da entidade responsável pela administração do templo, pretendendo-se assim dignificar esse espaço. Quando a nave era demasiado estreita, os ditos retábulos ficavam de forma enviesada, conforme se verifica na igreja paroquial de Santa Justa, em Girabolhos – Seia e na ermida de Nossa Senhora do Viso, em Carvalhal Redondo – Nelas.

Em certos casos, os dois retábulos colaterais ao arco triunfal encontram-se interligados entre si, na maioria das situações por talha dourada, preenchendo muitas vezes a totalidade do frontispício da nave através de uma aparatosa cenografia, solução exclusivamente portuguesa. Como exemplos referimos o arco triunfal retabular da igreja paroquial de Nossa Senhora da Natividade, em Barreiro de Besteiros – Tondela (ver p. 192) e o da igreja conventual da Madre de Deus, de religiosas clarissas, em Vinhó – Gouveia (ver p. 207).

6 EUSÉBIO, 2005, 2, p. 522.
7 ALVES, 2001, 3, pp. 181 a 185.

-Transepto:

Nos templos com transepto, as paredes do topo apresentam avultadas dimensões, as maiores logo a seguir à capela-mor. Consequentemente, eram locais de grande prestígio, sendo preferidos por entidades mais proeminentes para aí construir os seus retábulos. Como exemplos apontamos o do Espírito Santo, na sé de Viseu, antes proveniente da capela-mor deste mesmo templo e o de Nossa Senhora da Conceição, na sé da Guarda (ver p. 234).



Viseu. Sé. Antigo retábulo-mor, atualmente no transepto.
Foto Santiago Abella.

-Outras capelas da cabeceira:

Nos templos com capelas na cabeceira, independentemente de serem mais ou menos profundas, havia retábulos nas paredes fundeiras, como os que existiam na igreja da sé, na cidade da Guarda e os que ainda subsistem na igreja monástica de Santa Eufémia, em Ferreira de Aves - Sátão (ver p. 102).

-Nave(s):

A partir do Antigo Regime, os diversos retábulos secundários passaram a localizar-se preferencialmente nas paredes da(s) nave(s) ou então nas capelas situadas no corpo da igreja, quase sempre inscritas num emolduramento de cantaria. Os retábulos situavam-se maioritariamente nas paredes do topo, ficando numa posição fronteira ao olhar dos fiéis. Encontramos exemplos na igreja paroquial de São João de Lourosa – Viseu e na igreja paroquial de São Tiago, em Penamacor (ver p. 99).

Com menos frequência podiam alocar-se numa parede lateral da capela, sempre no lado do Evangelho, conforme se verifica nas igrejas paroquiais de Nossa Senhora da Assunção, em Linhares da Beira – Celorico da Beira e na de Nossa Senhora de Rocamador, em Castelo Rodrigo – Figueira de Castelo Rodrigo.



Castelo Rodrigo. Igreja paroquial. Retábulo situado numa parede lateral de uma capela da nave.
Foto SIPA 1057132.



Sátão. Sacristia da igreja monástica de Santa Eufémia. Oratório. Foto SIPA 16422.

-Sacristia

Para além do oratório, frequentemente existente sobre o arcaz, local onde os sacerdotes se paramentam, nas sacristias das colegiadas e das catedrais era costume haver um retábulo, como o que ainda subsiste no extinto convento de Santo António, em Penamacor e na capela dos Brasis, em Torre de Terrenho – Trancoso. Na Misericórdia de Viseu, nas Memórias Paroquiais de 1758, é referida a existência de um *altar dedicado à Conceição Puríssima da Senhora no vão que vai para a sacristia*[8].

-Consistórios ou Casas do Despacho:

Determinadas igrejas, designadamente as que eram administradas por ordens terceiras e irmandades de maior relevância, dispunham de uma sala para as reuniões periódicas dos irmãos da mesa. Nesta sala havia normalmente um retábulo, como acontece na Santa Casa da Misericórdia, em Santa Comba Dão.

-Coros

Nos edifícios monástico-conventuais podia haver um ou mais retábulos, quer no coro baixo, quer no alto, de modo que os membros dessa comunidade religiosa pudessem aí assistir à celebração de alguns ofícios. Exemplificamos com o que é mencionado numa descrição setecentista do convento de São Francisco, em Orgens – Viseu, então com a invocação de Nossa Senhora das Dores, numa capela que antecedia o coro[9].

-Claustro:

Era muito frequente a presença de retábulos no claustro, nomea-

8 EUSÉBIO, 2002, p. 378.
9 FIGUEIREDO, 2009.

damente na sala do capítulo e em pequenas capelas, quer para uso comunitário, quer para servir de local de enterramento de clientes de largos rendimentos. Na sé de Viseu, na Memórias Paroquiais de 1758, são referenciados oito altares[10], um dos quais tinha sido ajustado vinte anos antes, entre o mestre entalhador Alexandre Marques de Resende e o procurador da irmandade de Nosso Senhor dos Passos. Atendendo a que, em 1741, este último exemplar ainda não estava concluído, o cabido da sé deu 48$000 réis para completar a sua feitura[11].



Viseu. Sé.
Retábulo do claustro.
Foto SIPA 861988.

-Capela do Noviciado:

A capela do noviciado destinava-se aos ofícios religiosos e demais celebrações dos noviços que, durante um ano, se preparavam para a profissão religiosa que os habilitava ao ingresso numa instituição religiosa. No convento de Santo António, em Viseu, a capela do Noviciado era dedicada a Nossa Senhora da Conceição[12].

-Pequenas capelas ou ermidas em cercas conventuais:

As pequenas ermidas ou capelas existentes nas cercas conventuais, muitas vezes, eram dotadas de retábulos, normalmente de modestas dimensões, como o que existiu na capela da Sagrada Família, na cerca do convento de São Francisco do Monte, na freguesia de Orgens – Viseu, executada por D. Jerónimo Soares, bispo de Viseu, a instâncias de frei Manuel de São José[13].

-Enfermarias

Do mesmo modo, as enfermarias, quer as dos hospitais, quer as

10 EUSÉBIO, 2002, p. 280.
11 ALVES, 2001, 2, pp. 179 e 180.
12 FIGUEIREDO, 2008 - 2009.
13 FIGUEIREDO, 2009.



Sortelha.
Passo da Via Sacra.
Foto SIPA 18279.

de instituições monástico-conventuais, dispunham de altares destinados à celebração de ofícios religiosos para os enfermos, como o que é referenciado, no inventário de 1834, no convento de São José, em São Pedro do Sul, em cujo altar estava *uma imagem de Santa Bárbara, de pau, antiga e pequena*[14].

-Passos processionais

Alguns passos processionais podiam ter a forma de altar, em que eram expostas telas pintadas alusivas à Paixão, no dia da procissão do Senhor dos Passos, conforme se constata nos cinco passos da Via Sacra ainda subsistentes na aldeia da Sortelha – Sabugal.

-Oratórios dos presos:

Quer as cadeias estivessem ou não incorporadas nas Casas da Câmara, era frequente haver nas imediações uma pequena capela com um altar destinado aos serviços religiosos dos presos. Por exemplo na cidade de Viseu *a capela de Nossa Senhora do Salmo, mandada construir por um meio cónego prebendado da sé, ficava defronte da cadeia dos presos*[15].

-Capelas privativas de habitações senhoriais ou de quintas de recreio:

Alguns setores da população, de elevado estatuto social (nobres, mercadores ou clérigos), possuíam capelas privativas incorporadas nas suas habitações ou nas suas quintas. Nelas havia obrigatoriamente um retábulo na parede testeira do presbitério, apontando-se como testemunhos o da capela de Santa Eufémia, no solar dos Serpa Pimentel, em Gouveia e o que foi ajustado, a 1 de

14 EUSÉBIO, 2005, 2, p. 551.
15 EUSÉBIO, 2005, 2, pp. 739 e 740.

janeiro de 1754, entre o capitão António Teixeira de Carvalho e o mestre entalhador Manuel Madeira, comprometendo-se este último a *lhe fazer o retábulo da sua capela de Santo António, pegada às suas casas*[16], na Rua de Cimo de Vila, em Viseu.



Viseu. Capela de Santo António . Retábulo mandado ajustar em 1754. Fonte ALVES, 2001, 3, EST. 61.

-Edificações militares

A maioria das edificações militares detinha um templo, de maiores ou menores dimensões, no interior do recinto fortificado, na qual havia um retábulo onde se celebravam missas, incluindo para os que aí prestavam serviço. São testemunhos os que existiram na igreja de Santa Maria do Castelo, em Castelo Mendo – Almeida.

-Cemitérios:

Apesar da larga maioria da população ser enterrada no interior dos templos, quer em capelas privativas (membros da nobreza, clero e burguesia endinheirada), quer no solo da nave (restante população) e à porta da igreja, quando já não havia mais lugares disponíveis, houve alguns cemitérios mais afastados no exterior, destinados aos mais desfavorecidos.

A partir do século XIX, na sequência do aumento exponencial da população e da consequente proibição de se enterrarem os defuntos nos templos, surgem os cemitérios públicos, administrados pelos municípios, passando estes a ter uma capela, dotada de um retábulo, normalmente de modestas dimensões. Exemplificamos com o pagamento efetuado pela Santa Casa da Misericórdia de Viseu, a 18 de abril de 1870, com *Manuel Pais Pereira, desta cidade, importância da metade do preço por que vendeu uma banqueta completa para o altar da capela do cemitério público desta cidade: 12$000 réis*[17].

16 ALVES, 2001, 2, p. 171.
17 ALVES, 2001, 2, p. 121.

-Retábulos portáteis ou amovíveis:

Resta-nos, por fim, referir alguns exemplares de pequenas ou médias dimensões, frequentes na Idade Média e no século XVI, que podiam ser guardados nas sacristias, sendo nestes casos expostos sobre o altar quando se celebravam os ofícios religiosos. São exemplos o tríptico da *Lamentação com santos franciscanos*, depositado no Museu Grão Vasco, provavelmente proveniente do convento franciscano de Orgens[18] e o de um *Santo Bispo, Santo Antão e Santo António*, no Museu da Guarda, oriundo de Badamalos – Sabugal[19] (ver p. 159).



Orgens. Tríptico da Lamentação, atualmente no Museu Grão Vasco.

Referimos ainda alguns retábulos de pequenas dimensões *utilizados em deslocações por terra ou por mar, em expedições militares, nas visitações regularmente realizados por prelados nas suas circunscrições territoriais e ainda em situações especiais, como a assistência aos enfermos e aos presos*[20].De anotar que o infante D. Henrique, na qualidade de

18 M. RODRIGUES, 2000, p. 199.
19 MATRIZNET.
20 MENDONÇA, 2016, p. 13.

duque de Viseu e Senhor da Covilhã, passou a dispor de um altar portátil a partir de 1420.

-Em praças públicas

Só em ocasiões especiais é que se montavam altares efémeros na via pública, como ocorreu na cidade de Viseu, em 1733, na procissão em que se trasladou *a imagem de Nossa Senhora do Carmo da ermida em que estava para a nova capela que lhe edificaram os seus filhos terceiros*. Os diversos altares apresentam *diferentes enigmas e passos da Sagrada Escritura figurados, aludindo todos à presente solenidade* (...) *na rua que vai direita à praça se via, com admiração do infinito povo, um magnífico altar que mandou fazer o reverendo D. António Cardoso Pereira, vigário-geral deste bispado* (...), na Rua da Regueira *um altar de admirável arquitetura e fábrica* (...) e na Rua do Soar um outro, graças à devoção do reverendo cónego João de Madeira[21].

-Retábulos deslocados:

Por vicissitudes diversas muitos retábulos foram retirados dos seus locais de origem, tendo sido transferidos para outros templos, para arrecadações, para museus ou simplesmente destruídos. Se, em determinadas situações, podemos visualizá-los em locais diferentes, conforme se constata no interessante retábulo-mor da igreja conventual de Santo António, em Viseu, atualmente na igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Nelas (ver p.42) e no da capela do Leão, anexa ao solar dos Morgados de Pancas, em Alpedrinha – Fundão, atualmente em Lardosa, na posse dos proprietários da capela[22]; noutros casos apenas subsistem descrições históricas, desenhos, estampas e registos fotográficos,



Alpedrinha. Capela do Leão. Retábulo. Atualmente encontra-se numa capela particular em Lardosa.
Foto SIPA 74175.

21 CASTILHO, 2012, p. 79.
22 CONCEIÇÃO, 1994a.

como sucede com o que representa o retábulo da capela do Nome de Jesus de Abrunhosa-a-Velha – Mangualde, feito e assinado em 1653 pelo escultor Bernardo Correia (ver p. 124).

Excluímos deste estudo os oratórios privativos, equipamentos existentes normalmente na casa dos seus proprietários e que eram restritos às orações familiares. No entanto, alguns possuíam mesa de altar e modestas estruturas retabulares, nos quais se celebrava missa, depois de obtida licença dos responsáveis diocesanos, como ocorreu, em 1738, quando o padre Manuel Ribeiro Pinto, morador na Póvoa de Espinho, no bispado de Viseu, pediu *licença para se benzer o oratório* da sua residência e para nele poder *celebrar missa*[23].



Algeraz (Nelas). Ermida de São Domingos. Retábulo originário do altar-mor, com algumas remodelações posteriores.
Fonte EUSÉBIO, 2005, 3, p. 161.

23 EUSÉBIO, 2005, 2, p. 242.

Usos e funções

Entre os exercícios espirituais praticados nos retábulos, o mais frequente era a celebração de missas. Para além das que se destinavam a toda a comunidade, ocorridas aos domingos e nas várias festividades, realizavam-se ainda diversos ofícios por dia, por vezes, em simultâneo, cada uma em ser altar, quer como ritual obrigatório dos sacerdotes, quer para sufragar as almas dos defuntos. Alguns retábulos tinham inclusivamente privilégios, como acontecia, por exemplo, no da capela-mor da igreja conventual de São Francisco, em Orgens – Viseu, em que *era concedido por missa a remissão dos pecados durante sete anos*[24].

Deste modo, se justifica a existência de múltiplos retábulos em certos templos. Por exemplo, nas Memórias Paroquiais de 1758, são referenciados na igreja sé de Viseu oito altares e no claustro mais oito[25] e nos meados do século XIX, na igreja de Santa Maria, na Covilhã, onze altares[26].

Cumpre, no entanto, diferenciar os espécimes, quer porque alguns eventos só podiam ser realizados num determinado altar, quer pelos diferentes conteúdos exibidos. Apresentamos, de seguida, as diversas situações detetadas, tendo em conta a função predominante.



Covilhã. Igreja paroquial de Santa Maria. Retábulo lateral. Foto SIPA 182565.

Narrativos ou didáticos

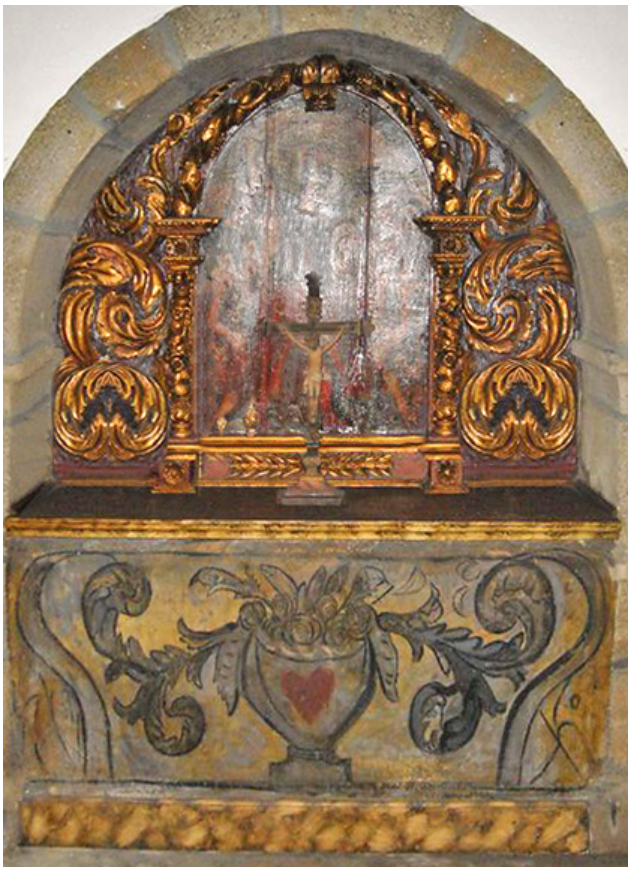
Tinham como função principal proporcionar aos fiéis, preponderantemente iletrados, a amostragem de ciclos figurativos que ilustrassem a mensagem a transmitir. Esta tipologia foi muito frequente no século XVI. Se na maior parte das vezes se recorria à pintura sobre madeira, como ocorria na catedral de Viseu (no retábulo-

24 CARDOSO, 1747, pp. 612 e 613.
25 EUSÉBIO, 2002, pp. 278 e 280
26 QUINTELA, 1899, p. 128.

-mor e nos da cabeceira), em menor número eram os de pedraria com relevos escultóricos, por vezes dourados, sinalizando-se, como testemunho de grande relevância o da capela-mor da igreja da sé, na Guarda (ver p. 156).

Devocionais a um só tema

Possibilitavam a concentração dos fiéis num único acontecimento, evitando deste modo a dispersão na observação dos ciclos figurativos. Foram sempre usados, no entanto, passaram a ser da preferência da maior parte da clientela a partir do Protobarroco, isto é, do segundo quartel do século XVII, conforme o atestam o altar colateral, do lado do Evangelho, na igreja paroquial do Santíssimo Salvador, na freguesia de Mosteiro de Fráguas – Tondela (ver p. 167) e o da capela do Fidalgo, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, em Castelo Bom – Almeida.



Castelo Bom. Igreja paroquial. Retábulo da capela do Fidalgo. Foto SIPA 1023683.

Devocionais a dois temas

Foram muito pouco usados, na sua maioria em retábulos com corpo único e dois tramos, salientando-se como exemplo um dos altares laterais da igreja paroquial de Louriçal do Campo – Castelo Branco, exemplar oitocentista dedicado aos Sagrados Corações de Jesus e de Maria (ver p. 85).

Devocionais a três temas

Surgiram como alternativa à devoção a um só tema iconográfico. Para além do orago do retábulo, havia mais duas representações figurativas secundárias, colocadas nos tramos laterais. Consequentemente, na maioria das situações, estes espécimes tinham corpo único e três tramos. Se a representação do orago era quase sempre em escultura, nos tramos laterais tanto po-

diam ser em pintura, como em escultura.

São testemunhos o retábulo de Nossa Senhora da Conceição, na sé da Guarda (ver p. 234) e o de Santa Teresa de Ávila, na igreja da Ordem Terceira do Carmo, em Viseu (ver p. 223).

Retábulos devocionais a vários temas

Foram pouco frequentes, tendo sido utilizados em exemplares com um ou dois corpos e três ou mais tramos. Para além da representação escultórica do orago, no centro da composição, havia várias imagens individualizadas, quer em escultura, quer em pintura, da devoção da entidade responsável pela sua administração. A título de exemplo indicamos o retábulo da ermida do Espírito Santo, em Almaceda – Castelo Branco e o da ermida de São Francisco, na Póvoa de Arcediago, freguesia de Canas de Santa Maria (ver p. 171).



Almaceda. Ermida do Espírito Santo. Retábulo devocional a vários temas. Foto SIPA 1079170.

Eucarísticos

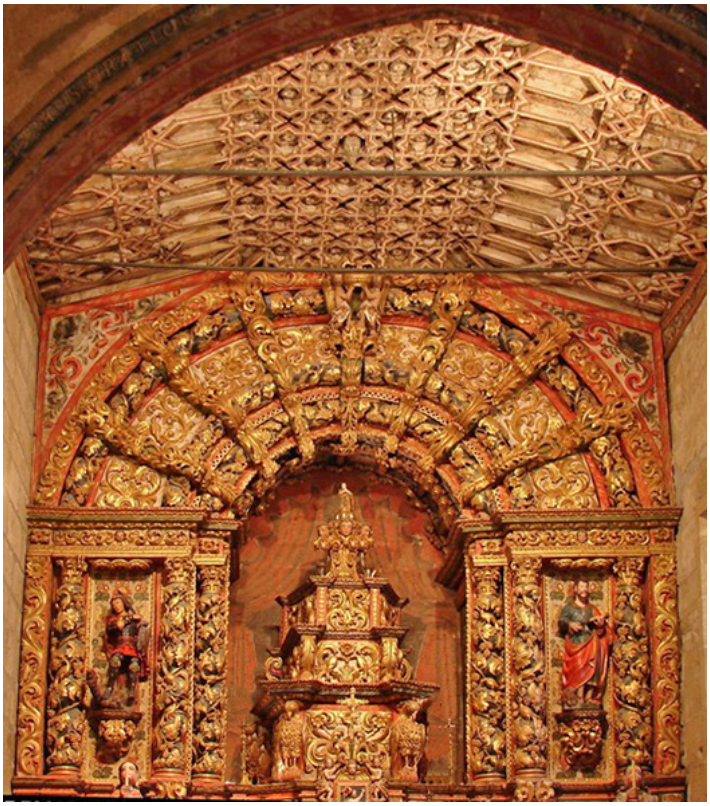
A exposição solene da urna com o Santíssimo Sacramento, na Quinta-Feira Santa ou de *Endoenças*, era realizada em equipamentos amovíveis, vulgarmente conhecidos por *sepulcros*, que se montavam e desmontavam em cada Quaresma.

O aparecimento do *Jubileu das Quarenta Horas*, nos princípios do século XVII[27] e mais tarde de outros jubileus ou *lausperene*, alguns de periocidade mensal, valorizaram estes eventos, que se realizavam em certos templos com grande solenidade.

Para evitar a constante montagem e desmontagem destes equipamentos e a consequente deterioração dos mesmos, surge como solução especificamente portuguesa colocar os *sepulcros* ou tronos, de

27 O primeiro ocorreu em 1608, tendo sido realizado pelos Carmelitas Descalços em Lisboa, nomeadamente pelo padre provincial frei Pedro da Anunciação: *armaram a igreja às mil maravilhas, prepararam excelente música, fizeram um trono majestoso para ali aparecer em público o rei dos céus e da terra e adornaram os altares com muita variedade de cheiros e perfumes* (…). *E os muito reverendos padres da Companhia foram os que mais se alegraram nos louvores da obra e se adiantaram na sua imitação pois no ano seguinte de 1609 imitaram-na em São Roque, sendo prepósito o muito reverendo padre Jerónimo Dias* (SANTA ANA, 1657,1, pp. 460 a 463).

forma permanente, no interior de um espaço que passou a existir na parte central dos retábulos, isto é, nos camarins ou tribunas.



Escarigo. Igreja paroquial. Retábulo-mor, sobressaindo o camarim com o trono escalonado, outrora destinado à exposição solene do Santíssimo Sacramento. Foto Rita Miguel - Portugal Notável.

Na maior parte do ano, a boca do camarim era ocupada por cortinas de tecido ou então por uma tela pintada, amovível, com a representação do orago. São exemplos, respetivamente, os retábulos-mores de duas igrejas: a da paróquia de São Miguel de Vila Boa – Satão, em que o visitador do bispado de Viseu recomenda, em 1764, que *o juiz e os eleitos mandarão comprar umas cortinas de brim azul que cubram todo o vão do camarim*[28] e o da igreja conventual de São Francisco, em Orgens – Viseu: em que nas Memórias Paroquiais de 1758 é mencionado *um quadro com a imagem pintada de São Francisco*[29].

Quase todas as igrejas matrizes ou paroquiais procediam à exposição solenemente do Santíssimo Sacramento, sendo estas cerimónias promovidas pelas confrarias ou irmandades do Santíssimo, compostas maioritariamente pelos residentes mais ilustres em cada freguesia. Por exemplo, a da sé de Viseu era assim descrita em 1758: *com uma irmandade nobre, luzida e de bastante rendimento*[30].

Nas igrejas monástico-conventuais o culto solene ao Santíssimo era providenciado pelos responsáveis de cada comunidade religiosa, realizando-se estes exercícios espirituais na maioria das situações na capela-mor, podendo também ocorrer nos coros nos cenóbios femininos, onde havia um expositor em lugar elevado, bem visível do cadeiral.

28 EUSÉBIO, 2005, 2, p. 625.
29 EUSÉBIO, 2005, 2, p. 760.
30 EUSÉBIO, 2002, p. 281.

Certas irmandades e ordens terceiras conseguiram obter dos responsáveis religiosos de cada diocese autorização para expor o Santíssimo Sacramento, tendo para isso mandado construir retábulos adequados. As entidades que, com maior frequência, solicitaram esse pedido foram as ordens terceiras de Nossa Senhora do Carmo e de São Francisco e as irmandades da Misericórdia.



Pinhel. Igreja da Misericórdia.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 522295

O aparecimento dos camarins ou tribunas, a partir dos meados do século XVII, levou a que determinados retábulos, algumas décadas depois, se adaptassem a esta nova necessidade e consequentemente passaram a incorporar um camarim no tramo central. Foi o que sucedeu no retábulo principal da igreja da Santa Casa da Misericórdia, em Santar – Nelas, cuja tribuna foi aberta nos princípios do século XVIII[31] (ver p. 8).

Assistimos, no entanto, à continuação do uso de tronos, portáteis ou amovíveis, designados na documentação por *sepulcros* ou *túmulos*, que se montavam e desmontavam periodicamente, conforme se constata nos seguintes exemplos: num dos capítulos da visita efetuada em 1673 à igreja paroquial de São Julião, em Mangualde: *mando aos assistentes da fábrica façam reparar alguns pedaços da guarnição do retábulo do altar-mor e tenham particular cuidado de quando se armar o* ***sepulcro*** *não arrimem as madeiras ao retábulo, com cominação de que havendo de reificação no dito retábulo por este respeito se reparará à custa da confraria do Senhor*[32]; por sua vez, em 1685, o mestre entalhador lisboeta José Antunes, compromete-se com o procurador do bispo da Guarda, D. frei Luís de Sousa, *fazer um* ***túmulo*** *de madeira de bordo, todo entalhado a seu contente, conforme o rascunho que fez ao senhor bispo* (...) *em preço e quantia certa de 100$000 réis*[33].

31 EUSÉBIO e MARQUES, 2005, p. 187.
32 EUSÉBIO, 2005, 2, p. 258.
33 FERREIRA, 2009, 2, pp. 220 e 221.



Viseu. Igreja da sé.
Braço-relicário de São Teotónio.
Foto ManuelVBotelho.

Relicários

Entre as novas diretrizes do Concílio de Trento destaca-se o culto das relíquias, como se verifica na bula *Iniunctum nobis*, decretada pelo papa Pio IV, em 1564: *sustento com constância que* (…) *os Santos, que reinem com Cristo, devem ser venerados e invocados e que eles oferecem orações a Deus por nós e que* ***as suas relíquias devem ser veneradas***[34].

Atendendo a que a aquisição de relíquias era muito dispendiosa, só algumas elites, designadamente membros da nobreza e altos dignitários religiosos, as podiam obter. Vejamos alguns exemplos:

-No mosteiro de Santa Clara, na cidade da **Guarda,** existiam *dois espinhos da coroa do Redentor, que as duas religiosas já referidas trouxeram de Avinhão, como inestimável dádiva do pontífice; alguns ossos dos Mártires de Marrocos, ofertados pela já falada abadessa de Lorvão, D. Catarina de Eça; um crânio das Onze Mil Virgens, que veio do mosteiro do Vale de São Lamberto (Itália), por diligências de D. João de Meneses, o Roxo, natural de Penamacor, que andava em esse tempos nas guerras das Flandres, sendo a sagrada relíquia entregue por sua irmã, D. Guiomar de Castro, em 18 de março de 1607, mediante certas condições que estipulou com as freiras; crânio de São Félix, mártir, que a abadessa D. Catarina da Encarnação, da Casa de Belmonte, obteve por intermédio do padre Francisco Saraiva, natural da Guarda, que esteve em Roma, desempenhando honrosa comissão; o corpo de São Pancrácio, mártir; outro de Santa Flora, virgem e mártir; relíquias de São Lúcio, papa e dos mártires Rústico, Probo e Protásio, Herculano, Aquilino, Luciano, Sátiro, Claro e Vidal, Nicolau, Dário, Antígono, Abúndio, Telésforo e Rufino, Malco Mariano e Marino e das santas virgens e mártires Apolónia, Águeda, Aurélia, Flavia, Emiliana, Ninfa, Pelágia, Secunda, Celerina, Serápia, Benedita e Calixta; todas estas obtidas pelo dito padre Saraiva, com a respetiva certidão de serem as próprias e verdadeiras*[35].

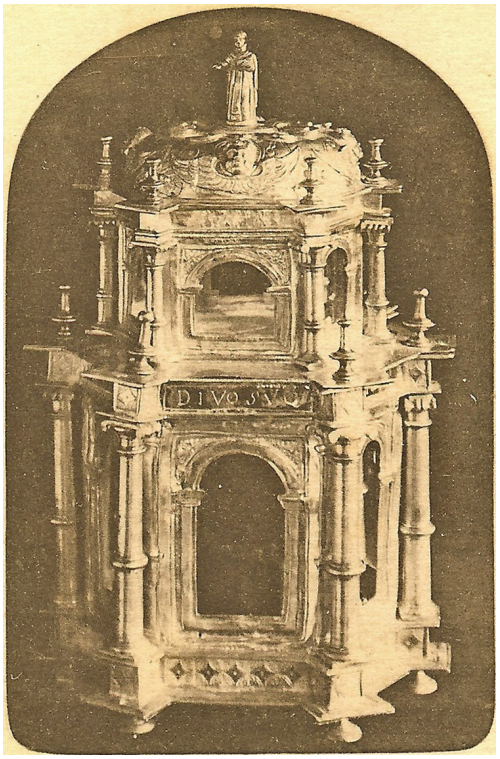
34 O. RODRIGUES, 2010, p. 67.
35 GAMA E CASTRO, 1902, pp. 89 e 90.

-Na igreja de Santa Maria, na **Covilhã**, *existe uma preciosa relíquia do Santo Lenho da Cruz em que Cristo padeceu, oferecida à mesma vila pelo infante D. Luís, filho de el-rei D. Manuel I, quando tomou posse dela e a habitou*[36].

-Nas Memórias Paroquiais de 1758, relativas a **Vouzela** é dito: *tem mais esta vila uma capela de São frei Gil, natural desta mesma vila* (...) *e nesta capela está a imagem do dito Santo, tem mais um sacrário onde está uma relíquia do dito Santo, que é o queixo de baixo com alguns dentes, que faz muitos milagres, assim nesta freguesia, como nas circunvizinhas. Está esta relíquia metida em um cofre de prata, com suas vidraças, fechada no dito sacrário com três chaves*[37].

-Em ***Pinhel,*** *no mosteiro de São Luís, de religiosas clarissas, existem e se veneram quatro corpos inteiros de santos, a saber, o de São Caio, papa e mártir, o de São Vital, o de Santa Teodora, virgem e o de Santa Cristina, os quais foram de Roma transferidos a este reino por Heitor de Sela Falcão a quem o pontífice Paulo V fez mercê deles, com outras relíquias, no ano de 1620*[38].

-De acordo com a *Crónica da Santa Província de Nossa Senhora da Soledade*, de 1762, no convento de Santo António, em **Penamacor**: *na boca da tribuna do mesmo altar-maior da igreja está o meio corpo com duas relíquias dos nossos Santos Mártires de Marrocos, a qual deu o padre pregador frei Alberto de Aveiro, que no mesmo convento jaz sepultado. Correspondente a esta, da outra parte, na boca da mesma tribuna está uma custódia de todo dourada, com duas relíquias do manto do nosso padre São Francisco, a qual deu monsenhor Moutinho, natural da cidade do Porto*[39].



Vouzela. Capela de São frei Gil. Cofre relicário. Foto Blog pasteldevouzela.

Os retábulos que acolhiam as relíquias normalmente dispunham de lóculos ou pequenos nichos, muitas vezes dotados de portas ou tapados por uma tela pintada. Em certos casos, os relicári-

36 QUINTELA, 1899, p. 85.
37 EUSÉBIO, 2005, 2, p. 921.
38 CASTRO, 1763, 2, p. 216.
39 HENRIQUES, 2007, p. 48.

os assentavam na banqueta de um ou outro retábulo sem haver qualquer local previamente destinado.

Outros locais possíveis eram no sacrário, geralmente no interior, conforme se verifica na igreja da Misericórdia, na **Covilhã**, no retábulo do Santíssimo: *o sacrário que nele existe era para se guardar uma relíquia que o bispo da Guarda, João de Mendonça, em 16 de fevereiro de 1720, ofereceu a esta Casa* (...) *esta relíquia foi oferecida a D. João de Mendonça, quando esteve em Roma*[40] e na igreja da sé, em **Viseu**. Nesta última, em 1675: *há algumas relíquias notáveis, entre elas um braço de São Teotónio, que se conservam no altar-mor em sacrário, com toda a decência*[41] (ver p. 32). Nas Memórias Paroquiais de 1758: *a relíquia insigne do braço direito (*do glorioso Santo Teotónio*), que junta com a do Santo Lenho, São Brás, São Sebastião e uma das cabeças das Onze Mil Virgens, se guarda com o mais religioso culto no sacrário decente que está no altar referido do Espírito Santo*[42].

Se na larga maioria as relíquias tinham pequena dimensão, pontualmente eram compostas por um corpo inteiro de um mártir, como se vê num retábulo existente na igreja paroquial de São Bento, em Louriçal do Campo – Castelo Branco, onde surge o corpo do mártir São Fiel, trazido de Roma nos finais do século XVIII ou nos princípios da centúria seguinte.

Para além dos retábulos, alguns relicários continuaram a estar guardados em expositores existentes noutros locais: paredes laterais de capelas, sacristias, coros, etc.

Aldeia Viçosa (Guarda). Igreja paroquial. Relicários existentes nas paredes laterais da capela-mor.
Foto SIPA 1091496.



40 QUINTELA, 1899, p. 170.
41 EUSÉBIO, 2005, 2, p. 934.
42 EUSÉBIO, 2005, 2, p. 747.

Iconografia

O caráter predominantemente religioso dos retábulos determinou o emprego de múltiplas representações, não só alusivas a conceitos morais associados ao Catolicismo, mas também de divisas relacionadas com a entidade promotora da sua feitura e posterior administração.



Viseu. Igreja da Ordem Terceira do Carmo.
Pormenor do retábulo-mor.
Fonte EUSÉBIO, 2005, 3, p. 383.

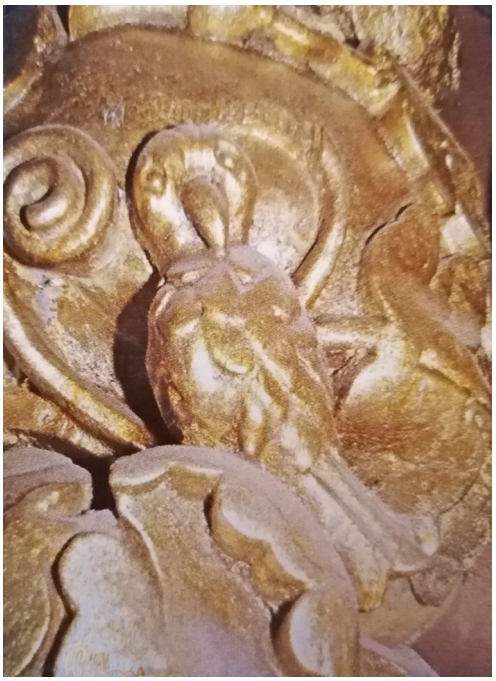
A própria estrutura arquitetónica usada na sua composição e os respetivos campos decorativos dignificam e nobilitam os conteúdos iconográficos que se pretendiam proporcionar aos fiéis, registando-se para cada época uma intencionalidade específica. Assim, podemos detetar alegoria do poder, utopia do mundo antigo, transgressão e rutura com o mundo pagão, contenção e decoro, desequilíbrio e complexidade, envolvência e acolhimento, magnificência e luxo, graciosidade e delicadeza, imponência e seriedade, saudosismo e fascinação por épocas passadas, etc…

Os temas iconográficos encontram-se hierarquizados: os mais importantes localizam-se no retábulo principal, por exemplo a exposição do Santíssimo Sacramento ou o orago do templo; os menos relevantes, nos restantes altares. Por sua vez, no mesmo retábulo os tramos laterais são secundários relativamente ao tramo central, prevalecendo o do lado do Evangelho sobre o lado da Epístola.

Não só nos elementos arquitetónicos, mas também em determinados espaços da composição retabular, a saber no embasamento, nos intercolúnios e no ático, encontramos alguns temas mais genéricos, designadamente símbolos eucarísticos (cachos de uvas, espigas de trigo, fénix, etc.), figuras de Virtudes (Fé, Esperança, Caridade, etc.), invocações naturalistas, sendo as mais frequentes: a folhagem de *cardo* (tormentos), as flores (esperanças), os frutos (obras), as folhas (palavras), as romãs (conformidade), as



Escalhão. Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto Paróquia de Escalhão.



Quintela de Azurara. Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo-mor.
Fonte EUSÉBIO, 2005, 3, p. 130.

rocalhas ou concheados (interioridade, domínio íntimo feminino), grotescos (alusões ao mundo antigo), figuras híbridas, seres fantásticos, medalhões, efígies, animais diversos (fénix, mochos), personagens com expressões particulares e adereços locais, etc.

Convém referir que, em determinadas regiões, a participação de mão-de-obra local, pouco familiarizada com o formulário artístico de maior erudição, recorria a soluções vernaculares, mais próximas dos destinatários.

Em relação às divisas das entidades promotoras da feitura e posterior administração dos retábulos, verificamos que em muitos exemplares houve a preocupação de as mandar colocar numa cartela ou numa tarja, normalmente em locais bem visíveis, por exemplo no frontal da mesa do altar, nos pedestais do registo inferior do embasamento, no ático ou remate da composição retabular, no frontispício do arco triunfal, etc. Deste modo, é frequente encontrar os escudos das diversas Ordens religiosas, dos bispos, de algumas confrarias ou irmandades e ainda as armas reais e dos instituidores da nobreza. A título de exemplo apontamos as divisas da Ordem de São Bento, no altar principal da igreja monástica de Santo António ou do Bom Jesus, em Viseu; a cruz de Malta, no retábulo-mor da igreja de São João de Malta, na Covilhã (ver p. 213), as insígnias franciscanas, no retábulo-mor da igreja conventual de Santa Cruz da Fraga, em Ferreira de Aves, as armas portuguesas, no retábulo da ousia da igreja paroquial de São Vicente da Beira e no da Misericórdia, ambos no concelho de Castelo Branco Guarda, o brasão do bispo D. Jerónimo Carvalhal e Silva, no remate do arco triunfal da igreja de São Vicente, na Guarda, etc.



Ferreira de Aves. Igreja conventual de
Santa Cruz da Fraga.
Pormenor do ático do retábulo-mor.
Foto SIPA 744716.

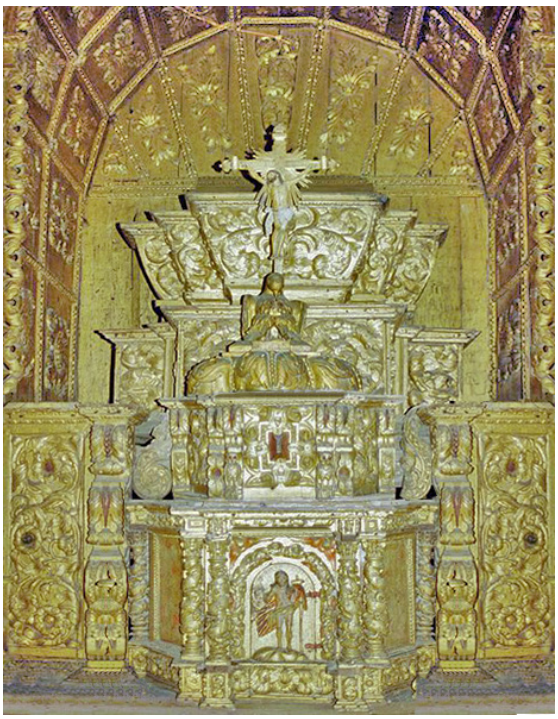
É, no entanto, na representação do orago dos retábulos que mais se investe, enumerando-se, de seguida, os temas mais frequentes.

Santíssimo Sacramento

Representa a apoteose eucarística, destacando-se o sacrário, por vezes, de grandes dimensões e o trono escalonado, na maioria dos casos, colocado no interior do camarim, onde se expunha uma custódia ou uma urna, aquando da exposição do Santíssimo Sacramento. Nos degraus colocavam-se várias velas ou *lumes* que se acendiam no *lausperene*.

Nas restantes ocasiões, a boca da tribuna podia estar preenchida com cortinas de tecido, ou com uma tela pintada, como a que é referenciada, nas Memórias paroquiais de 1758, respeitante à igreja paroquial de São Pedro, em Oliveira do Conde: *um grande e assombroso painel da Ceia do Senhor*[43].

Com alguma frequência são usadas representações de ostensórios envolvidos por resplendores ou cálices sobrepostos com uma hóstia, quer em determinados elementos do retábulo, quer noutros espaços anexos, nomeadamente no teto da capela, no frontispício do arco de entrada, etc.



Pinhel. Igreja paroquial de Santa Maria. Sacrário e trono do retábulo-mor. Foto SIPA 18688.

Cristíferos

O tema mais frequente é o Senhor Crucificado, sendo comum encontrar outras representações ligadas à Paixão, com maior frequência nos retábulos narrativos ou didáticos. Até no interior da mesa de alguns altares, designadamente em determinadas igrejas paroquiais, é possível colocar a representação escultórica do Senhor Morto, como ocorre no retábulo de Santo Cristo, na igreja matriz de São Pedro, em Oliveira do Conde (ver p. 45).

Como testemunhos de retábulos cristíferos indicamos, para além do exemplar anteriormente mencionado, o do Calvário, na igre-



Pinhel. Igreja conventual de Santo António. Sacrário com a representação do *Agnus Dei*. Foto SIPA 744661.

43 EUSÉBIO, 2005, 2, p. 153.

ja paroquial de São Miguel, em Escarigo – Figueira de Castelo Rodrigo (ver p. 16); o do Senhor dos Passos, na sé, em Viseu e o do Senhor do Calvário, na igreja da Misericórdia, em Viseu (ver p. 233).

Marianos

Foram muito frequentes as representações da Virgem Maria, sendo possível encontrar no mesmo templo mais do que uma capela dedicada a Nossa Senhora, como se constata nas catedrais da Guarda e de Viseu, onde são referenciados, respetivamente, o orago – Nossa Senhora da Conceição (ver p. 156) e os altares de Nossa Senhora do Rosário, da Natividade, da Anunciação (ver p. 157) e do Desterro[44] e o orago – Nossa Senhora da Assunção (ver p. 149) e os altares de Nossa Senhora Rosário e do Egipto[45].



Viseu. Sé.
Retábulo de Nossa Senhora do Rosário.
Foto SIPA 84440.

Entre as inúmeras invocações, para além das anteriormente mencionadas referimos Nossa Senhora das Preces, do Carmo, da Piedade, da Boa Morte, etc. Nas Misericórdias predomina Nossa Senhora da Misericórdia e a Visitação da Virgem Maria a sua prima Santa Isabel. Interessante testemunho desta última situação foi a tela pintada que veio de Roma, em 1730, destinada ao retábulo-mor da igreja da Misericórdia, em Mangualde[46].

Individualizamos o retábulo da capela particular do solar dos Soares de Albergaria, em Oliveira do Conde, em cujo tramo central surge a representação em relevo escultórico da Árvore de Jessé (ver p. 169).

Hagiográficos

Nos retábulos das igrejas monástico-conventuais predomi-

44 DICIONÁRIO, 1758, pp. 635 e 637.
45 Instrução e relação da catedral da cidade de Viseu de 1675 (EUSÉBIO, 2005, 2, p. 933).
46 NOÉ, 2008.

nam os santos de cada Ordem religiosa. Nos outros templos é grande a variedade, tendo maior aceitação os Apóstolos, São Pedro, São João Baptista, São Sebastião, Santo António, São José, São Luís, Santo Elias, etc.

Particularizamos dois retábulos hagiográficos: o da ermida de São Pedro, em Santa Marinha – Seia e o de Santa Bárbara, na igreja da Santa Casa da Misericórdia, em Mangualde (ver p. 199).



Santa Marinha (Seia). Ermida de São Pedro. Retábulo.
Foto Município de Seia.

Almas do Purgatório

A celebração de sufrágios pelas almas do Purgatório foi um dos eventos litúrgicos que mais justificou a abundância de retábulos, não só nas igrejas e ermidas, mas também noutros espaços (sacristias, claustros, coros, salas capitulares, enfermarias, casas das irmandades, etc.). Este incremento ocorreu após o Concílio de Trento, nomeadamente, na sessão de 4 de dezembro de 1563, quando se proclama a existência do Purgatório: *já que a Igreja Católica, instituída pelo Espírito Santo, a partir das Sagradas Escrituras e da tradição dos Padres, nos sagrados concílios e mais recentemente neste Sínodo ecuménico, ensinou que o Purgatório existe e que as almas aí retidas podem ser ajudadas pelos sufrágios dos fiéis e sobretudo pelo santo sacrifício do altar, o santo Sínodo prescreve aos bispos que se empenhem diligentemente para que a santa doutrina sobre o Purgatório, transmitida pelos santos Padres e pelos sagrados Concílios, seja acreditada, mantida, ensinada e pregada por toda a parte* [47]. Alguns anos depois, mais concretamente em 1580, o Purgatório é instituído como dogma de fé[48].

A partir de então, o número de sufrágios passou a ser uma prática comum a todos os crentes, mais acentuada na clientela de maior relevância.

Entre as entidades intercessoras salientamos a Déesis ou re-

47 O. RODRIGUES, 2010, p. 62.
48 OLIVEIRA, 1992, p. 349.



Nabaínhos (Gouveia). Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo das Almas.
Foto padre António Morais.

presentação de Cristo em Majestade, ladeado pela Virgem e por São João Baptista; a Santíssima Trindade, a Virgem Maria, São Francisco, São Domingos, o Senhor Crucificado, São Miguel Arcanjo e os anjos libertadores.

No Purgatório, as almas, quer do sexo masculino, quer do feminino e de todos os grupos sociais, incluindo reis, bispos e até papas, estão rodeadas por labaredas em meios corpos com as mãos postas em súplica e olhando para o céu.

A representação figurativa das Almas no Purgatório esteve na maioria das situações associada aos retábulos administrados pelas irmandades ou confrarias das Almas, que tinham como principal objetivo assegurar o culto de todos os que se enterravam numa freguesia. Por este motivo havia quase sempre uma irmandade em cada paróquia, sediada na larga maioria das situações numa capela lateral da igreja matriz ou paroquial. São testemunhos os retábulos das Almas das igrejas paroquiais de São Bartolomeu, em Santiago – Seia e de São Paulo, em Lobelhe do Mato – Mangualde (ver p. 191).



Santiago (Seia). Igreja paroquial.
Retábulo das Almas.
Foto padre Carlos Sousa.

Convém afirmar que o fim do declínio da piedade pública e a progressiva secularização do culto, iniciada nos meados do século XVIII, fortemente dinamizados pelas ideias iluministas e pela política pombalina[49], vão estar na origem da decadência dos retábulos, particularmente nos retábulos de madeira predominantemente entalhada e dourada, bastante dispendiosos e da sua substituição por outros muito mais baratos, onde predominam os fingimentos de pedraria policroma ou então o branco de pérola ou de leite.

49 Numa lei de 9 de setembro de 1769, é referido: *são já tantos os encargos de missas que ainda que todos os indivíduos existentes nestes reinos em um e outro sexo fossem clérigos, nem assim poderiam dizer a terça parte das missas que constam das instituições registadas nas Provedorias dos mesmos reinos; em uma das mais pequenas das quais se acharam instituídas doze mil capelas e mais de quinhentas mil missas anuais* (ARAÚJO, 1997, p. 408). Interessante testemunho ocorreu, em 1790, na igreja da Misericórdia do Fundão, através de uma *sentença de redução de missas, porque a Santa Casa com estas gastava quase 200$000 réis e os rendimentos não excediam a 300$000, não podia sustentar mais do que um limitadíssimo número de doentes, em vista do que foram reduzidas as missas a* 100 (CUNHA, 1892, pp. 34 e 35).

Outros temas

Entre outros temas, indicamos as representações alusivas às Obras de Misericórdia, à Santíssima Trindade, ao Espírito Santo, à Divina Providência, à Madre de Deus, à Sagrada Família, a Todos-os--Santos, à Santa Cruz, ao Santo Lenho, etc.

Interessante testemunho encontra-se na ermida do Espírito Santo, em Silvares – Fundão.



Silvares. Ermida do Espírito Santo. Retábulo. Foto Ricardo Silva.

Encomenda

À semelhança do que ocorria nas restantes dioceses, também na região em estudo assistimos ao envolvimento de todos os setores da sociedade na encomenda do mais importante dos equipamentos litúrgicos: os retábulos, apresentando-se de seguida as principais entidades implicadas.

O clero regular

Em 1763, o padre João Baptista de Castro recenseia nas dioceses da Guarda e de Viseu trinta e uma casas (conventos, mosteiros, colégios, recolhimentos, hospícios e hospitais) administradas por religiosos[50]. A estas acrescem mais três: uma, mencionada nas Memórias paroquiais de 1758 da vila de Alfaiates[51] (Sabugal) e as restantes duas referidas, em 1767 pelo padre Leonardo de Sousa[52].



Nelas. Retábulo-mor proveniente do demolido convento de Santo António, em Viseu.
Foto Município de Nelas.

Com alguma frequência verificamos que muitos retábulos das casas religiosas destas instituições contaram com o patrocínio de instituidores particulares, nomeadamente membros da nobreza, do clero e mercadores enriquecidos, como se constata, a título de exemplo, no convento de Santo António, em Penamacor. De acordo com a Crónica da Santa Província de Nossa Senhora da Soledade, de 1762: *a capela-mor foi reedificada e se fez novo retábulo, tribuna e se apainelou por cima, no ano de 1692 (…) à custa dos cabos de guerra, assistentes naquela praça, sendo guar-*

50 ***Bentos**, de religiosas: Santa Maria* (ou de Santa Eufémia) – *Ferreira de Aves (Sátão), Bom Jesus – Viseu;* ***bernardos**: São Cristóvão – Lafões* (São Pedro do Sul), *Santa Maria – Aguiar* (Figueira de Castelo Rodrigo), *Santa Maria da Estrela – Serra da Estrela* (Seia), *Santa Maria – Maceira Dão* (Mangualde); ***capuchos**, província da Conceição: Santo António – Viseu, São Francisco de Orgens – termo de Viseu, Santo António – Pinhel;* ***clarissas**: São Luís – Pinhel;* ***oratorianos**: Nossa Senhora da Assunção – Viseu;* ***dominicanas**: Nossa Senhora da Oliva – três léguas de Viseu* (Sátão); ***franciscanos**: de religiosos, São Francisco – Guarda, São Francisco – Covilhã, Espírito Santo – Gouveia, São António – Trancoso, Bom Jesus – Valhelhas* (Guarda) e *Santo Cristo da Barca – Almeida; de religiosas: Santa Clara – Guarda, Nossa Senhora do Sepulcro – Trancoso, Nossa Senhora do Couto – Gouveia, Madre de Deus – Vinhó* (Gouveia), *São Francisco – São Vicente da Beira;* ***hospitalários de São João de Deus**: hospitais de São João de Deus, em Penamacor e Almeida;* ***capuchos**, da Soledade: Santo António – Penamacor, Nossa Senhora do Seixo – Covilhã* (Fundão) e *Santo António – Covilhã;* ***terceiros regulares de Jesus**: Nossa Senhora da Esperança – Belmonte* (Castelo Branco) e *Nossa Senhora do Loreto – Almeida;* ***jesuítas**: colégio da Santíssima Trindade – Gouveia* (CASTRO, 1763, 2. pp. 61 a 133).

51 *Há nesta vila um convento de padres ministros dos enfermos da Ordem de* ***São Camilo de Lélis**, fundado na real Casa de Nossa Senhora de Sacaparte, distante desta vila para o Nascente um quarto de légua* (DICIONÁRIO, 1758, p. 449).

52 *O de São José, na vila de São Pedro do Sul e o de Santa Cruz da Fraga, no distrito da vila de Ferreira de Aves* (Sátão), *ambos de religiosos* ***capuchos** da Província da Conceição* (EUSÉBIO, 2005, 2, p. 984).

dião o padre pregador frei Bento de Monsaraz[53] (ver p. 178).

Algumas Ordens religiosas assumiram também a encomenda do retábulo principal das igrejas matrizes ou paroquiais das comendas que possuíam. Por exemplo o da capela-mor da igreja paroquial de São Pedro, em Gouveia, foi custeado pelas religiosas de Santa Clara, em Coimbra, detentoras do padroado desta freguesia, tendo muito provavelmente enviado o projeto.

Apesar de grande parte deste património ter desaparecido na sequência da implantação do Liberalismo e da decorrente extinção das Ordens religiosas, indicamos alguns retábulos-mores, ainda *in loco* ou transferidos para outros templos, por exemplo o da igreja de Nossa Senhora do Seixo, na Covilhã, atualmente na igreja de São Francisco, no Fundão, o do mosteiro de Santa Eufémia, em Ferreira de Aves – Sátão (ver p. 202) e o do Bom Jesus, em Viseu (ver p. 110).

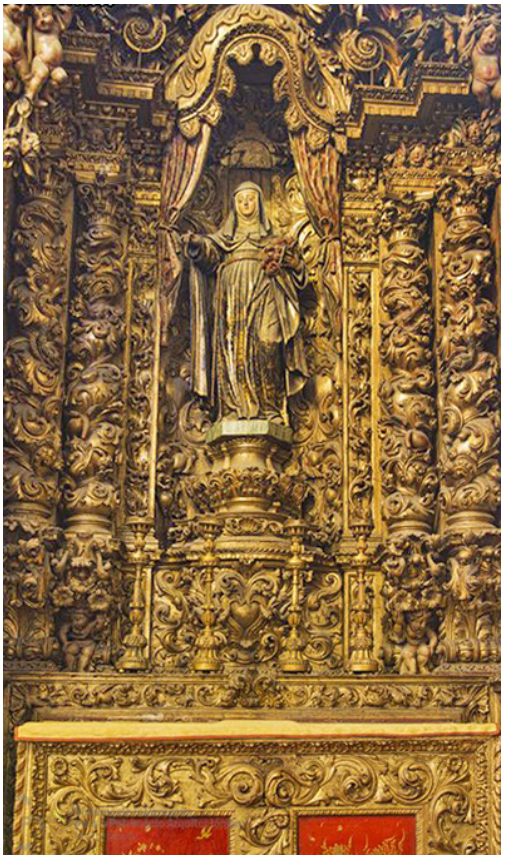


Fundão. Retábulo proveniente da igreja conventual de Nossa Senhora do Seixo, na Covilhã.
Foto SIPA 868806.

O clero secular

Estes religiosos tinham a seu cargo os serviços mais elementares prestados à população (o batismo, a confissão, a comunhão, o crisma, o casamento, a extrema unção, o enterramento, etc.), ocupando, como tal, um papel muito importante em cada freguesia ou paróquia. O responsável por cada igreja matriz ou paroquial era o prior, pároco ou vigário. Por sua vez o dirigente de cada diocese era o bispo[54], auxiliado por um órgão colegial: o cabido. Como estruturas intermédias referem-se as vigarias ou arciprestados, cada uma deles formado por várias paróquias.

Como veremos a seguir, as capelas-mores das igrejas matrizes e paroquiais eram custeadas pelos detentores dos seus benefícios. A



Viseu. Sé.
Pormenor do retábulo de Santa Isabel.
Foto SIPA 1001866.

53 HENRIQUES, 2007, p. 43.

54 Na relação do bispado de Viseu de 1675 constam 288 igrejas paroquiais (EUSÉBIO, 2005, 2, p. 962). De anotar que o território atual resulta de diversas alterações posteriores.

título de exemplo mencionamos quatro retábulos-mores de igrejas paroquiais mandados executar pelo bispo e/ou cabido, dois na diocese da Guarda (nos meados de Setecentos, Aldeia do Bispo (ver p. 215) e por volta de 1790 , o de São Vicente[55] (ver p. 228) e dois na de Viseu (em 1731, São João Baptista, em São João de Lourosa (ver p. 147)[56] e, em 1752, São Miguel do Fetal[57] (ver p. 46).

Nas catedrais, o retábulo-mor e os de algumas capelas laterais eram pagos pelo bispo e pelo cabido ou então só por esta última entidade em sede vacante. Vejamos exemplos concretos:

-A 2 de março de 1553, o cabido da sé da Guarda, informa o rei D. João III: *o mestre que há de fazer o retábulo de que já tem recebido desta fábrica 250$0000 réis*[58] (ver p. 156).

-Na mesma sé, entre 1710 e 1720, o bispo D. João de Mendonça mandou fazer cinco altares ou capelas, duas na nave esquerda e três na direita[59].

-Na catedral de Viseu, o bispo D. João de Melo encomenda um retábulo para a capela-mor, exemplar transferido algumas décadas depois para o topo do transepto[60] (ver p. 19).

-O cabido da sé de Viseu, *por uma provisão de 10 de dezembro de 1732, que se mandaram dar 48$000 réis a Francisco Machado, mestre entalhador, à conta do retábulo que anda fazendo para o altar-mor da santa sé*[61] (ver p. 149).



Viseu. Sé. Pormenor do retábulo-mor.
Foto Fátima Eusébio.

Instituições detentoras do padroado das freguesias

Como era usual em todo o país, era da competência do(s) detentor(es) do padroado de cada freguesia o pagamento das despe-

55 GAMA E CASTRO, 1902, p. 115.
56 ALVES, 2001, 3, pp. 189 a 193.
57 ALVES, 2001, 2, pp. 170 e 171.
58 GAMA E CASTRO, 1902, pp. 517 e 518.
59 GAMA E CASTRO, 1902, p. 349.
60 EUSÉBIO, 2005, 1, pp. 243 e 244.
61 ALVES, 2001, 2, p. 159.

sas da capela-mor da igreja matriz ou paroquial, conforme se constata na visitação à igreja matriz de Algodres, de 1703: *pelo que mando que da fábrica se tirem nestes primeiros dois anos seguintes, em cada um 30$000 réis, para ajuda de se fazer na capela-mor um bom retábulo ao moderno, com suas colunas salomónicas, para que também querem concorrer os fregueses por sua devoção, sem terem para isso obrigação, somente por verem a sua igreja com a devida veneração e não é justo que* ***sendo a fábrica obrigada a todo o ornato da capela-mor,*** *não concorra com o que lhe arbitro*[62].



Oliveira do Conde. Igreja paroquial.
Retábulo-mor.
Foto Junta de Freguesia de Oliveira do Conde.

Para a região em estudo os detentores destes benefícios foram a Coroa, a Casa da Rainha, a Casa do Infantado, a Mitra, o cabido, mosteiros e conventos, as Ordens militares de Cristo, de Malta e de Avis, a Universidade de Coimbra[63] e alguns particulares (marquês de Arronches, duque de Lafões, os condes de Alva, Atouguia, Povolide, Tarouca, Vila Nova, etc.).

Cumpre, no entanto, mencionar que a tribuna, o trono e o sacrário não eram custeados pelo padroeiro da freguesia, mas sim pelos seus fregueses ou moradores. Entre vários testemunhos referimos o que ocorreu, a 23 de julho de 1731, aquando da escritura do ajuste da feitura do retábulo-mor da igreja paroquial de São João de Lourosa: *pelo preço e quantia de 120$000 réis* (…) *somente aquela parte que toca à obra da sé* (…) *o sacrário e tribuna do mesmo altar-mor pertencente à mesma freguesia* (…) *pelo preço e quantia de 30$000 réis*[64] (ver p. 147). Em 1777, o mestre entalhador Agostinho da Fonseca Ribeiro ajusta com o reverendo abade da freguesia de Queirã *fazer o retábulo do altar-mor, da parte de fora da tribuna* (…) *exceto a urna e acompanhamento dela, o camarim e sacrário, pois tudo isto*



Pinhel. Igreja matriz de Santa Maria.
Sacrário.
Foto SIPA 1090976.

62 EUSÉBIO, 2005, 2, pp. 173 e 174.
63 BANDEIRA, 1993.
64 ALVES, 2001, 3, p. 190.

pertence à freguesia de Queirã e há de ser ajuste separado[65].

Com alguma frequência, também se constata na documentação o incumprimento de alguns padroeiros no pagamento das despesas, quer com a capela-mor, quer com o retábulo principal, originando quase sempre uma atitude mais firme do Visitador. A título de exemplo individualizamos a situação ocorrida com o retábulo-mor da igreja paroquial de São Pelágio, em Oliveira de Frades, que nunca chegou a ser dourado (ver p. 98), tendo sido infrutíferas as múltiplas diligências do visitador, uma delas ocorrida em junho de 1785: *o retábulo, depois de acabada a talha há mais de sessenta anos, como nos afirmam, que espera dourar-se* (...) *o reverendo pároco, depois de avisar ao comendador, não sendo atendido, com o treslado deste capítulo recorrerá a Sua Majestade pelo tribunal competente para se proceder ao sequestro da renda*[66]. Também acontecia que a verba paga pelo comendador não era suficiente para concluir a obra ajustada, tornando-se necessário recorrer aos fregueses, como ocorreu, em 1741, com o retábulo-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Natividade, no lugar de Calde – Viseu: *ainda foi necessário conceder-lhe concorrer o povo com uma finta*[67] *para que não ficasse a dita obra imperfeita, a qual foi mandada fazer pelo visitador*[68].



Fetal. Igreja paroquial.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 146463.

De seguida, mencionamos alguns retábulos-mores de igrejas matrizes ou paroquiais e os respetivos donatários: Santo André, em Ferreira de Aves – Duque do Cadaval, São Miguel de Fetal – cabido da sé de Viseu, Nossa Senhora da Assunção de Boa Aldeia – Ordem de Malta, Santa Marinha, em Forninhos – Casa do Infantado, etc.

65 ALVES, 2001, 3, p. 19.
66 EUSÉBIO, 2005, 2, p. 402.
67 Derrama ou imposto.
68 EUSÉBIO, 2002, p. 343.

Confrarias ou irmandades[69] e ordens terceiras

Após o Concílio de Trento, os responsáveis de cada paróquia incentivaram a integração de todos os fregueses[70], dos mais ricos aos mais pobres, em associações de caráter religioso, cuja sede tanto podia ser numa capela ou num altar localizado no interior de uma igreja administrada pelo clero secular ou regular como num templo autónomo. Muitas vezes, no mesmo altar havia mais do que uma confraria.

Pertencer, pelo menos, a uma irmandade era essencial a todos os membros de uma sociedade, pois permitia a sua integração nas diversas estruturas então existentes.

Cada uma destas associações, maioritariamente de leigos, definia nos seus estatutos as condições exigidas aos seus membros. Se algumas estavam restritas a uma determinada profissão (clérigos[71], mesteirais, militares, etc.), outras integravam pessoas de diferentes classes ou *estados*.

Enquanto os moradores de elevado estatuto social preferiam as congregações de maior notoriedade, designadamente as ordens terceiras de Nossa Senhora do Carmo e de São Francisco, a confraria do Santíssimo Sacramento, a do Senhor dos Passos, a irmandade da Santa Casa da Misericórdia, etc., a restante população integrava outras irmandades menos elitistas. Por sua vez, em cada confraria ou irmandade, os mesários, isto é, os membros que ocupavam os cargos diretivos eram escolhidos anualmente, desempenhando essas funções os irmãos ou confrades de maior prestígio.

As diversas confrarias, irmandades e ordens terceiras



Penamacor. Igreja da Misericórdia.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 560289.

69 Na relação do bispado de Viseu de 1675 *as confrarias e irmandades excedem o número de 1000, as mais delas eretas por autoridade dos prelados* (EUSÉBIO, 2005, 2, p. 962).

70 Os moradores numa freguesia, que eram inscritos anualmente, na Quaresma, nos róis de confessados.

71 Como a *irmandade de clérigos de São Pedro*, referenciada nas Memorias Paroquiais de 1758, referentes à igreja matriz de Oliveira do Conde, no bispado de Viseu (EUSÉBIO, 2005, 2, p. 155) e a dos *clérigos pobres com o título de Nossa Senhora do Rosário*, na sé da Guarda (GAMA E CASTRO, 1902, p. 283).

desempenharam, de forma mais acentuada no período barroco (século XVII e primeira metade do século XVIII) um papel dominante na vivência coletiva dos principais eventos litúrgicos: *a utilidade social das confrarias ou irmandades era especialmente reconhecida nos enterros e cerimónias religiosas. Todas incluíam nos seus estatutos ou compromissos a obrigação de acompanhamento, sepultura e sufrágios por morte, ao mesmo tempo que garantiam aos irmãos mais pobres um serviço mínimo de assistência funeral*[72].

Era, no entanto, da exclusiva competência da confraria do Santíssimo transportar os santos óleos e o Santíssimo Sacramento aos moribundos *com toda a pompa cerimonial ao som do repicar dos sinos. O prelado, os acólitos e o mestre de cerimónias, devidamente paramentados e acompanhados pelo mordomo da confraria do Santíssimo e por mais alguns circunstantes, percorriam o caminho mais curto até chegar ao domicílio do doente. O andador, tangendo uma campainha, anunciava a passagem do cortejo. À frente, seguia a cruz da igreja, ladeada por dois seriais; depois viam-se os restantes acompanhantes com velas acesas e, por fim, o administrante, por baixo do pálio* [73].



Viseu. Sé.
Retábulo da capela do Santíssimo.
Foto SIPA 84238.

Apesar de as Constituições Sinodais de cada bispado promoverem a existência das irmandades das Almas do Purgatório[74], *na prática, desprovidas do monopólio das almas e, portanto, sem uma função intercessora exclusiva, repartem com as restantes irmandades a aplicação de sufrágios e a comunicação de benefícios espirituais* [75]. Interessante testemunho é descrito numa visitação ocorrida, em 1726, à freguesia de São Miguel de Vila Boa – Sátão: *na capela de Nossa Senhora da Esperança, do lugar de Abrunhosa, em que se acha ereta uma irmandade sob a proteção da mesma Senhora, se costuma fazer os ofícios pelas almas dos irmãos em os dias de quinta-feira, em que o altar*

72 ARAÚJO, 1997, p. 320.

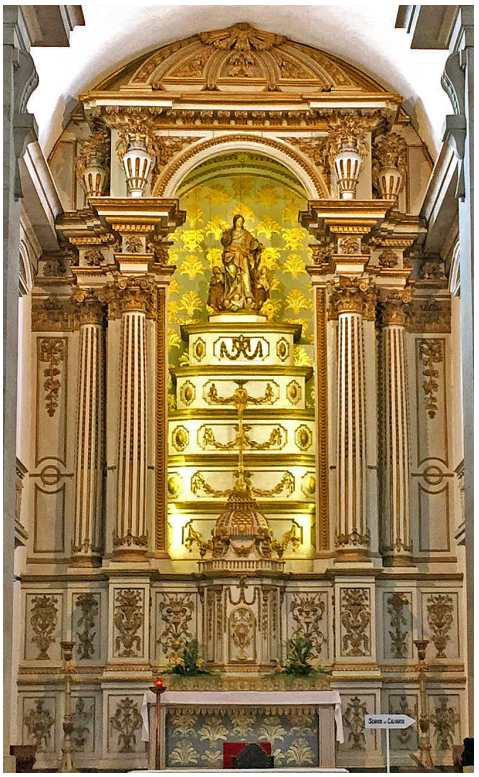
73 ARAÚJO, 1997, p. 231.

74 A título de curiosidade anotamos o pretexto dado pelo prior da igreja paroquial de São Tiago Maior de Besteiros - Tondela para justificar a criação da confraria das Almas: *consta e há notícia que fora instituída por mistério e grande porque antes dela ereta se ouviam na igreja vários ruídos e também é tradição que um vigário que então governava esta freguesia vira andar ao redor da igreja uma procissão de almas com velas acesas, o que ele muito trabalhou para erigir esta irmandade e que depois que se instituiu não houve mais ruídos na igreja, nem se viram as almas ao redor dela*.(EUSÉBIO, 2005, 2, p. 97).

75 ARAÚJO, 1997, p. 347.

da dita irmandade é privilegiado e por haver sacerdotes fora dos do número dos ofícios que se intrometem a celebrar no tal altar, impedindo aos concorrentes que têm a preferência, com grave descómodo da irmandade, para evitar as perturbações e discórdias que podem originar-se de semelhante desatenção, mando que nenhum sacerdote, de qualquer qualidade que seja, celebre missa no altar em que houver alguma função de ofícios depois do nascer do sol até se concluir da obrigação do ofício[76].

Algumas irmandades beneficiavam da proteção régia, designadamente as Misericórdias, existentes nas sedes dos concelhos e em certas localidades de maior importância. Convém salientar que estas associações tinham como função principal prestar apoio aos mais necessitados, aceitando como irmãos pessoas de diferentes grupos sociais, como ocorria na cidade de Viseu, em que *o número de irmãos é de duzentos, cem nobres e cem oficiais mecânicos*[77].



Viseu. Igreja da Misericórdia.
Retábulo-mor.
Foto Vítor Oliveira.

Por fim, indicamos alguns testemunhos relevantes de retábulos da responsabilidade de irmandades e de ordens terceiras, de diferentes conjunturas artísticas: o da Misericórdia de Pinhel (ver p. 31), o da ermida do Espírito Santo, em Almaceda, outrora pertencente ao concelho de São Vicente da Beira (ver p. 29), o da capela-mor da igreja da Misericórdia, em Santar – Nelas (ver p. 8), o das Almas, na igreja paroquial da Imaculada Conceição, na Vermiosa – Figueira de Castelo Rodrigo (ver p. 111), os da ermida de Nossa Senhora da Nazaré, no lugar de Drizes, na freguesia de Várzea de Lafões – São Pedro do Sul, os laterais da igreja da Ordem Terceira do Carmo, em Viseu (ver p. 223) e os da Misericórdia, também nesta cidade (ver p. 233).



Drizes. Ermida de Nossa Senhora da Nazaré.
Retábulo-mor.
Foto Atelier Samthiago.

76 EUSÉBIO, 2005, 2, p. 622.
77 EUSÉBIO, 2005, 2, p. 747.

Instituidores particulares

Os instituidores particulares, independentemente do seu estatuto social, desempenharam um papel muito importante na encomenda de retábulos que refletissem o seu poder. Atendendo a que pertenciam a grupos privilegiados e como tal dispunham de largos recursos financeiros, recorriam aos artistas mais credenciados.



Carapito.
Capela de Nossa Senhora do Rosário.
Retábulo. Foto SIPA 197180.

Nobres, clérigos e mercadores abastados afirmavam-se, na maior parte das vezes, na localidade da sua residência, nomeadamente na instituição de vínculos em capelas sediadas nos templos de maior prestígio ou nas suas próprias habitações, destinadas a servir de sepultura da sua família. Verificamos ainda a integração de algumas destas pessoas em ordens terceiras e irmandades de maior distinção, onde ocupavam funções diretivas e muitas vezes apoiavam a feitura ou o douramento do retábulo dessa instituição. A sua ação mecenática fazia-se sentir igualmente no suporte financeiro a diversas instituições religiosas por motivações devocionais.

Entre múltiplos exemplos, indicamos vários retábulos custeados por instituidores particulares:

-O da capela de Nossa Senhora do Rosário, em Carapito – Aguiar da Beira, mandado executar na *era de 1665 por André Beltrão Soares e sua mulher Filipa de Andrade*.

-O da capela da capela privativa de Miguel Pais do Amaral, fidalgo da Casa Real e Cavaleiro da Ordem de Avis, em Mangualde (ver p. 168).

-O da capela de Nossa Senhora da Conceição, no solar Abreu Madeira, em Canas de Senhorim, executado por volta de 1699[78].

78 EUSÉBIO e MARQUES, 2005, p. 195.

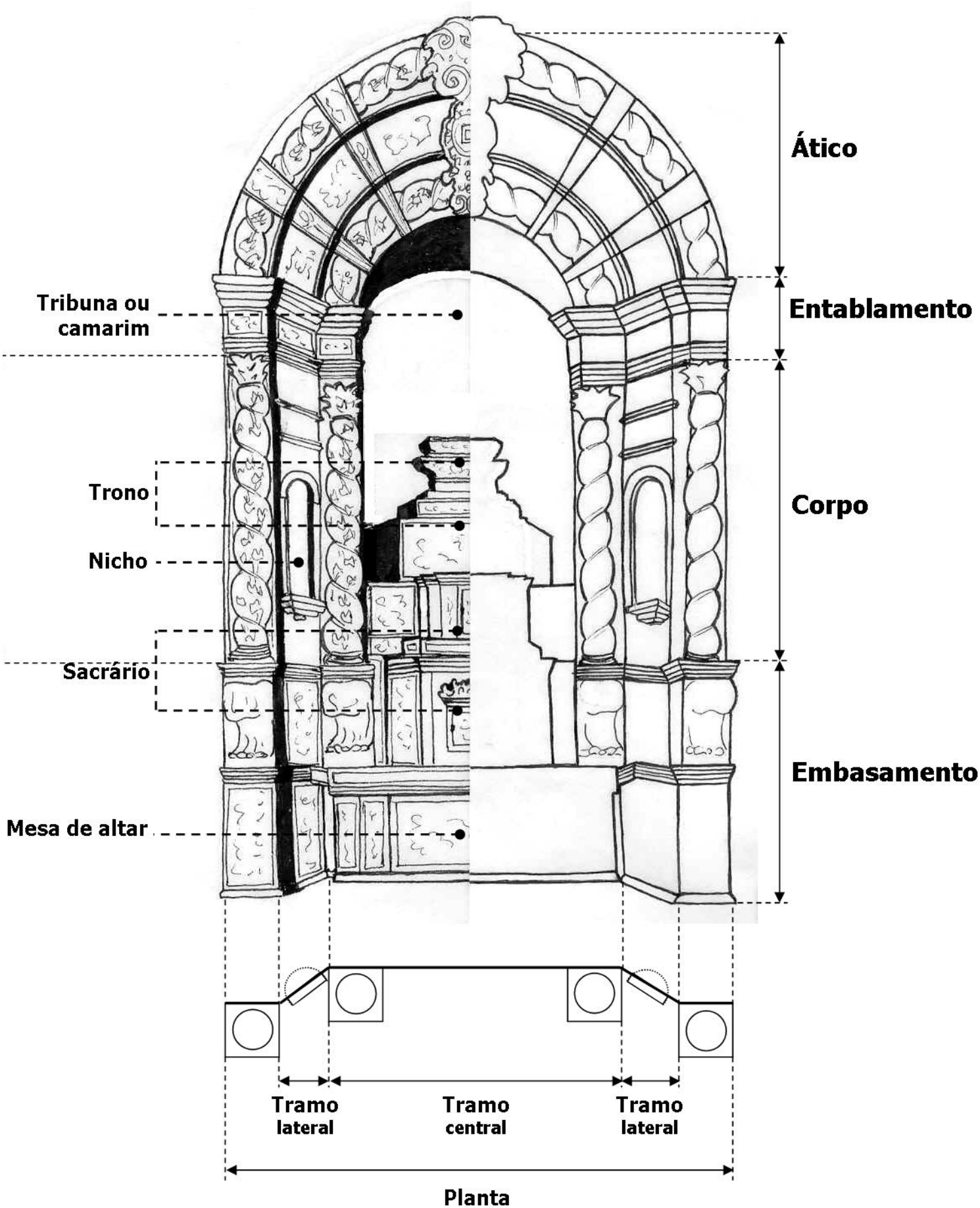
-Os da capela do solar dos Brasis, em Torre do Terrenho – Trancoso (ver p. 198).

-O da capela de Santa Ana, em Tondela, pertencente ao padre Alexandre Marques do Vale, clérigo do hábito de São Pedro (ver p. 220).



Torre do Terrenho. Capela do solar dos Brasis. Retábulo colateral. Foto SIPA 141156.

Tipologias e modelos compositivos



Desenho Susana Andrade.

Por tipologias entendemos o agrupamento de retábulos de acordo com algumas características morfológicas comuns. A maior parte filia-se nos tratados italianos. Nos retábulos encostados à parede testeira de uma capela, a sua estruturação ou composição arquitetónica assenta na relação corpo(s)/tramo(s), surgindo desta conjugação várias soluções possíveis[79]. Houve, no entanto, altares que se autonomizaram da parede, passando a apresentar uma ou mais faces e, eventualmente, mais do que uma mesa de altar[80].

Verificamos também que algumas tipologias se restringiram ao mundo português, nomeadamente as que também preencheram espaços contíguos aos retábulos propriamente ditos[81].

Por sua vez, os modelos compositivos correspondem à estruturação dos intercolúnios, isto é, à identificação do número de elementos arquitetónicos que delimitam cada tramo e à forma como se interligam. As diferentes opções são definidas independentemente da planta usada (reta, em perspetiva côncava, convexa ou mista), dos elementos arquitetónicos empregues (colunas, pilastras, quartelões, estípites, etc.); de haver ou não outros elementos relevantes na estruturação retabular, designadamente os camarins ou tribunas e dos mesmos serem delimitados por elementos arquitetónicos específicos. Se, maioritariamente, cada um dos intercolúnios é ladeado por igual número de colunas ou de pilastras, dignos de destaque são os casos em que se aplica desigual número de elementos arquitetónicos nos vários tramos, ainda que de forma simétrica em cada um dos lados.

É conveniente ter em conta que muitos retábulos, apesar de



Linhares. Igreja paroquial.
Retábulo-mor, com corpo único e três tramos. O intercolúnio central inscreve-se entre colunas duplas, registando-se nas extremidades dos tramos laterais somente uma coluna.
Foto SIPA 88568.



Algodres (Figueira de Castelo Rodrigo).
Igreja paroquial. Retábulo-mor com dois corpos e três tramos. Enquanto o intercolúnio central se inscreve entre duas colunas, uma de cada lado, nas extremidades dos tramos laterais há colunas duplas.
Foto SIPA 508241.

79 Nos retábulos abordados neste estudo constatamos as seguintes tipologias: corpo único e um só tramo, corpo único e dois tramos, corpo único e três tramos, corpo único e cinco tramos, dois corpos e um tramo, dois corpos e três tramos, dois corpos e cinco tramos, três corpos e sete tramos.

80 Eram os chamados *altares em ilha*.

81 Foram três as soluções utilizadas: 1- A parede testeira da capela-mor é preenchida por três retábulos, apresentando, o principal, estreitas relações com os dois retábulos colaterais. 2- Os dois retábulos colaterais ao arco triunfal interligam-se entre si através do revestimento parcial ou total do frontispício da nave. 3- A utilização de um *arco* ou enquadramento arquitetónico que complementa o retábulo propriamente dito, preenchendo estruturas próximas, a maior parte das vezes o intradorso e parte do frontispício da capela onde está inserido.

se inserirem nas tipologias e nos modelos compositivos referidos, apresentam determinadas especificidades, detetáveis em razoável número na região em estudo. Esta ocorrência deve-se não só à criatividade de artistas mais reputados, mas sobretudo à intervenção de determinadas oficinas locais, um pouco desatualizadas e que respondiam às solicitações de clientelas menos esclarecidas.

Entre vários de exemplos de retábulos com especificidades, mencionamos os seguintes:

-O da capela-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora dos Anjos, em Escalhão – Figueira de Castelo Rodrigo, com dois corpos e três tramos, em que os tramos laterais enquadram nichos duplos (ver p. 186).

-O retábulo-mor da igreja paroquial de São Pelágio, em Oliveira de Frades, cujo ático é desprovido de aduelas entre os arcos salomónicos (ver p. 98).

-Alguns exemplares com corpo único e três tramos, aplicados em capelas demasiado largas em que as colunas das extremidades são complementadas nas ilhargas com diversos painéis entalhados de folhagem de acanto e, por vezes, esculturas de vulto perfeito assentes em mísulas. A título de exemplo destacamos o da capela-mor da igreja paroquial de São João Baptista, em Quintela de Azurara – Mangualde e o da ermida de Nossa Senhora da Cabeça, em Girabolhos – Seia.



Girabolhos.
Ermida de Nossa Senhora da Cabeça.
Retábulo.
Foto Município de Seia.

Atentemos às diferentes tipologias identificadas e aos modelos compositivos empregues em cada uma delas.

Corpo único e um só tramo

Foi maioritariamente utilizada nos retábulos devocionais a um só tema, podendo o intercolúnio ser ladeado por duas colunas, uma de cada lado ou então por elementos arquitetónicos duplos ou mesmo triplos. São exemplos o retábulo da Anunciação, na igreja da sé, na Guarda (ver p. 157), o retábulo de São Pedro, na igreja pa-

roquial de São Martinho, em Alpedrinha – Fundão (ver p. 164) e o das Almas, na ermida de Nossa Senhora do Couto, em Nabainhos – Gouveia (ver p. 184).

A partir do Protobarroco, esta tipologia passa a ser usada também noutros retábulos, nomeadamente nos que tinham tribuna ou camarim central, quer o trono seja destinado à exposição solene do Santíssimo Sacramento, quer acolha a representação escultórica do orago. A delimitar a tribuna podem existir múltiplos elementos arquitetónicos, conforme se verifica no retábulo-mor da igreja monástica de Santa Maria de Aguiar, na freguesia de Castelo Rodrigo, onde são empregues três colunas e duas pilastras de cada lado.



Aguiar. Igreja monástica de Santa Maria. Retábulo-mor com corpo único e um só tramo. Foto Mensário Ecos de Marofa.

É ainda possível alguns exemplares não possuírem qualquer estrutura arquitetónica, como acontece com o retábulo das Almas, na igreja paroquial de Santiago – Seia (ver p. 40), constituído por um único painel em relevo escultórico, emoldurado, mas sem qualquer enquadramento arquitetónico.

Corpo único e dois tramos

Raramente foi utilizada. O único exemplar que identificámos na região em estudo é um dos retábulos laterais da igreja paroquial de São Bento, em Louriçal do Campo – Castelo Branco, dedicado aos Sagrados Corações de Jesus e de Maria (ver p. 85).

Corpo único e três tramos

A sua utilização generalizou-se a partir dos princípios de Seiscentos constituindo, em conjunto com a tipologia composta por corpo único e um só tramo, a opção predileta da maioria da



Penamacor. Ermida di Divino Espírito Santo. Retábulo.
Foto SIPA 565717.

clientela.

Foi normalmente usada nos retábulos devocionais a três temas e em certos retábulos eucarísticos, sendo menos frequente em retábulos devocionais, quer a um, quer a vários temas.

Atendendo a que apresentam uma composição tripartida, os intercolúnios inserem-se quase sempre entre dois elementos arquitetónicos, um de cada lado, como ocorre no retábulo-mor da ermida do Divino Espírito Santo, em Penamacor.

Pontualmente são empregues diversas alternativas, variando o número de elementos arquitetónicos a delimitar cada um dos tramos, incluindo a sua ausência. Por exemplo, no retábulo-mor da igreja da Misericórdia, na Guarda, o intercolúnio central é ladeado por colunas duplas, havendo nas extremidades dos tramos laterais somente uma coluna (ver p. 225). Por sua vez, no retábulo principal da igreja paroquial de Nossa Senhora do Leite, em Aguiar da Beira, só o intercolúnio central é delimitado por elementos arquitetónicos triplos, sendo as pinturas dos tramos laterais, de formato retangular, ladeadas por quartelões de reduzido pé-direito.



Aguiar da Beira.
Igreja de Nossa Senhora do Leite.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 197149.

Corpo único e cinco tramos

Esta tipologia teve muito pouca aceitação, sendo exclusivamente utilizada em templos em que a parede testeira da capela-mor é bastante mais larga do que alta. Na maioria das situações os intercolúnios inscrevem-se entre duas colunas, uma de cada lado. Em determinados casos não apresentam qualquer elemento arquitetónico nas extremidades. Encontramos exemplos, respetivamente, na igreja paroquial de São Bartolomeu, em Nave de Haver – Almeida e na igreja paroquial de São Vicente, na freguesia de Antas – Fornos de Algodres.

Dois corpos e um só tramo

À semelhança da tipologia anterior, teve também pouca aceitação, sendo usada com mais frequência em retábulos colaterais ao arco triunfal. O retábulo de Santa Ana, na igreja paroquial de Nossa Senhora dos Anjos, em Escalhão – Figueira de Castelo Rodrigo, é o único exemplar que identificámos que adota esta tipologia, apresentando, contudo, como especificidade o facto do corpo superior se inscrever somente entre dois quartelões, enquanto o corpo interior é ladeado por colunas duplas.

Dois corpos e três tramos

Foi muito usual no século XVI, decaindo a sua utilização, a partir dos meados da centúria seguinte, com o aparecimento das *tribunas* ou camarins e com a generalização dos retábulos devocionais a um só tema.

Maioritariamente, os intercolúnios inscrevem-se entre duas colunas ou pilastras, uma de cada lado, sendo no século XVI quase sempre preenchidos por ciclos de pintura figurativa, como se verifica num dos retábulos colaterais da igreja paroquial de São Miguel do Outeiro – Tondela (ver p. 161). A partir dos finais de Quinhentos, tanto podem existir telas pintadas, como nichos preenchidos por representações escultóricas, apontando-se como testemunho o retábulo-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora das Neves, na Sortelha - Sabugal.



Sortelha. Igreja paroquial.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 906130.

Dois corpos e cinco tramos

Teve alguma aceitação no século XVI e na primeira metade do XVII. O único exemplar que identificámos, o da capela-mor da igreja paroquial de São Pedro, na Aldeia de Joanes – Fundão, foi bastante remodelado posteriormente no tramo central, quando foi aberto um enorme camarim para acolher um monumental trono escalonado.



Viseu. Sé. Reconstituição do retábulo-mor dos princípios do século XVI.
Fonte COSTA, 2016, p. 191.

Três corpos e sete tramos

Esta tipologia não foi do agrado da maior parte da clientela, inscrevendo-se os intercolúnios entre dois elementos arquitetónicos. Vigorou no século XVI e pontualmente no século XVII, assinalando-se como testemunhos de grande relevância o retábulo-mor da igreja da sé, na Guarda (ver p. 156), cujos intercolúnios são preenchidos, quer por representações figurativas em relevo escultórico, quer por imagens de vulto perfeito, algumas ainda com vestígios de douramento e o já desaparecido retábulo-mor da igreja da sé, em Viseu, com tábuas pintadas nos seis tramos laterais e elementos escultóricos no intercolúnio central.

Arcos triunfais retabulares

Esta tipologia, exclusivamente portuguesa, teve alguma aceitação na região em estudo, sendo composta por dois retábulos colaterais ao arco triunfal que se interligam entre si pelo revestimento ornamental de parte ou da totalidade do frontispício da nave da igreja, maioritariamente em madeira entalhada. Se em certos casos todo o preenchimento resulta de uma única intervenção, também pode ter ocorrido em duas campanhas distintas, em que na primeira se executaram os retábulos colaterais e, algum tempo depois, o revestimento do frontispício da nave.



Forninhos (Aguiar da Beira).
Santuário de Nossa Senhora dos Verdes.
Arco triunfal retabular.
Foto Município de Aguiar da Beira.

Entre vários testemunhos indicamos o da capela de Nossa Senhora de Cervães, em Santigo de Cassurrães – Mangualde (ver p. 200); o da igreja paroquial de Santa Maria, em Aldeia Viçosa – Guarda; o da igreja paroquial de Nossa Senhora da Natividade, em Barreiros de Besteiros – Tondela (ver p. 192), o do santuário de Nossa Senhora dos Verdes, em Forninhos;

o da igreja monástica do Bom Jesus, em Viseu (ver p. 110) e o da capela de Santo António, na freguesia de Nave – Sabugal.

Retábulos com *arco*

Trata-se de uma tipologia com muito pouco acolhimento, correspondendo o *arco*, termo muito frequente na documentação setecentista, a uma estrutura, na maioria das situações autónoma, que complementa o retábulo propriamente dito. Para exemplificar apontamos quatro retábulos de diferentes conjunturas: o da capela do palácio Anadia, em Mangualde (ver p. 168), sobressaindo neste último o facto de usar um embasamento com duplo registo, sobre o qual assentam colunas duplas, rematadas por uma arquivolta plena cortada transversalmente por seis aduelas, o da igreja da Misericórdia de Alpedrinha – Fundão (ver p. 185), o de Nossa Senhora do Rosário, na igreja da sé, em Viseu (ver p. 38) e os laterais da igreja da igreja da Ordem Terceira do Carmo, também em Viseu (ver p. 223).

Formato retangular

Foram muito frequentes na Idade Média e no século XVI, na sua maioria em exemplares portáteis ou amovíveis. Em relação a estes últimos predomina a tipologia dos trípticos com portas ou volantes, na época referenciados como *retábulos com portas*, maioritariamente compostos por três painéis pintados, de formato retangular, como se constata no tríptico de São Tiago, São Bartolomeu e São Pedro, proveniente da igreja paroquial de Santiago de Cassurrães - Mangualde, atualmente no Museu Grão Vasco.



Cassurrães. Painel central do tríptico de São Tiago, atualmente no Museu Grão Vasco. Foto Matriznet.

Retábulos *em ilha*

Contrariamente à maioria dos retábulos, que se encontram encostados a uma parede, nesta tipologia autonomizam-se, sen-



Viseu. Retábulo originário da capela do paço do Fontelo, atualmente no Museu Grão Vasco. Foto Matriznet.

do possível circular à sua volta. Apesar da designação *em ilha* se encontrar na documentação setecentista[82], o uso destes retábulos foi mais frequente na Idade Média, *conforme ao uso das igrejas antigas de Roma*[83].

São testemunhos três retábulos referenciados na igreja da sé, em Viseu: o da capela-mor, dedicado à Virgem Maria, o de São Pedro e o de São João, respetivamente em 1183, 1256 e 1260[84]. De 1618, é o retábulo com dupla face, pintado por Estevão Gonçalves Neto, capelão do bispo de Viseu, D. João Manuel[85], para a capela de Santa Marta, no paço episcopal do Fontelo e atualmente no Museu Grão Vasco. Enquanto numa das faces surge com Jesus na casa de Marta, na outra está representado Cristo no Horto. Desconhecemos em que local da capela se situava o retábulo, de modo a ser visualizado de ambos os lados.

Retábulos triplos

Esta tipologia parece ser exclusivamente portuguesa e na sua larga maioria utilizada nas igrejas das Misericórdias. Caracteriza-se pelo preenchimento da totalidade da parede testeira do presbitério, onde avultam três retábulos anexos uns aos outros, cada um deles com a sua mesa de altar, *de modo que, em tudo quanto for possível, concordem os dois retábulos* (colaterais) *na perfeição e feitio com o retábulo do altar-maior*[86]. Os intercolúnios tanto podem inscrever-se entre dois elementos arquitetónicos, um de cada lado, como apresentar soluções compositivas mais elaboradas.

Os retábulos triplos são usados, maioritariamente, em tem-

82 Por exemplo, em 1710, o clérigo teatino Manuel Caetano de Sousa no seu manuscrito *Peregrino Instruído*, a respeito da localização do altar contrapõe duas hipóteses: *encostado ao retábulo ou em ilha* (GOMES, 2009, nota 127).

83 FONSECA, 1728, pp. 215 e 302.

84 VENTURA e MATOS, 2010, pp. 184, 317 e 364.

85 ALVES, 2001, 2, pp. 306 e 307.

86 LAMEIRA, 2009, p. 23.

plos de nave única e sem cabeceira e em casos excecionais em igrejas de nave única e capela-mor. São exemplos respetivamente o da igreja da Misericórdia, em Melo - Gouveia (ver p. 173) e o da capela-mor do santuário de Nossa Senhora da Ajuda, em Malhada Sorda - Almeida.

O reduzido número de retábulos desta tipologia deve-se ao facto de terem sido destruídos ou então substituídos por um único exemplar, como ocorreu na igreja da Misericórdia, em Viseu. Ainda em 1758, existiam os três retábulos na parede fundeira da capela-mor, conforme se verifica nas Memórias Paroquiais de 1758: *no altar-mor tem a imagem de Nossa Senhora da Misericórdia amparando dois peregrinos em um asseado trono de talha dourada, como o é todo o mais retábulo do dito altar e colaterais, por estarem à face, pegados uns aos outros, no da parte do Evangelho se veneram as imagens de Jesus, Maria e José, o da parte da Epístola a imagem do Senhor Crucificado*[87].



Malhada Sorda.
Santuário de Nossa Senhora da Ajuda.
Retábulos da frontaria da capela-mor.
Foto SIPA 1069712.

Ainda menos frequente é a existência de três retábulos contíguos, mas sem qualquer relação entre o principal e os das ilhargas, como ocorre numa capela lateral da igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, na Atalaia – Pinhel (ver p. 174).

Exemplares ímpares

Dos poucos exemplares ímpares identificados, individualizamos um retábulo lateral da igreja paroquial de São Miguel, em Escarigo – Figueira de Castelo Rodrigo. Apesar de não subsistir qualquer referência documental, parece-nos ter sido executado nos finais do século XVIII ou na centúria seguinte por um modesto profissional, que utiliza uma composição desproporcionada e sem coerência, mais acentuada no ático.



Escarigo. Igreja paroquial.
Retábulo lateral.
Foto SIPA 1058753.

87 EUSÉBIO, 2005, 2, p. 747.



Aldeia Viçosa (Guarda). Igreja paroquial.
Retábulo lateral, da segunda metade
do século XVIII.
Foto SIPA 1091488.



Mangualde. Igreja paroquial de São Julião.
Pormenor do retábulo-mor.
Fonte EUSÉBIO, 2005, 3, p. 111.

Periodização

Se excetuarmos os períodos de longa extensão, respeitantes à época medieval[88] e à Idade Contemporânea[89], verificamos que na Idade Moderna ou Antigo Regime existiram vários períodos de média duração, equivalendo *grosso modo* cada conjuntura artística a uma geração (período de trinta a quarenta anos).

Uma análise minuciosa, quer das fontes primárias, quer dos retábulos remanescentes, permite constatar que, nos séculos XVI, XVII e XVIII, sempre que as disponibilidades financeiras permitiam, os diversos intervenientes assumiam as inovações adotadas periodicamente na corte portuguesa e difundidas nos principais centros urbanos, nomeadamente nas cidades de Coimbra e do Porto, as que exerceram maior influência nos dois bispados em estudo. A título de exemplo apontamos a situação ocorrida na igreja matriz de São Julião, em Mangualde, em que o retábulo construído em 1635[90], é mandado substituir, em 1691, *por se achar há algum tempo antiquado* e a haver na igreja *alguma quantidade de dinheiro*[91]. Contudo, só foi efetuada uma remodelação, tendo-se aberto uma *tribuna*, que foi rejeitada em 1707, referindo o visitador: *o retábulo da capela-mor se acha tão indecente e tosco que não é razão que uma igreja tão autorizada e a que acode tanto concurso de gente de várias partes, esteja com um retábulo tão improporcionado, pelo que atendendo ao sobredito e a que há cabedal bastante em a Fábrica, mando que se faça de novo um retábulo para a dita capela-mor, com suas colunas salomónicas, muito bem feito por oficial perito que bem o saiba fazer e chegará de parede a parede*[92].

A partir dos finais do século XV, princípios do XVI, cada nova

88 Do século XII aos meados do século XV, apesar de ainda se fazerem alguns exemplares retardatários até meados de Quinhentos.

89 Dos finais do século XVIII ao Concílio Vaticano II (1962 - 1965).

90 Na visitação ocorrida em 1635, é dito que o retábulo estava *muito perfeito, pelo que dou ao dito reverendo vigário por desobrigado da dita obra* (ALVES, 2001, 2, p. 276).

91 EUSÉBIO, 2005, 2, p. 259.

92 EUSÉBIO, 2005, 2, p. 261.

conjuntura passou, com alguma frequência, a ser designada *ao moderno*[93]. Como exceções referimos o Renascimento, o Rococó e o Tardobarroco em que, por vezes, se utilizam respetivamente os termos *ao romano*, gosto *francês* e *à romana*.

Em contrapartida, quando se referiam aos retábulos de qualquer uma das conjunturas anteriores, designavam-nos *ao antigo*.

Vejamos alguns testemunhos da aplicação destes termos:

-Em 1716, frei Agostinho de Santa Maria ao referir-se à imagem de Nossa Senhora da Ribeira, na freguesia de Ínsua – Penalva do Castelo, diz o seguinte: *está colocada no meio do retábulo do altar-mor, que é* ***moderno*** *e de obra salomónica, dourado*[94].

-Em 1725, o provedor e mais irmãos da mesa da Santa Casa da Misericórdia, em Viseu, ajustam a feitura dos três retábulos do frontispício da igreja, de *talha* ***moderna***[95].

-Em 1739, o cabido da sé de Viseu justifica a necessidade das várias obras a efetuar, mencionando que *estava o retábulo da capela-mor fabricado* ***ao antigo***[96], tendo sido executado em 1680.

-Em 1758, na igreja paroquial de Santiago de Besteiros – Tondela: *o altar-mor desta igreja é de pau e com ser* ***antigo*** *mostra ser moderno, porque está quase como hoje se usa, não sendo entalhado, mas tudo liso e bem pintado, ainda que se não gozam da sua pintura por estar encoberta*[97].

-Em 1801, o informador do bispado de Viseu refere a propósito da igreja do lugar de Carregal, na freguesia de Currelos: *tem um altar colateral com sua urna e retábulo, tudo de talha* ***à moderna****, mas*



Viseu. Igreja da Misericórdia.
Painel subsistente do retábulo-mor ajustado em 1725.
Fonte EUSÉBIO, 2005, 3, p. 387.

93 Esta terminologia não foi somente aplicada nos retábulos, mas também noutras modalidades artísticas. Por exemplo, em 1513, foi edificada uma nova fachada na igreja da sé, em Viseu, ***ao moderno***, promovida pelo bispo desta cidade D. Diogo Ortiz de Vilhena (RUÃO, 1997, pp. 13 e 19).

94 EUSÉBIO, 2005, 1, p. 258.

95 ALVES, 2001, 3, p. 182.

96 EUSÉBIO, 2002, p. 266.

97 DICIONÁRIO, 1758, p. 795.

ainda em tosco[98].

Enunciamos, de seguida, cada um dos períodos identificados, desde as origens até ao Concílio Vaticano II (1962 - 1965). Em certos casos aplicamos mais de uma designação, nomeadamente quando coexistem opções estéticas diferenciadas e em que nenhuma delas abrange a totalidade da realidade artística então existente.

Primórdios (século XII)

Os antipêndios ou frontais de altar tiveram grande aceitação na Europa ocidental a partir do Renascimento Carolíngio, continuando a ser executados nos séculos XII e XIII. Em Portugal também existiram, restando somente algumas referências documentais. Como exemplo mencionamos os três frontais recenseados, em 1188, no inventário dos bens do tesouro da sé, mandado fazer por D. João Peres, bispo de Viseu e pelo cabido: *1 frontal de anamader, 1 frontal de auro, 1 frontal de sirico*[99].

Os antipêndios eram maioritariamente em materiais preciosos, constituindo parte relevante do tesouro da igreja. Podiam também ser em madeira pintada, figurando quase sempre a representação de Cristo, dos Apóstolos, etc.

Românico (séculos XII e XIII)

Os primeiros retábulos surgiram no século XI, generalizando-se a sua utilização a partir da centúria seguinte[100]. Adquirem maiores dimensões que os frontais de altar da época anterior. Durante algum tempo coexistiu a tendência de se usar simultaneamente frontais e retábulos, continuando a ser maioritariamente em materiais preciosos.

Apesar de não subsistir qualquer retábulo deste período em Por-

98 PINTO, 2015, p. 14.
99 VENTURA e MATOS, 2010, p. 199.
100 BOUSQUET, 1982, pp. 218 e 219.

tugal, a sua existência é comprovada documentalmente, no já referido inventário, de 1188, dos bens do tesouro da sé, mandado fazer por D. João Peres, bispo de Viseu e pelo cabido: 1 *tabula de super altare*[101].

Gótico (séculos XIII e XIV)

Nas palavras de Henri Focillon, a partir dos finais do século XIV, constata-se o *desenvolver o gosto do infinitamente pequeno* (…) *a pintura torna-se lugar das experiências sobre o espaço* (…) *ao mesmo tempo, a escultura desliga-se cada vez mais da arquitetura, aceita as sugestões da pintura e do teatro nos retábulos de madeira ou de pedra, com personagens múltiplas, cenas compartimentadas, formigando de episódios, de achados e de gentilezas*[102].

A maioria dos retábulos quatrocentistas é portátil ou *movediça*, passando a predominar os trípticos e os polípticos. Quase sempre são importados, quer da Inglaterra, quer da Flandres. Como testemunho indicamos um painel de alabastro representando o Calvário, datado de 1420 - 1460[103], atualmente existente no Museu Grão Vasco, outrora integrado num retábulo importado da Inglaterra e que pertenceu provavelmente a algum templo da diocese de Viseu.



Viseu. Museu Grão Vasco. Painel de alabastro proveniente um retábulo importado de Inglaterra. Foto matriznet.

Tardogótico (meados do século XV e primeiro quartel de Quinhentos)

A partir dos meados do século XV, inicia-se um novo ciclo. A clientela mais abastada manda construir retábulos fixos à parede, por vezes monumentais, sendo assumidos como um importante equipamento arquitetónico e litúrgico, não só detentor de um discurso figurativo, mas também como representação alegórica do poder do cliente. Esta situação vulgariza-se no nosso país a partir

101 VENTURA e MATOS, 2010, p. 199.
102 FOCILLON, 1980, pp. 328, 329 e 332.
103 MATRIZNET



Viseu. Painel originário do retábulo-mor da igreja da sé, atualmente no Museu Grão Vsco.



Aldeia Nova (Trancoso). Igreja de Nossa Senhora da Conceição.
Pintura mural subsistente do antigo retábulo-mor.
Foto Joaquim Inácio Caetano.

partir do Manuelino, apontando-se como testemunho o retábulo mandado executar na capela-mor da sé, em Viseu, nos primeiros anos do século e que permaneceu *in loco* até 1680, sobrevivendo algumas das tábuas pintadas. Destacamos ainda um exemplar de menores dimensões, descrito em 1537, na capela-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Graça, em Castelo Novo: *um retábulo muito bom do tamanho do altar* (…) *com seu guarda-pó bem lavrado e dourado por partes e tem três imagens, a saber, Nossa Senhora da Graça e à mão direita São João Evangelista e à esquerda São João Baptista*[104].

No entanto, na sua generalidade os retábulos, de pequenas ou médias dimensões, eram portáteis ou amovíveis, preferencialmente trípticos com portas ou volantes, com pintura figurativa nos três painéis, nalguns casos também no reverso das portas. Utilizavam madeira de bordo, sendo importados da Flandres ou então de castanho ou carvalho, de produção nacional, executados inicialmente por artistas estrangeiros que trabalham para a corte e que, gradualmente, vão formando profissionais portugueses. Como exemplos mencionamos o tríptico da Lamentação com Santos Franciscanos, atualmente no MNAA, proveniente do extinto convento de São Francisco, em Orgens – Viseu (ver p. 166) e o painel que subsiste do tríptico da Adoração dos Pastores e que no reverso representa a Anunciação, existente no Museu da Guarda, oriundo da igreja paroquial de Nossa Senhora do Açor, no concelho de Celorico da Beira.

À semelhança do que ocorria noutras regiões do país, o interior de diversos templos era revestido por pintura mural figurativa, incluindo sobre a mesa do altar que, apesar de não utilizarem *ainda os elementos formais de um retábulo, no entanto as figu-*

104 HORMIGO, 1981, p. 21.

ras estão organizadas num esquema retabular[105]. A título de exemplo mencionamos a descrição do visitador da Ordem de Cristo, efetuada em 1537 à anteriormente mencionada igreja paroquial de Castelo Novo: *os altares de fora estão bem feitos, pintados de frontais e o da mão direita é de Santa Catarina e São Roque e o da mão esquerda de São Lourenço e Santo António e estas imagens estão pintadas na parede dos altares*[106] e a pintura remanescente do primitivo retábulo-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, em Aldeia-Nova – Trancoso.



Viseu. Elementos remanescentes do retábulo de São Sebastião, originário da sé, atualmente no Museu Grão Vasco.
Foto Matriznet.

Renascimento (c. 1528 - meados do século XVI)

Período que corresponde, *grosso modo*, ao reinado de D. João III (1521 - 1557). Enquanto na fase anterior se designavam as obras inovadoras pela expressão *ao moderno*, no Renascimento, por oposição estilística, prefere-se a expressão *ao romano* ou *ao modo antigo, romano*, denunciando *uma crescente consciência do valor exemplar do* "antigo"[107]. Surge em paralelo com a manutenção de tipologias e modelos medievais, afirmando-se progressivamente como opção dominante.

Entre os materiais utilizados, a maior parte da clientela preferiu a madeira, apontando-se como exemplos os cinco retábulos mandados executar para a igreja da sé, pelo bispo D. Miguel da Silva (1526 - 1540), nos primeiros anos da sua governação: o de São Pedro, o de São João Baptista, o Calvário, o Pentecostes e o de São Sebastião, ainda subsistentes, apesar de lhes faltar a estrutura arquitetónica que os enquadrava.



Retábulo italiano renascentista, com um único painel central e três pinturas na predela
Foto Saiko.

Dos poucos retábulos pétreos remanescentes, individuali-

105 CAETANO, 2016, p. 3.
106 HORMIGO, 1981, p. 21.
107 MOREIRA, 1995, p. 315.

zamos o da igreja da Misericórdia, em Pinhel, de pedra de Ancã, atualmente no Museu Municipal, eventualmente executado pelo reputado escultor francês João de Ruão, com oficina aberta na cidade de Coimbra[108] (ver p. 155).



Viseu. Tríptico da Última Ceia, proveniente do paço do Fontelo, atualmente no Museu Grão Vasco.

Em relação às tipologias formais, se tivermos em conta os exemplares mencionados constatamos que os da sé de Viseu tinham corpo único e um só tramo e o da Misericórdia de Pinhel corpo único e três tramos. Mantem-se ainda o uso de trípticos, sendo o da Última Ceia ou Instituição da Sagrada Eucaristia, de 1535, um excelente exemplo. Realça-se que este exemplar, existente no Museu Grão Vasco, é proveniente da capela do paço episcopal do Fontelo, em Viseu.

Enumeramos, seguidamente, algumas das características formais dos retábulos renascentistas:

-Predomínio da planta reta ou plana.

-São definidos os elementos compositivos que permanecerão, durante séculos, na grande maioria dos retábulos portugueses, a saber, o embasamento com um ou dois registos sobrepostos, o(s) corpo(s) e o ático, estruturados através das ordens arquitetónicas em tramos. Estes últimos são preenchidos por ciclos figurativos de caráter religioso, em relevo escultórico nos exemplares de pedraria e em pintura nos de madeira.

-Os corpos e os tramos são delimitados por pilastras e/ou colunas, podendo estas últimas ser lisas, apresentar caneluras ou ainda a forma de balaústres, também designadas por *colunas monstruosas* (Diego de Sagredo).

-O vocabulário decorativo então vigente baseia-se em motivos inspirados na arquitetura greco-romana, designadamente candela-

108 DIAS, 1977, pp. 3 a 5.

bros, mascarões, cartelas, medalhas, urnas, bucrânios, troféus, sátiros, vieiras, etc.

Atitude anticlássica e decoro tridentino (meados do sec XVI - c. 1580)

Período correspondente à primeira fase do Maneirismo. Principia, no final do reinado de D. João III, prolongando-se até ao domínio filipino. Coexistiram duas opções estéticas, ambas de acentuado cunho classicista. Uma em que predominam os ornatos ítalo-flamengos, a outra, surgida após a última sessão do Concílio de Trento, em dezembro de 1563, pautada pela sobriedade e contenção decorativa.

A opção da madeira entalhada e predominantemente dourada acolhendo diversos painéis de pintura figurativa foi seguramente a de maior aceitação da clientela. Em menor número foram os exemplares de pedraria e os de pintura mural. Como testemunhos destas opções salientamos, respetivamente, um retábulo outrora existente na igreja monástica de Ferreira de Aves – Sátão, de que subsiste somente uma tábua pintada com a Ressurreição de Cristo ladeada por duas metas, o retábulo da Anunciação, na igreja da sé, na cidade da Guarda (ver p. 157) e um altar colateral da igreja paroquial de Nossa Senhora das Neves, na Sortelha - Sabugal (ver p. 158).



Ferreira de Aves.
Painel originário de um retábulo quinhentista.
Foto Vítor Oliveira.

Tal como acontecia no período antecedente, muitos retábulos têm um caráter narrativo ou didático, prevalecendo as tipologias que utilizam dois ou mais corpos e vários tramos, preenchidos na sua maioria por representações figurativas. Em menor número eram os retábulos devocionais a um só tema, normalmente com corpo único e um só tramo.

Apresentamos, de seguida, algumas das características formais dos retábulos desta conjuntura artística:

-Predominam as plantas retas ou planas, verificando-se uma maior dinamização em determinados exemplares de pedraria, nomeada-

mente nos que se adaptam à estrutura arquitetónica da capela onde se localizam, conforme se verifica no grandioso retábulo da capela -mor da igreja da sé, na Guarda (ver p. 156), executado por João de Ruão, o mais reputado escultor com oficina aberta na cidade em Coimbra.

-O equilíbrio e as proporções renascentistas dão lugar, por vezes, a composições alongadas e esguias.



Guarda. Sé.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto Santiago Abella.

-Os elementos arquitetónicos são interpretados com alguma liberdade, tendendo mesmo a simplificar-se. Passam a preponderar as pilastras e as colunas estriadas, por vezes diferenciadas no terço inferior.

-Em relação aos ornatos, *as figuras fantásticas e contaminadas por vários mundos vão dando progressivamente lugar ao ornamento menos exótico e ordenado a um ritmo mais rígido. Motivos de frutos associados a ramos vegetalistas, ferroneries, máscaras ou cartelas várias com ou sem inscrições e extraídas sobretudo do universo da gravura de raiz flamenga preenchem os campos decorativos da arquitetura*[109]. Por sua vez, nos retábulos mais sóbrios são usados poucos ornatos, designadamente elementos geométricos, vegetalistas, cabecinhas de serafins, etc...

Prenúncios do Triunfalismo Católico (c. 1580 - c. 1620)

Período correspondente à segunda fase do Maneirismo. Vigorou, *grosso modo*, no reinado dos dois primeiros monarcas espanhóis, respetivamente D. Filipe I (1580 - 1598) e D. Filipe II (1598 - 1621), assistindo-se a um estreitamento de relações artísticas com algumas cidades espanholas, nomeadamente Salamanca. À postura de contenção e de decoro que os responsáveis religiosos

109 CRAVEIRO, 2002, p. 407.

romanos tinham adotado na sequência do Concílio de Trento, quer os austeros papas, quer os grandes santos contrarreformistas, sucedem os primeiros sinais de um movimento de renovação, pautado por uma postura triunfalista da Igreja Católica. Na sequência da instituição do Purgatório como dogma de fé, ocorrida em 1580[110], tornou-se obrigatório celebrar missas, quantas mais melhor, para sufragar as almas dos que faleciam, podendo ser oficiadas em qualquer altar. Por conseguinte intensificou-se o número de retábulos, cada um deles restrito ao seu instituidor, seja coletivo (casas religiosas, igrejas paroquiais, confrarias ou irmandades e ordens terceiras), seja individual, particularmente os membros das elites. É neste contexto quer a obra de Sebastião Serlio se torna o ponto de partida para uma série de ensaios e experiências que, apesar de pontuais e, nalguns casos, divergentes, estão na origem de determinadas soluções de rutura, tensão, desequilíbrio e, por vezes, complexidade na composição arquitetónica retabular.



Aguieira (Nelas). Capela privativa do solar Sacadura Bote. Retábulo.
Fonte EUSÉBIO e MARQUES, 2005, p. 188.

Tal como ocorreu nas fases anteriores, predomina a utilização de madeira, complementada, quase sempre, por painéis de pintura figurativa e/ou com esculturas, como sucede num retábulo colateral da igreja paroquial de São Miguel do Outeiro – Tondela (ver p. 161). Destacamos ainda a manutenção dos trípticos, com tábuas pintadas, mencionando a título de exemplo o de um santo bispo, Santo Antão e Santo António, que se encontra no Museu da Guarda e que é proveniente de um templo do concelho do Sabugal (ver p. 159), pese embora a moldura não ser a original.

Se na maioria dos retábulos prevalece o caráter narrativo ou didático, valorizam-se também os devocionais, quer a um, quer a

110 OLIVEIRA, 1992, p. 349.

três temas, onde avultam representações individualizada das figuras representadas. Apontam-se como exemplos desta última opção o retábulo da ermida de Santa Bárbara, em Algodres – Figueira de Castelo Rodrigo e o da capela privativa do solar Sacadura Botte, em Nelas (ver p. anterior).

Apresentamos, de seguida, algumas das características formais dos retábulos desta conjuntura:

-Predominam as plantas retas ou planas. Em determinados exemplares é criada alguma dinamização ao colocar as colunas das extremidades ligeiramente salientes em relação aos restantes elementos arquitetónicos.

-Surge a tendência para preencher a totalidade do vão da capela onde o retábulo se insere.

-Emprego de elementos dissonantes: colunas parcialmente ocultadas por segmentos de frontões curvos, coexistência de painéis pintados de formatos diferenciados, entablamentos interrompidos pelo remate dos nichos, etc.

-As ordens arquitetónicas preferidas são as clássicas, nomeadamente a jónica e a coríntia, predominando esta última. O fuste é parcial ou totalmente canelado, por vezes com o terço inferior decorado com diamantes e/ou óvulos, grinaldas de frutos, cabecinhas de serafins, etc. Assiste-se ao aparecimento de elementos mais dinâmicos, incluindo consolas ornadas de grinaldas.

-Regista-se uma grande diversidade de soluções no ático, quer nos exemplares com uma composição única, quer nos que apresentam uma composição tripartida.

-A pintura figurativa deixa gradualmente de ser aplicada sobre painéis de madeira e passa a usar-se sobre telas de cânhamo, possibilitando representações de grandes dimensões.

-O vocabulário decorativo preenche, não só os elementos arquitetónicos: pedestais, colunas, pilastras e entablamentos, mas também outros espaços disponíveis. Na maioria das situações mantêm-se os ornamentos



Viseu. Retábulo proveniente do paço do Fontelo, atualmente no Museu Grão Vasco. Foto Matriznet.

inspirados nas gravuras ítalo-flamengas.

Protobarroco (décadas de 1620/1630 - c. 1684)

Período que vigora no segundo e terceiro quartéis do século XVII. O impacto da postura triunfalista da Igreja Católica acentua-se na península ibérica, onde adquire características distintas dos restantes países europeus. A partir do reinado de D. Filipe III, evidenciam-se de forma sistemática novos princípios normativos, quer litúrgicos, quer artísticos, que não serão postos em causa pelos monarcas da Restauração, nem tão pouco na sequência do abrandamento de relações diplomáticas de Portugal com a Santa Sé, ocorrido pouco depois.

Neste período, de grande relevância, surge uma das maiores inovações retabulares em Portugal: o camarim, que preenche o intercolúnio central do retábulo-mor e que normalmente rompe o entablamento através de uma arquivolta plena. No seu interior é colocado um trono escalonado, expondo-se, em momentos específicos, uma custódia ou um ostensório com uma hóstia consagrada. No restante tempo, a boca do camarim estava coberta por uma tela amovível com a representação pictórica do orago ou com cortinas de tecido, que eram retiradas oportunamente. Por sua vez os tramos laterais eram ocupados com esculturas de vulto perfeito inseridas em nichos ou então preenchidos com representações figurativas em relevo escultórico. Os retábulos destinados à exposição solene do Santíssimo eram restritos aos templos de maior importância religiosa, a saber, igrejas monástico-conventuais, igrejas paroquiais, igrejas de ordens terceiras e de irmandades da Misericórdia. Como testemunhos mencionamos o da igreja paroquial de São Pedro, em Aldeia de Joanes – Fundão e o da igreja conventual de Santo Francisco do Monte, em Orgens – Viseu (ver p. 166).



Lajes (Seia). Igreja paroquial.
Colunas do retábulo-mor que ladeiam o camarim.
Foto Município de Seia.

Outro dos sinais de modernidade está relacionado com a prefe-



Fundão. Retábulo colateral proveniente da igreja conventual do Seixo.
Foto SIPA 868807.

rência pelos retábulos devocionais a um só tema, com corpo único e um só tramo e que preenchem a totalidade do vão disponível, em substituição dos retábulos narrativos, com dois ou mais corpos e diversos tramos. Consequentemente, passam a ter grande aceitação da clientela, sobressaindo no centro da composição a representação do orago, quer inserida num nicho emoldurado, quer numa tela pintada, de formato retangular. A título de exemplo indicamos os retábulos colaterais da igreja conventual de Santo António, em Penamacor (ver p. 165) e um dos colaterais da igreja paroquial de São Salvador, em Mosteiro de Fráguas – Tondela (ver p. 167). Como alternativa indicamos os retábulos com corpo único e uma composição tripartida, inscrevendo-se os intercolúnios, maioritariamente com telas pintadas, entre duas colunas, uma de cada lado.

Referimos ainda a progressiva utilização do entalhe em médio relevo, integralmente dourado e policromado, que preenche grande parte ou mesmo a totalidade do retábulo, incluindo os elementos arquitetónicos.



Alpedrinha. Igreja paaoquial.
Pormenor de retábulo colateral.
Foto Santiago Abella.

Em relação aos materiais, a madeira de castanho, a mais abundante na região foi a de maior preferência. Só, excecionalmente, alguma clientela mais endinheirada poderá ter recorrido à madeira de bordo, importada da Flandres.

Apresentamos, de seguida, algumas das características for-

mais dos retábulos desta conjuntura:

-As plantas retas ou planas são as de maior aceitação, surgindo os primeiros exemplares com maior dinamismo, apontando-se como testemunho de grande relevância o da capela privativa do palácio Anadia, em Mangualde, o exemplar pioneiro da utilização de um *arco* ou enquadramento arquitetónico a envolver o retábulo propriamente dito (ver p. 168). De realçar a pintura anacrónica resultante de uma intervenção oitocentista e que justificava ser reposto o douramento seiscentista.

-Predominam as colunas com brutescos no terço inferior e caneluras no resto do fuste ou então com o fuste integramente revestido com ornatos vegetalistas em relego escultórico. São, ainda, usadas consolas e quartelões.

-O vocabulário decorativo adquire cada vez mais um caráter naturalista, no qual prevalece a folhagem de acanto, em médio relevo, sendo complementado por cabecinhas de serafins, mascarões, etc.



Alpedrinha. Igreja paroquial. Colunas de um retábulo lateral. Foto Santiago Abella.

Barroco Pleno[111] (c. 1684 - c. 1721)

Período que corresponde *grosso modo* à época de D. Pedro II, primeiro como regente (1669 - 1683), depois como monarca (1683 - 1706). De salientar o ambiente de paz e de prosperidade decorrente do fim do conflito militar com a Espanha, do consequente reatamento das relações diplomáticas com a Santa Sé e da descoberta de importantes jazidas de ouro e de diamantes na região de Minas Gerais, no Brasil. Trata-se, sem qualquer dúvida, da conjuntura que conheceu maior aceitação, subsistindo nos bispados da Guarda e de Viseu um acervo retabular de grande relevância artística, apesar

111 Vulgarmente conhecido por Barroco Nacional.

de uma parte estar desvirtuado por restauros inadequados, designadamente na aplicação de policromias anacrónicas.

Os exemplares pioneiros surgem na década de 1680, apontando-se como exemplo um retábulo lateral, da invocação de Santo António, na igreja paroquial de Santar – Nelas (ver p. 77) e o da capela-mor da igreja paroquial da Imaculada Conceição, na Vermiosa – Figueira de Castelo Rodrigo, ajustado em 1686[112]. De registar que em 1691 esta nova conjuntura já estava bem implantada na região, conforme se verifica nas palavras do visitador da igreja matriz de São Julião, em Mangualde: *achei ser conveniente que se fizesse um retábulo novo para a capela-maior* (...) *e achar-se há algum tempo antiquado o que tem a igreja*[113].



Figueira de Castelo Rodrigo. Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto Paróquia de Figueira de Castelo Rodrigo.

A principal inovação foi a utilização das colunas torsas com seis ou sete espiras totalmente revestidas por cachos de uvas, parras e fénix e, por vezes, meninos vindimando. Se na generalidade das situações foi utilizada a coluna torsa, é possível encontrar-se quartelões ou pilastras compósitas e pilastras com o fuste revestido por ornatos vegetalistas.

Outro elemento de grande relevância diz respeito à generalização de uma solução compositiva já ensaiada no ático de alguns retábulos da fase anterior[114], em que se utilizam arquivoltas plenas e concêntricas, cortadas transversalmente por aduelas. Agora são usados também arcos salomónicos, isto é, com espiras torsas e com ornamentação idêntica à das colunas. Esta solução não foi a única utilizada, recorrendo-se nas últimas décadas de Seiscentos a modelos retardatários, de composição unitária ou tripartida em que o ático assenta num en-

112 ALVES, 2001, 3, p. 41.
113 EUSÉBIO, 2005, 2, p. 259.
114 Por exemplo no da capela do palácio Anadia, em Mangualde.

tablamento contínuo, podendo aí encontrar-se uma ou mais representações figurativas, quer em pintura, quer em escultura de vulto perfeito.

A outra inovação diz respeito ao vocabulário ornamental, tratado em médio ou alto-relevo, descrito na época por *talha crespa e relevante*. O ornato predominante era a folha de acanto, designado na documentação por *cardo*. Os espaços reservados à ornamentação eram preenchidos por flores diversas, frutos, meninos e anjinhos despidos ou com poucas vestes, sempre com carnação, animais, sendo as fénixes as mais frequentes.



Canas de Senhorim (Nelas).
Capela de Nossa Senhora da Conceição.
Fonte EUSÉBIO, 2005, 3, p. 152.

As tipologias mais utilizadas foram a de corpo único e um só tramo e a de corpo único e três tramos. Teve pouca aceitação a dos arcos triunfais retabulares, aplicada em templos em que o frontispício da nave é integralmente preenchido por dois retábulos colaterais que se interligam entre si através do revestimento em talha das pilastras do arco triunfal e do espaço contíguo, como ocorre na igreja paroquial de Santa Maria, em Aldeia Viçosa – Guarda e na capela de Nossa Senhora de Cervães, em Santiago de Cassurrães – Mangualde (ver p. 200). Foi pontual a tipologia dos retábulos com *arco* ou enquadramento arquitetónico individualizado, como se verifica no de Nossa Senhora do Rosário, na igreja da sé, em Viseu (ver p. 38) e num dos altares laterais da igreja da Misericórdia de Alpedrinha – Fundão (ver p. 185).

A madeira predominantemente entalhada, dourada e, por vezes, policromada, foi a solução utilizada por toda a clientela.

Apresentamos, de seguida, as principais características dos retábulos desta fase:

-Para além das plantas planas ou retas, surgem outras mais dinâmicas, designadamente em perspetiva côncava.

-Os camarins ou tribunas deixam de estar associados aos retábulos onde se realiza a exposição solene do Santíssimo Sacramento e tendem a ser utilizados também nos exemplares devocionais a um

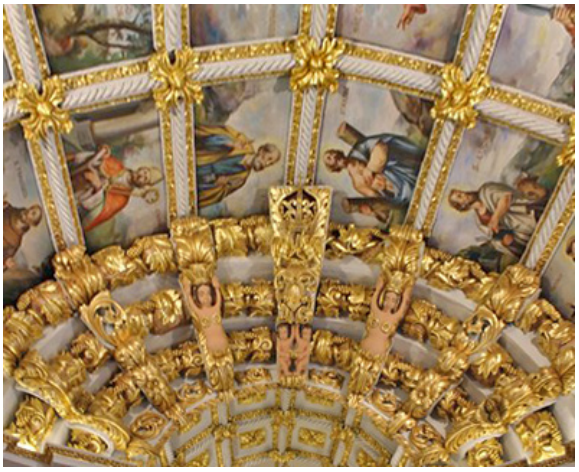


Santar. Igreja de São Pedro.
Retábulo de Santo António.
Fonte EUSÉBIO, 2005, 3, p. 168.

ou mais temas.

-Em determinados retábulos os intercolúnios laterais são preenchidos por emolduramentos retangulares pintados a ouro, simulando tecido de damasco, onde surgem mísulas suportando esculturas de vulto perfeito. A título de exemplos mencionamos o retábulo-mor da igreja paroquial de São João Baptista, em Quintela de Azurara – Mangualde.

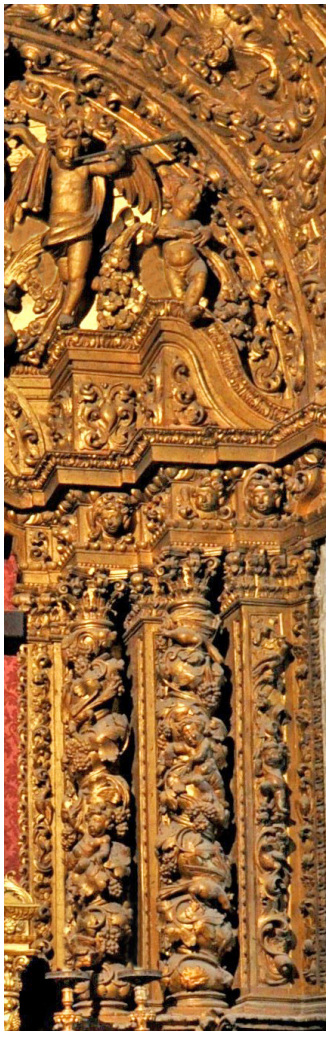
Rebolosa (Sabugal). Igreja paroquial.
Ático do retábulo-mor.
Foto SIPA 1037007.



- São empregues diversos elementos figurativos em relevo escultórico, quer nas mísulas e nos pedestais do embasamento, quer nos consolos do ático.

-A ornamentação expande-se por todos os espaços, numa atitude de *horror vacui*, pervertendo toda a composição.

-Assiste-se a uma tendência generalizada para os retábulos serem complementados por outras modalidades artísticas. Entre estas avultam a talha dourada, os tetos com caixotões pintados, a pintura de brutesco acântico, etc.



Viseu. Sé.
Pormenor de um dos retábulos colaterais.
Foto Santiago Abella.

Barroco Final[115] (c. 1721 – meados do século XVIII)

Conjuntura artística que corresponde, *grosso modo*, ao longo reinado de D. João V, em que predomina nos retábulos um carácter cenográfico de luxo e ostentação, resultante de uma maior aproximação aos cânones oriundos de Roma. Inicia-se um período de paz e de grande prosperidade, impulsionado pelo enriquecimento provocado pelo ouro e pelos diamantes originários do Brasil.

Numa fase inicial, que às vezes se prolonga por uma ou duas décadas, as tradicionais colunas torsas mantêm a sua configuração formal, sendo na maioria das situações renovada a decoração, que passa a utilizar ornatos vegetalistas e flores diversas. Como exem-

115 Vulgarmente conhecido por Barroco Joanino.

plares pioneiros referimos os retábulos colaterais, de São Pedro (ver p. 190) e São João Baptista (ver p. 108), na igreja da sé, em Viseu, ajustados a 23 de novembro de 1721, *na forma das plantas que vieram do Porto e de Coimbra*[116].

A partir de 1727, predomina o uso de colunas torsas, com o fuste espiralado, muitas vezes com o terço inferior diferenciado, sendo a garganta percorrida por uma grinalda de flores, como ocorre no retábulo-mor da igreja da sé, em Viseu (ver p.149). Como alternativas, com alguma aceitação, referimos o uso de pilastras e de quartelões. Só em casos pontuais, provavelmente associados a profissionais originários da cidade do Porto, é que se utilizaram colunas com o fuste integralmente revestido com enrolamentos vegetalistas, flores, laços, etc., apontando-se como exemplos o retábulo-mor da capela do solar dos Brasis, em Torre do Terrenho - Trancoso (ver p. 198) e os colaterais do santuário de Nossa Senhora da Esperança, em Abrunhosa, freguesia de São Miguel de Vila Boa – Sátão.

As tipologias mais utilizadas foram a de corpo único e um só tramo e a de corpo único e três tramos. Teve menor aceitação a dos arcos triunfais retabulares e a dos retábulos com *arco* ou enquadramento arquitetónico, maioritariamente individualizado, que complementa o retábulo propriamente dito. São exemplos respetivamente o retábulo-mor da igreja paroquial de Santíssimo Salvador, em Canas de Senhorim – Nelas; o da capela-mor da igreja paroquial do Divino Salvador, em Aldeia do Bispo – Guarda (ver p. 215), o da igreja conventual de Santa Clara, atual igreja paroquial, em Vinhó - Gouveia (ver p. 207) e o colateral, de Santa Bárbara, na igreja da Misericórdia, em Mangualde (ver p. 199).



Abrunhosa.
Santuário de Nossa Senhora da Esperança.
Pormenor de um dos retábuls colaterais, em que a coluna denota o risco de um artista do Porto.
Foto Município de Sátão.

116 ALVES, 2001, 1, pp. 192 e 193.

Tal como ocorria nas duas conjunturas anteriores, a madeira predominantemente entalhada, dourada e, por vezes, policromada, foi a solução utilizada por toda a clientela.

Apresentamos, de seguida, as principais características formais dos retábulos desta conjuntura artística, nomeadamente as que foram mais inovadoras:

-As plantas tendem a ser cada vez mais dinâmicas, maioritariamente em perspetiva côncava, passando a usar-se também a perspetiva convexa.

-São aplicados dosséis com sanefas, alguns com cortinas repuxadas por meninos ou anjinhos, quer no remate do camarim ou do nicho central, quer nas ilhargas ou nos tramos laterais, etc.

-O ático desempenha um papel compositivo fundamental. Em certos exemplares surge como o principal elemento inovador. Para além dos dosséis são empregues segmentos de frontão frontões curvos, alguns sustentando figuras de anjos e de meninos em alto-relevo; volutas, festões, elementos vegetalistas, etc. Interessantes testemunhos são os anteriormente mencionados retábulos colaterais da igreja da sé, em Viseu (ver p. 108 e 190).



Viseu. Sé. Ático de um dos retábulos colaterais.
Foto Santiago Abella.

- São usados com frequência elementos figurativos em alto-relevo (atlantes, meninos hercúleos, anjos, querubins, serafins, meninos,

etc.), não só no embasamento e no ático, mas também nas ordens arquitetónicas, como ocorre com as metas que rematam as pilastras que ladeiam o camarim do retábulo-mor da igreja da sé, em Viseu (ver p. 149).

- A ornamentação continua a ser tratada preferencialmente em relevo (em alto, médio ou pequeno relevo ou *baixinha*) e a invadir todos os espaços disponíveis.

-O vocabulário decorativo mantém diversos elementos da fase anterior, predominando os enrolamentos vegetalistas, festões de flores, palmas, grinaldas, ornatos sinuosos e leves, conchas, etc.

-A preponderância da aplicação do douramento, complementado por alguma policromia, pela carnação e pelo estofado.

-Mantém-se a tendência generalizada para os retábulos serem complementados por outras modalidades artísticas, como se verifica na cobertura da capela-mor da igreja da Misericórdia, em Mangualde.



Mangualde. Igreja da Misericórdia. Cobertura da capela-mor. Foto SIPA 13816.

Tardobarroco e Rococó (meados do sec. XVIII - década de 1790)

Período que principia nos meados de Setecentos, fortemente condicionado pela drástica diminuição de recursos financeiros. Coexistem duas opções estéticas diferentes: o Tardobarroco e o Rococó, que acabam por se influenciar mutuamente.

Apesar de os retábulos *à romana* ou *à maneira de Roma* terem sido minoritários na fase anterior, restringindo-se a sua aceitação a algumas elites lideradas pelo rei D. João V, a partir dos meados de Setecentos afirmam-se gradualmente, estando na origem do Tardobarroco. Como tal apresentam largas superfícies lisas fingindo pedraria policroma. Esta opção teve alguma aceitação, designadamente no bispado de Viseu, por influência direta de profissionais sediados na cidade de Coimbra, de que é exemplo o reputado mestre Gaspar Ferreira. Indicamos como eventuais exemplares pioneiros o da capela da Casa Rebelo, em Mangualde (ver p. 211) e o da ermida de Santa Ana, em Tondela (ver p. 220).

O Rococó, de origem francesa, apresenta como elemento ornamental inovador os concheados ou rocalhas, continuando a ser predominantemente entalhados e dourados e como tal mais dispendiosos. Como testemunhos mencionamos os retábulos colaterais da igreja conventual de São José, em São Pedro do Sul (ver p. 222) e o de uma capela lateral da igreja conventual da Madre de Deus, em Vinhó – Gouveia.



Vinhó. Igreja conventual.
Retábulo lateral.
Foto SIPA 10901178.

As crescentes dificuldades económicas e a consequente opção da corte pelos valores do Tardobarroco acabaram gradualmente por se impor em todos o país, apesar de alguma resistência, cada vez mais esporádica dos adeptos do Rococó. De igual modo, o declínio da piedade pública e a progressiva secularização do culto, fortemente dinamizados pelas ideias iluministas e pela política pombalina, vão estar na origem da decadência dos retábulos, nomeadamente nos de madeira preponderantemente entalhada e dourada, bastante dispendiosos e da sua substituição por outros muito mais baratos, onde predominam os fingimentos de pedraria policroma ou então o branco de pérola ou de leite. Deste modo terminava um longo e interessante ciclo, estreitamente associado ao Barroco.

Apresentamos, de seguida, as principais características formais, designadamente as que foram mais inovadoras:

-As plantas denotam grande dinamismo, como nunca até então tinha ocorrido. Em certos casos, utilizam-se superfícies curvilíneas, quer côncavas, quer convexas. Noutros prefere-se acentuar a angulosidade dos elementos arquitetónicos, que são colocados de viés. Interessante testemunho é o retábulo-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora do Açor, na freguesia de Açores – Celorico da Beira (ver p. 93).

-A aplicação de uma grande diversidade de elementos arquitetónicos: colunas torsas ornamentadas por uma grinalda de flores na garganta do fuste, com ou sem o terço inferior diferenciado; colunas clássicas de fuste liso, por vezes adossadas com diferentes ornatos, incluindo concheados; colunas e pilastras compósitas, quartelões, pilares-estípites, etc.

-O uso de soluções diversificadas no ático, desde composições definidas por elementos arquitetónicos clássicos a outras bastante mais elaboradas.



Linhares da Beira. Igreja paroquial.
Retábulo colateral.
Foto SIPA 1091178.

-Os elementos figurativos são pouco empregues, restringindo-se a figuras de anjos, a Virtudes e a cabecinhas de serafins.

-Se, em muitos espécimes, os ornatos em talha são desvalorizados, nos que adotam mais fielmente o Rococó, o vocabulário ornamental assenta sobretudo nos concheados ou rocalhas fantasistas e assimétricas. Usam-se também linhas sinuosas e formas auriculares, ornatos vegetalistas estilizados, flores diversas, etc.

-O douramento continua a vigorar, restringindo-se, por vezes, a sua utilização a alguns ornatos em relevo escultórico. Por exemplo, em 1753, no ajuste da obra do douramento do retábulo-mor da igreja conventual de Santo António, em Viseu, é declarado *que no caso que haja resolução para se fingir o dito retábulo de pedra* (...) *pagando-lhe os*



Santiago de Besteiros.
Igreja paroquial. Pormenor do retábulo colateral.
Foto RAF.



Casegas (Covilhã). Ermida das Almas. Retábulo de madeira simulando pedraria policroma.
Foto Ricardo Silva.

acrescentos pelo que valerem[117]. Gradualmente começa a ser aplicada a pintura a simular pedraria policroma ou então o branco de pérola e o branco de leite com ligeiras aplicações de ouro.

-Mantém-se a tendência generalizada para os retábulos serem complementados por outras modalidades artísticas.

Romantismos historicistas (década de 1790 – meados do século XX)

A partir da década de 1790, principia um período de declínio, que maioritariamente dá continuidade às normas de contenção e sobriedade defendidas nas décadas anteriores pelos adeptos do Tardobarroco.

Estas opções estéticas acompanharam a profunda alteração de valores que se instalou na sociedade. As irmandades perderam adeptos: *a mundividência subjacente a esta transformação gradual de atitudes coincide com o período de difusão das ideias iluministas que se acentua na viragem do século e no decurso da experiência liberal de 1820-1823. Sob o impacto das novas ideias, sobem de tom as críticas aos excessos de uma prática religiosa superficial, incapaz de potenciar os valores espiritualmente libertadores do Cristianismo. Os ventos da secularização, trazidos pelo movimento das Luzes, contagiam o campo moral e dos costumes e sedimentam, em nome da razão crítica, os primeiros ataques públicos à intolerância e ao rigorismo do clero conservador*[118].

Após a queda do Antigo Regime e a consequente perda das fontes de financiamento da Igreja, acentua-se o período de decadência e de apego ao passado que se prolonga até ao Concílio Vaticano II (1962 - 1965).

A partir de então prevalecem os retábulos de menor qualidade, delineados e executados na sua maioria por artífices de modes-

117 ALVES, 2001, 2, p. 409.
118 ARAÚJO, 1997, p. 341.

tas qualificações.

A madeira permaneceu o material de maior aceitação, quer fingindo pedraria policroma, quer revestida a branco de leite com ligeiras aplicações de ouro.

As tipologias de maior acolhimento foram a de corpo único e um só tramo, podendo o intercolúnio inscrever-se entre dois ou mais elementos arquitetónicos e a de composição tripartida, em que cada tramo é ladeado por duas colunas ou pilastras, uma de cada lado. Como exemplos referimos, respetivamente, o retábulo da capela do Santíssimo, na igreja da sé, em Viseu (ver p. 48) e o da capela-mor da igreja paroquial de São João Baptista, em Nandufe – Tondela.

Apresentamos algumas das características principais deste período:

-As plantas de maior aceitação são as planas ou retas, usando-se em menor número as de maior dinamismo.

-O predomínio de estruturas lineares e de grande contenção e sobriedade, mantendo-se por vezes alguns elementos compositivos das épocas anteriores, designadamente os camarins preenchidos com tronos escalonados, na sua maioria destinados à exposição solene do Santíssimo Sacramento.

-Nos retábulos historicistas, os elementos arquitetónicos usados obedecem ao formulário que lhes serve de referência, o Barroco Pleno nos retábulos colaterais da igreja da Misericórdia, na Covilhã (ver p.146) e o Tardogótico nos altares das igrejas paroquiais de Nossa Senhora da Assunção, em Vila Nova de Tazem – Gouveia, cujos *lavores em talha* eram considerados *inexcedíveis,* em 1902[119] (ver p. seguinte) e na da Sagrada Família, em Belmonte (ver p. seguinte).



Louriçal do Campo.
Igreja paroquial. Retábulo lateral.
Foto SIPA 1079619.



Santar. Igreja da Misericórdia.
Retábulo do Senhor dos Passos.
Fonte EUSÉBIO e MARQUES, 2005, p. 227.

119 GAMA e CASTRO, 1902, p. 116.

-O vocabulário ornamental, de desenho fino e leve, é usado pontualmente, restringindo-se a alguns ornatos vegetalistas, grinaldas, vasos de flores, urnas, etc.



Vila Nova de Tazem. Igreja paroquial.
Retábulo-mor
Foto padre Joaquim Sequeira.



Belmonte. Igreja da Sagrada Família.
Retábulo lateral.
Foto Santiago Abella.

Filiação artística

Se no século XVI, os retábulos de pedraria[120] e os de madeira enquadrando tábuas pintadas[121] executados nas dioceses da Guarda e de Viseu tomavam por modelo os da cidade de Coimbra, tendo sido maioritariamente encomendados a profissionais forasteiros, os de pintura mural eram efetuados, na sua maioria, por artistas sediados na região.

A partir dos finais de Quinhentos a cidade do Porto afirma-se na região Norte como o principal centro urbano, disputando com Coimbra a sua área de influência na então Província da Beira. Estas duas localidades passaram, no entanto, a ser subsidiárias da realidade artística vigente em Lisboa, onde estava sediada a corte e os seus principais agentes artísticos, os arquitetos régios[122]. Era da competência destes últimos a receção das inovações oriundas da Europa e a sua posterior reformulação, que gradualmente servia de modelo às restantes regiões. Entretanto, vão surgindo em diversos locais, quer no bispado da Guarda, quer no de Viseu[123], as primeiras oficinas de entalhe que, no entanto, são insuficientes para responder às solicitações da clientela de toda a região em estudo, tornando-se necessário recorrer a mão de obra especializada, na sua maioria oriunda do arcebispado de Braga e, menor número, dos bispados do Porto e de Coimbra.



Múceres, freguesia de Castelões - Tondela. Ermida de Nossa Senhora do Livramento. Retábulo executado por uma oficina local. Foto RAF

No século XVII e sobretudo na primeira metade do século XVIII, no período de apogeu dos retábulos predominantemente entalhados e dourados, a clientela mais endinheirada e esclarecida recorria sobretudo a artistas forasteiros, com maior domínio técnico e mais atualizados. Em contrapartida os profissionais da região res-

120 Por exemplo, o da igreja da Misericórdia de Pinhel (ver p. 155) e o da capela-mor da igreja da sé, na Guarda (ver p. 156).

121 Interessante testemunho eram os retábulos da igreja da sé, em Viseu, o mor, dos princípios do século XVI e os cinco mandados executar na década de 1530.

122 De anotar a importância da criação, em 1594, da Aula de Risco do Paço da Ribeira.

123 A título de exemplo mencionamos a de António Castanho, sediada em Viseu, que em 1607, reformula o retábulo da capela de São Pedro, na igreja da sé.



Alpedrinha. Igreja paroquial.
Colunas do retábulo-mor, com oito espiras.
Foto SIPA 1078914.

pondiam às solicitações de paróquias e de confrarias ou irmandades com menores recursos, sendo visível nas suas obras o tratamento ingénuo, quer dos ornatos vegetalistas, quer das figuras de meninos e de anjinhos, o desrespeito por determinadas regras compositivas, etc. Entre múltiplos exemplos mencionamos os retábulos das ermidas de Nossa Senhora do Livramento, em Múceres – Tondela (ver p. anterior) e o de Santa Eufémia, em Fundões – Mangualde (ver p. 209), o da capela-mor da igreja paroquial de São Martinho, em Alpedrinha – Fundão, o da capela do Fidalgo, na igreja paroquial de Castelo Bom – Almeida (ver p.28). De salientar que estas especificidades se restringiram a uma ou outra oficina, nunca tendo sido comuns a nenhuma diocese.

Em relação à feitura dos projetos ou riscos de retábulos, uma parte foi concebida, quer por clérigos da região, quer por mestres entalhadores locais. Os restantes, solicitados quase sempre, por clientela mais informada, eram da responsabilidade de artistas do Porto e de Coimbra e só pontualmente de Lisboa. Vejamos alguns exemplos, por ordem cronológica, das diferentes situações:

Guarda. Sé. Pormenor do retábulo-mor.
Foto Santiago Abella.



-João de Rução, o mais reputado escultor com oficina aberta na cidade de Coimbra, em 1550, por encomenda do bispo da Guarda, D. Cristóvão de Castro, concebe e constrói o grandioso retábulo de pedraria da capela-mor da igreja da sé desta cidade (ver p. 156). Em 1553, o trabalho já ia adiantado, tendo já recebido do cabido 250$000 réis[124].

-O da capela privativa do palácio Pais ou Amaral ou de Anadia, em Mangualde, encomendado por Miguel Pais do Amaral, fidalgo da Casa Real e Cavaleiro da Ordem de Avis, onde também possuía habitação própria às portas de

124 DIAS, 2003, pp. 138 a 140.

Santo Antão, cujo projeto pode ter sido concebido, por volta de 1683, por *Mateus do Couto, o moço*, *sargento-mor e arquiteto das Três Ordens Militares*, morador na cidade de Lisboa.

-Na escritura de ajuste dos retábulos colaterais da sé de Viseu, realizada em 1721, o mestre entalhador compromete-se a executá-los *na forma das plantas que vieram do Porto e de Coimbra*[125].

-O que foi encomendado, em 1729, a Santos Pacheco, pelo cabido da sé de Viseu para *a obra do retábulo do altar maior da nossa sé, na forma da planta que mandámos vir de Lisboa*[126] (ver p. 149).

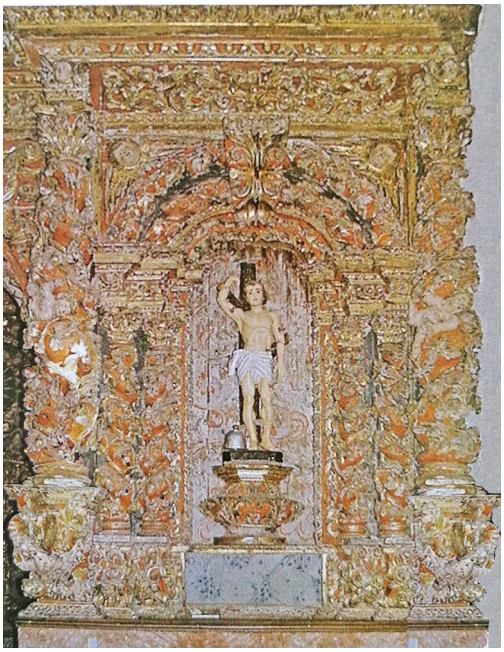
-Manuel Vieira da Silva, laborioso mestre entalhador e debuxador originário do concelho de Vieira, comarca de Guimarães, mas com oficina aberta no lugar da Sarnada, freguesia de São Vicente, a 20 de maio de 1724, ajusta a feitura dois retábulos colaterais para a igreja de Souto de Lafões – Oliveira de Frades, *na forma da planta que havia feito*[127].

-Em 1732, o reputado mestre Gaspar Ferreira, com oficina aberta em Coimbra, elabora uma *planta baixa* e passa a dirigir a remodelação do retábulo-mor da igreja da sé, em Viseu[128].

-Manuel Tavares, debuxador residente no lugar de Nogueira, eventualmente no termo de Cinfães, em 1739, faz a planta do retábulo-mor da igreja conventual de São Francisco, em Gouveia[129].

-Em 1742, o referido Gaspar Ferreira faz o projeto da Casa Rebelo, em Mangualde e talvez o risco do retábulo principal da capela privativa, da invocação de Nossa Senhora do Desterro, eventualmente o exemplar pioneiro do Tardobarroco na diocese de Viseu (ver p. 211).

-Frei Francisco, *religioso capucho da Província de Nossa Senhora da Con-*



Souto de Lafões. Igreja paroquial.
Retábulo colateral.
Fonte EUSÉBIO, 2005, 3, p. 189.

125 EUSÉBIO, 2002, p. 205.
126 EUSÉBIO, 2002, p. 225.
127 ALVES, 2001, 3, pp. 180 e 181.
128 ALVES, 2001, 2, p. 156.
129 ALVES, 2001, 2, p. 24.

ceição e assistente no seu convento de São Francisco de Orgens, em 1750, executa a planta do retábulo da confraria de Santo António, na igreja de São Julião, em Mangualde[130] (ver p. 107).

-João Correia da Silva, debuxador residente em Viseu, por encomenda de Manuel Teixeira de Carvalho e seu filho concebe, em 1753, o risco do *retábulo da sua capela de Santo António, pegada às suas casas*, em Viseu[131] (ver p. 23).

-João Ferreira Neto, *mestre escultor das partes de Guimarães*, em 1769, assume a feitura da tribuna da capela-mor da igreja paroquial de São Miguel de Campia, no então concelho de Lafões, *na forma da planta que para isso fez o mesmo escultor*[132].



Guarda. Igreja da Misericórdia.
Retábulo colateral.
Foto Santiago Abella.

-José da Fonseca Ribeiro, reputado mestre entalhador e debuxador com oficina aberta em Pinhanços – Seia, a 11 de setembro de 1773, faz o risco e assume a feitura do retábulo-mor da igreja da Misericórdia, na Guarda (ver p. 225), pela quantia de 1.000$000 réis, sendo talvez da sua autoria os dois retábulos colaterais [133].

-Na escritura do ajuste do retábulo da igreja da Misericórdia, em Santa Comba Dão, ocorrida a 27 de junho de 1774, entre outras cláusulas é referido que *a banqueta será feita na forma do risco que veio de Coimbra*[134].

-J. F. Prudêncio residia na cidade de Lisboa quando executa, entre 1842 e 1850, a maqueta da igreja paroquial de São Bento, em Louriçal do Campo – Castelo Branco (ver p. 232).

-João Augusto Machado, reputado mestre canteiro e debuxador com oficina aberta em Coimbra, concebe e executa em 1910, por encomenda do cónego da sé de Viseu, Manuel Damasceno da Costa, um altar de mármore, neogótico, para a igreja do colégio do Sacré-

130 ALVES, 2001, 1, pp. 115 e 116.
131 ALVES, 2001, 2, p. 171.
132 ALVES, 2001, 2, pp. 307 e 308.
133 NEVES, 2002.
134 ALVES, 2001, 1, p. 371.

-Coeur desta cidade[135].

Convém anotar que alguns retábulos, tendo em conta a sua aceitação, foram parcial ou integralmente replicados noutros templos, quer na mesma localidade, quer em diferentes lugares, como se constata nos seguintes testemunhos:

-O retábulo das Almas, na igreja paroquial de Nossa Senhora das Neves, na Sortelha – Sabugal (ver p. 122), executado na década de 1670, denota algumas afinidades com exemplares transmontanos, podendo eventualmente ter sido executado por António Lopes de Sousa, *mestre de obras de arquitetura* e entalhador com oficina aberta em Torre de Moncorvo.

-O retábulo-mor da igreja conventual de São Francisco do Monte, em Orgens, nos arredores de Viseu, executado por volta de 1672 (ver p. 166), foi reproduzido em dois conventos franciscanos de Pinhel, o de Santo António e o de São Luís, apesar de neste último lhe terem substituído algumas décadas depois as colunas originais por outras mais recentes.

-Os diversos retábulos com tribuna elíptica recenseados na diocese de Viseu[136] (cujo exemplar com datação mais remota é o da capela-mor da igreja paroquial de São Martinho, em Couto de Cima – Viseu (ver p. 197), executado por volta de 1727-1728[137]) foram seguramente concebidos e/ou replicados a partir de um risco da autoria do reputado mestre Gaspar Ferreira, sediado em Coimbra, mas assistente nas obras promovidas na sé de Viseu pelo cabido. Esta solução também foi usada, em 1730, no retábulo-mor da igreja do Senhor das Barrocas, em Aveiro (ver p.129), ocasião em que, faz



Pinhel. Igreja conventual de Santo António.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 04582.

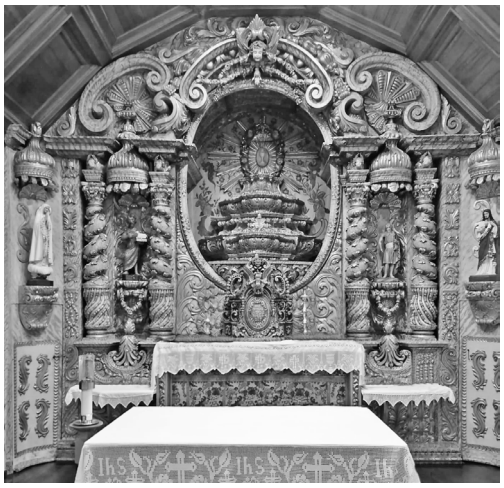


Algodres. Igreja da Misericórdia.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 89515.

135 ALVES, 2001, 2, p. 160.

136 Igreja da Misericórdia de **Algodres** – Fornos de Algodres, ermida de Nossa Senhora da Expetação, em **Corga** – Penalva do Castelo, igreja paroquial de **Carvalhais** – São Pedro do Sul, igreja paroquial de **Couto de Cima** – Viseu (ver p. 197), ermida de Nossa Senhora da Nazaré, em **Drizes** (ver p. 49), Várzea de Lafões – São Pedro do Sul, igreja paroquial de **Fataunços** – Vouzela (ver p. 145), ermida de Santa Eulália – **Moçâmedes** – Vouzela, ermida de São Saturnino, em **Pedrosas** – Sátão, ermida de Nossa Senhora das Candeias, em **Póvoa da Catarina** – Tondela (ver p. 206), igreja conventual de Nossa Senhora da Oliva – **Sátão** (ver p. 204), igreja paroquial de **Souto de Lafões** – Oliveira de Frades, igreja paroquial de **Ventosa** – Vouzela.

137 EUSÉBIO, 2002, pp. 117 e 118.



Vila Cova do Perrinho.
Igreja paroquial. Retábulo-mor.
Foto padre José Joaquim Ribeiro.

para este templo a *planta e os apontamentos das portas da igreja e sanefas de toda a obra, caixões da sacristia, portas das tribunas e dos púlpitos* (GASPAR, 1996, p. 39) e na igreja paroquial de Vila Cova do Perrinho, então pertencente à diocese de Coimbra. De anotar que também deve da sua ideia uma variante desta solução, a dos retábulos com a tribuna em forma de oito, apontando-se como testemunho um retábulo lateral da ermida de São Sebastião, em São Pedro do Sul (ver p. 208) e a réplica existente no retábulo das Almas, na igreja paroquial São Mamede, em Talhadas – Sever do Vouga, outrora também pertencente ao bispado de Coimbra.

-Um retábulo que visivelmente manifesta uma derivação do que foi executado na capela-mor da sé de Viseu, entre 1729 e 1733, encontra-se na igreja da Ordem Terceira do Carmo da mesma cidade, localizada a pouca distância[138].



Talhadas. Igreja paroquial de São Mamede.
Retábulo das Almas.
Foto padre José Carlos Lopes.

-Em 1730, os dois retábulos colaterais da igreja paroquial de Santa Maria do Pinheiro de Lafões – Oliveira de Frades foram ajustados *na forma dos colaterais da sé de Viseu*[139].

-O retábulo principal da ermida de São Sebastião, em São Pedro do Sul, apresenta no ático uma solução compositiva (ver p. 203) idêntica às que o mestre João Francisco, de Veigas, no termo de Bragança, utiliza em alguns retábulos atribuídos à sua oficina.

-Por volta de 1735, o retábulo-mor da ermida de Nossa Senhora da Esperança, em Abrunhosa, no concelho de Satão, serviu de modelo ao da igreja paroquial do Santíssimo Sacramento, em Nelas – Tondela[140].

-Em 1747, é contratada a feitura dos altares colaterais e frontispício da nave da igreja da igreja de São Lourenço, do Rei-

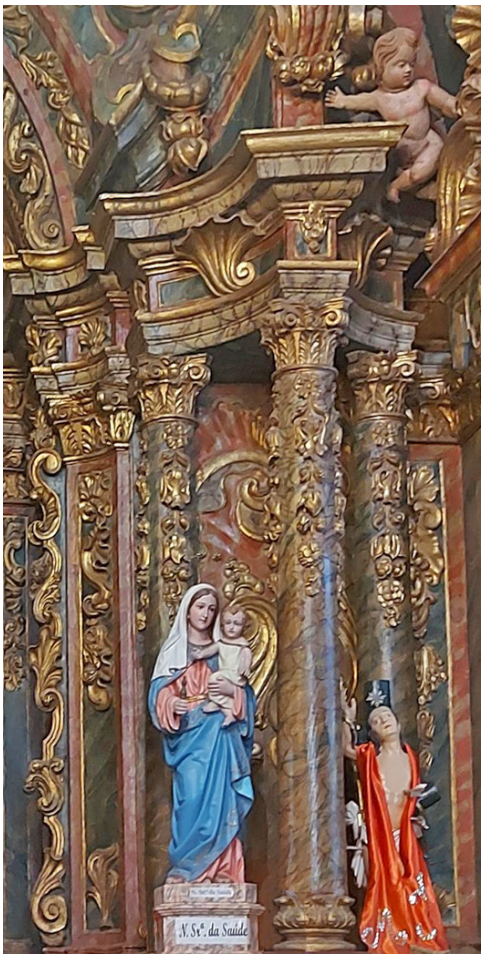
138 EUSÉBIO, 2005, 1, p. 475.
139 ALVES, 2001, 3, pp. 187 a 189.
140 EUSÉBIO e MARQUES, 2005, pp. 205 e 208.

goso – Oliveira de Frades, na forma dos altares colaterais da igreja de Ventosa - Vouzela[141].

-O retábulo-mor da igreja paroquial de Açores – Celorico da Beira, apesar de ter sido executado no terceiro quartel do século XVIII, utiliza uma solução compositiva idêntica à que foi usada algumas décadas antes no retábulo-mor da sé do Porto[142] e que teve alguma aceitação naquele bispado, sendo muito provável que o risco do retábulo da igreja de Açores tenha sido executado por um artista portuense.

- José da Fonseca Ribeiro, no dia 23 de maio de 1766, contrata a execução do retábulo-mor da igreja paroquial de Farminhão – Viseu, tomando por modelo o risco do retábulo da igreja paroquial de São Pedro, em Gouveia[143].

-Em 1806, *a tribuna para o altar-mor da igreja de Santiago de Besteiros* – Tondela (ver p. 148) foi executada *na forma do risco que veio para a obra do Sacramento* da sé da cidade de Viseu[144] (ver p. 48).



Açores. Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto padre Bruno Lopes.



Gouveia. Igreja paroquial de São Pedro.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 1057255.

141 ALVES, 2001, 1, pp. 121 e 122.

142 Nas ilhargas do intercolúnio são empregues colunas triplas, a do centro mais avançada, permitindo que de cada lado esteja uma imagem de vulto perfeito assente numa mísula.

143 ALVES, 2001, 3, pp. 57 a 60.

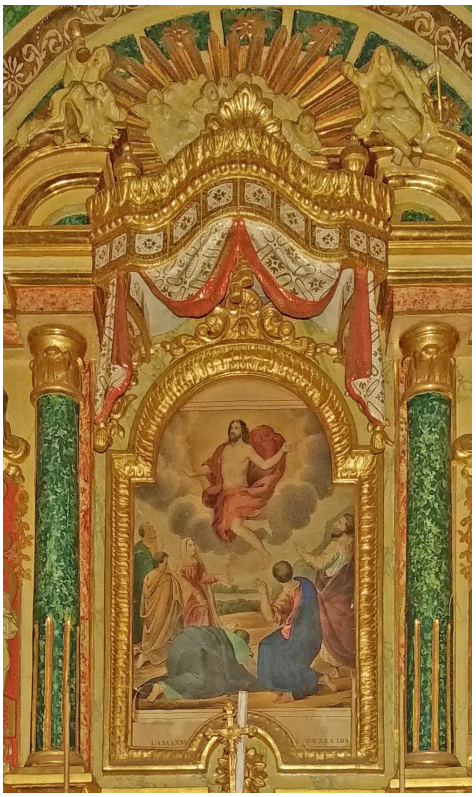
144 ALVES, 2001, 2, pp. 223 a 226.

Materiais e técnicas

Até um retábulo ficar concluído passava por sucessivas etapas, nomeadamente o projeto, a execução e os acabamentos, nas quais eram empregues materiais e técnicas diferenciadas. Vejamos então como se desenvolvia este processo nos três momentos indicados.

Projeto

Como já referimos, o projeto de um retábulo era então designado por *risco*, *traça*, *debuxo*, *rascunho*, *amostra*, *borrão*, etc. Os projetos eram desenhados em folhas de papel, em formato ligeiramente superior a A4 ou A3, respetivamente nos mais pequenos e nos maiores. Na sua maioria eram executados com tinta preta, só em casos restritos, se recorria a outras cores, nomeadamente o amarelo, o rosa, o verde, etc. Os projetos eram acompanhados, muitas vezes, por apontamentos escritos que especificavam as exigências do cliente.



Louriçal do Campo.
Pormenor da maqueta.
Foto Museu da Lourinhã.

No caso dos retábulos de pedraria ou com fingimentos de pedraria policroma, o projeto pode ser acompanhado por uma listagem ou minuta das cores das pedras a utilizar.

Só pontualmente se solicitava a execução de maquetas ou modelos de madeira. Um dos poucos exemplares subsistentes no nosso país é o que se encontra no Museu da Lourinhã e que representa o interior da igreja de Louriçal do Campo – Castelo Branco e que foi elaborado por volta de 1842 (ver p. 232).

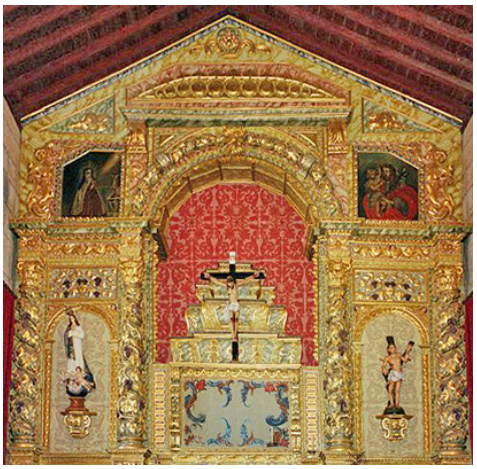
Execução

Em relação à feitura de retábulos, a madeira foi a opção mais vulgar ao longo dos séculos. A preferência por este material justifica-se por vários fatores: a existência de matéria-prima a custos acessíveis, a formação de mão-de-obra experiente desde os finais do século XVI, a eficácia e o baixo preço dos profissionais e

finalmente por opções estéticas.

Conforme se verifica na documentação, a madeira necessitava de estar em boas condições, *sem defeito algum*, especificando-se mesmo a ocasião certa para o corte: *enquanto aos cortes da madeira, logo que for boa lua para se cortarem*[145].

Depois de adquirida, era conduzida para a oficina ou tenda do mestre ou então para as instalações cedidas pelo cliente, normalmente nas imediações do templo para onde se destinava o retábulo. Aí era cortada e preparada de acordo com o tipo de entalhe previamente definido pelo cliente, como se verifica nos seguintes exemplos:



Vermiosa. Igreja paroquial.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 142858.

-A 24 de outubro de 1686, o mestre entalhador João Ribeiro assume com o *arcediago de Cimacoa* a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial de Vermiosa – Figueira de Castelo Rodrigo (...) *tudo de* ***entalhe miúdo*** *e figuras de meio relevo*[146].

-Em 1701, na visita à igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, em Boa Aldeia – Viseu, é recomendado ao *reverendo vigário fabriqueiro faça aviso aos oficiais escultores que lhe parecer que venham lançar neste novo retábulo com quatro colunas, revestidos os terços delas de* ***talha miúda*** *e na mesma forma os pedestais delas*[147].

-Em 1727, o mestre entalhador Francisco de Almeida assume a feitura do retábulo da capela da irmandade de Santo Cristo, em Vila do Conde – Carregal do Sal, comprometendo-se a executar *toda a obra muito bem feita e entalhada e* ***bastantemente avultada***[148] (ver p.126).

-Nas Memórias Paroquiais de 1732, referentes a Torre de Terrenho – Trancoso, é dito a respeito do altar da capela privada de Nossa

145 ALVES, 2001, 1, pp. 210 e 211.
146 ALVES, 2001, 3, p. 41.
147 EUSÉBIO, 2002, p. 397.
148 ALVES, 2001, 1, pp. 46 e 47.

Senhora da Penha de França: *com sua tribuna e sacrário, feita ao moderno, de* ***talha muito miúda***[149].



Lagarinhos (Gouveia). Ermida de Santo António. Pormenor do retábulo de talha em médio relevo. Foto SIPA 1057939.

Depois de entalhadas as várias peças que compunham o retábulo, era transportado para o local de destino, onde os diversos membros da oficina trabalhavam no encaixe ou ensamblagem das peças e na montagem final.

Frequentemente recorria-se à madeira com maior abundância na região, predominando a de castanho (*castanea sativa*). Só em casos pontuais, é utilizada a madeira de bordo, originária da Flandres e como tal de maior custo. Como testemunho desta última situação salientamos o compromisso assumido, em 1685, pelo mestre entalhador lisboeta José Antunes, no qual se comprometeu com o procurador do bispo da Guarda, D. frei Luís de Sousa, *fazer um túmulo*[150] *de madeira de bordo, todo entalhado a seu contente conforme o rascunho que fez ao senhor bispo* (...) *em preço e quantia certa de 100$000 réis*[151].

Por vezes, no mesmo retábulo utilizavam-se madeiras diferentes, reservando-se as de menor qualidade para os lugares de menos visibilidade. A título de exemplo mencionamos que na escritura de ajuste do retábulo-mor da igreja paroquial de Campia, no então concelho de Lafões, o capitão Manuel Ribeiro Lopes é *obrigado a dar os paus de carvalho que forem precisos para os barrotes necessários para o assento da mesma tribuna, preparados pelo mesmo mestre e sendo também obrigado a mandar conduzir a madeira de castanho desbastada do lugar de Ventosa para a dita igreja de Campia*[152].

Os exemplares de madeira mais remotos, que ainda subsistem, datam do século XVI. Se alguns destes retábulos eram

149 DICIONÁRIO, 1732, p. 333.

150 *Sepulcro* ou trono amovível destinado à exposição solene do Santíssimo Sacramento.

151 FERREIRA, 2009, 2, pp. 220 e 221.

152 ALVES, 2001, 2, pp. 307 e 308.

adquiridos na Flandres, outros passaram a ser executados em Portugal, primeiro por artistas nórdicos, aqui sediados e gradualmente por profissionais portugueses.

Em simultâneo, utilizam-se também retábulos fixos à parede testeira da capela, maioritariamente inseridos numa composição arquitetónica, sendo diversas as possibilidades de preencher os intercolúnios. Tanto podem incluir representações em relevo escultórico como painéis com pintura figurativa sobre madeira ou sobre tela. Como exemplar pioneiro mencionamos o da capela-mor da igreja da sé, em Viseu, executado nos primeiros anos do século XVI.

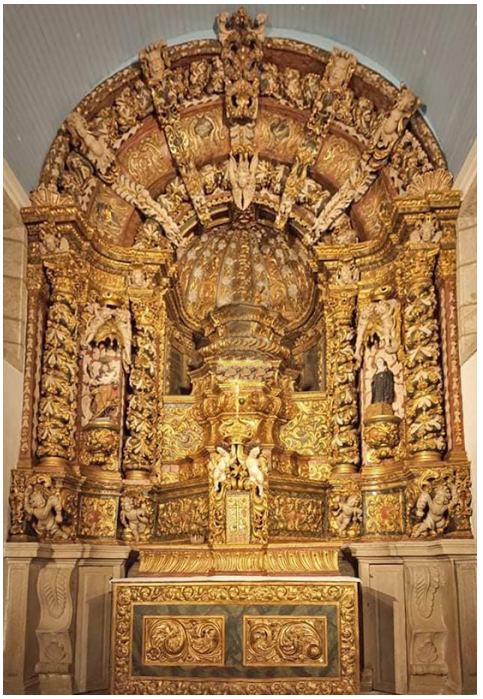
A partir do segundo quartel do século XVII, com o Protobarroco, começa um longo período que se prolonga até meados do século XVIII, em que os retábulos são predominantemente entalhados e dourados, sendo exemplos o retábulo-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Alagoa, em Algodres – Figueira de Castelo Rodrigo e o da capela privativa da Casa de Santar – Nelas. Pontualmente alguns exemplares apresentam o registo inferior do embasamento de cantaria lavrada, como ocorre na capela-mor da igreja paroquial da Imaculada Conceição, em Peraboa – Covilhã.

A utilização de materiais pétreos na feitura de retábulos foi sempre menor, pois o seu custo era mais elevado, não só pela raridade das matérias-primas, mas também devido ao reduzido número de profissionais competentes. A título de exemplo mencionamos dois retábulos-mores, de pedra de Ancã ou de calcário oolítico: o da igreja da Misericórdia, em Pinhel, atualmente no Museu Municipal (ver p. 155) e o da capela-mor da igreja da sé, na Guarda (ver p. 156), ambos executados por João de Ruão, o mais reputado escultor com oficina aberta na cidade de Coimbra.

A pintura mural fingindo ou não composições retabulares foi mais frequente no século XVI, como se vê no altar-mor da ermida do Espírito Santo, em Maçainhas – Monsanto (ver p. 154). Pontual-



Nelas. Capela da Casa de Santar.
Pormenor do retábulo.
Fonte EUSÉBIO e MARQUES, 2005, p. 189.



Peraboa. Igreja paroquial da Imaculada Conceição.
Retábulo-mor assente em embasamento de cantaria.
Foto SIPA 130042.



Pinhel. Igreja paroquial.
Retábulo colateral.
Foto SIPA 18703.

mente, executaram-se exemplares nos séculos seguintes, como o que foi mandado executar, nos primeiros anos do século XIX, pelos mordomos da confraria de São Brás do lugar de Carregal, freguesia de Santa Maria de Currelos: *um retábulo de perspetiva bem vistoso e agradável*[153].

Convém referir que a maior diversidade de materiais ocorria nos frontais da mesa do altar. Entre as diversas opções indicamos os têxteis, muitas vezes mudando de cor, consoante o tempo litúrgico, os de talha e em muito menor número os de azulejo e os de pintura mural ou sobre madeira, apontando-se como testemunhos, respetivamente o frontal da mesa do altar-mor da igreja paroquial de São Miguel, em Escarigo – Figueira de Castelo Rodrigo e um dos retábulos colaterais da igreja paroquial de Nossa Senhora do Castelo, em Pinhel.

Acabamento



Oliveira de Frades. Igreja paroquial de São Pelágio.
Retábulo-mor que nunca chegou a ser dourado.
Fonte EUSÉBIO, 2005, 3, p. 178.

Após o assentamento do retábulo no local destinado, tornava-se necessário complementá-lo com outras intervenções, a maior parte das quais executadas por profissionais com uma formação diferente. Por vezes, havia necessidade de esperar algumas décadas e só então as disponibilidades financeiras permitiam a sua conclusão. Por vicissitudes diversas, há retábulos em que não chegaram a ser aplicados esses complementos, como o da capela-mor da igreja paroquial de São Pelágio, em Oliveira de Frades, entalhado nos primeiros anos da década de 1720[154].

Excetuando os retábulos de pedraria, cujo polimento estava a cargo dos mesmos oficiais que os executavam e assentavam, nos restantes recorria-se aos pintores e douradores. Estes assumiam

153 PINTO, 2015, p. 14.
154 EUSÉBIO, 2005, 1, p. 341.

com o cliente um novo contrato, onde se especificava o preço, as modalidades de pagamento, os prazos a cumprir e as tarefas a realizar.

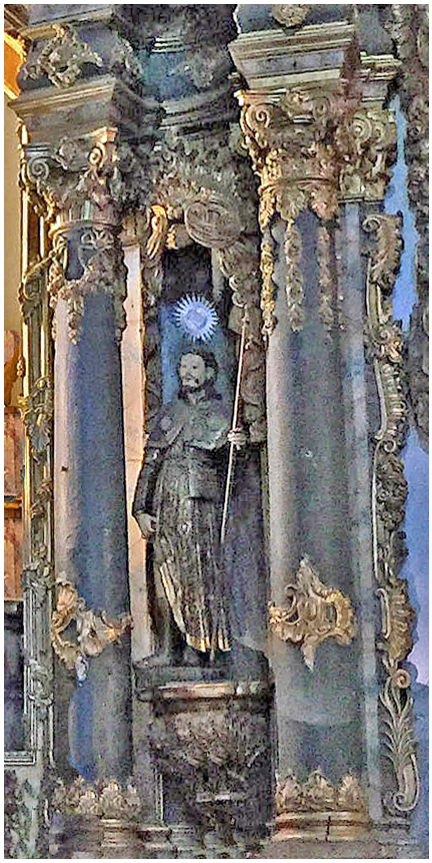
De entre as técnicas de maior preferência da clientela mencionamos o douramento, mais frequente nos séculos XVI, XVII e na primeira metade do XVIII. Nas palavras da Prof.ª Natália, *este não era unicamente a última fase pela qual passavam os retábulos* (...) *era a expressão mais eloquente de que se revestia a mística do ouro. Cor por excelência ligada a Deus, a sua profusão, ainda que buscando uma manifestação de majestade e magnificência, deverá antes de tudo ser entendida como um dos processos mais convincentes para a atração sensitiva do crente*[155]. O douramento era completado por outras práticas, sendo as mais usuais o estofado e a carnação, como se atesta no contrato, realizado em 1736, respeitante ao douramento do retábulo de Nossa Senhora do Rosário, na igreja paroquial de Lobelhe do Mato – Mangualde: *serão todos os rapazes e serafins que houver na dita obra muito bem encarnados a verniz de espique e não hão de ser polidos, serão todos os rapazes e asas de serafins estofados sobre ouro e cintos coloridos (...), os saiotes das túnicas serão de vermelho ou verde, todos sobre ouro brunido com verniz de espique e as trombetas que têm nas mãos serão de fosco sobre prata e os rostos e mãos serão encarnados e polidos a verniz de espique, serão também os seis rapazes que ficam em todo o altar, estes serão estofados com suas alcachofras de ouro, tudo a óleo*[156].

Em relação à feitura dos cadernos de ouro, estes eram fabricados pelos bate-folhas, na maioria dos casos sediados nos grandes centros urbanos. Esses cadernos, com mais ou menos quilates, eram depois adquiridos pelos interessados, que os utilizavam nas obras que assumiam.



Penamacor. Igreja paroquial. Retábulo lateral predominantemente entalhado e dourado. Foto Ricardo Silva.

155 FERREIRA ALVES, 1989, 1, p. 183.
156 EUSÉBIO, 2005, 1, p. 225.



Viseu. Igreja da Ordem Terceira de São Francisco. Colunas do retábulo-mor. Foto Vítor Oliveira.

Em relação aos fingimentos de pedraria, esta técnica torna-se mais frequente a partir de 1751, quando é ajustada a pintura e o douramento do retábulo da capela do Senhor dos Passos, situada nos claustros da sé, em Viseu[157]. Convém anotar que esta intervenção, mandada executar por alguns membros do cabido e celebrada nas casas de morada do deão, serviu de modelo a muitas outras, incluindo o retábulo-mor da igreja da Ordem Terceira de São Francisco desta cidade, especificando-se na es- critura, realizada em 1769, que *serão todos os lisos fingidos de pedra mármore de várias qualidades, conforme pedir a arte, as quatro colunas fingidas de pedra lápis-lazúli* (...) *toda a pedra que se fizer nesta obra será das cores com que se acha feito o retábulo do Senhor dos Passos do claustro da sé desta cidade*[158].

A opção pela pintura a branco e ouro tornou-se relativamente frequente no século XIX, conforme se verifica nos retábulos colaterais das igrejas da Misericórdia de Santar – Nelas (ver p. 227) e de Viseu (ver p. 233).

Na maioria dos templos verificamos que os retábulos eram protegidos do pó por cortinados e sanefas de tecidos diversos, como constatamos nos seguintes exemplos:

-Na visitação da Ordem de Cristo, efetuada em 1537, às igrejas paroquiais de Nossa Senhora da Graça, em Castelo Novo e de Santo Estevão, na Póvoa da Atalaia, constata-se o seguinte: *por cima do retábulo* (mor) *um céu de cortinas, de sarja vermelha com suas franjas e é muito bom*[159]; *no altar-mor uma imagem de Santo Estevão e é incorporado em um retábulo do mesmo tamanho, que parece um ataúde e tem por cima umas cortinas brancas de linho*[160].

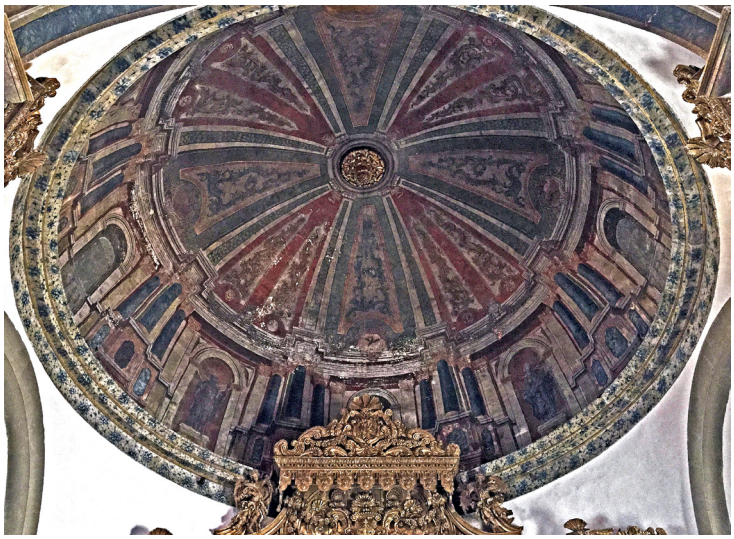
157 EUSÉBIO, 2002, p. 276.
158 ALVES, 2001, 1, pp. 41 e 42.
159 HORMIGO, 1981, p. 21.
160 HORMIGO, 1981, p. 27.

-Na visitação efetuada em 1635 à igreja da matriz de Mangualde é recomendado *ao reverendo vigário e depositário façam umas corrediças de bertanjil com seu varão de ferro que cubram muito bem o retábulo*[161].

-Em 1724, os membros do cabido da sé, em Viseu, compraram *cortinas e dossel do altar-mor da nossa sé e para os colaterais*[162] e, em 1731, pagaram a *Francisco Coelho, sirgueiro desta cidade, as cortinas para o altar da capela do Espírito Santo da nossa sé*[163].

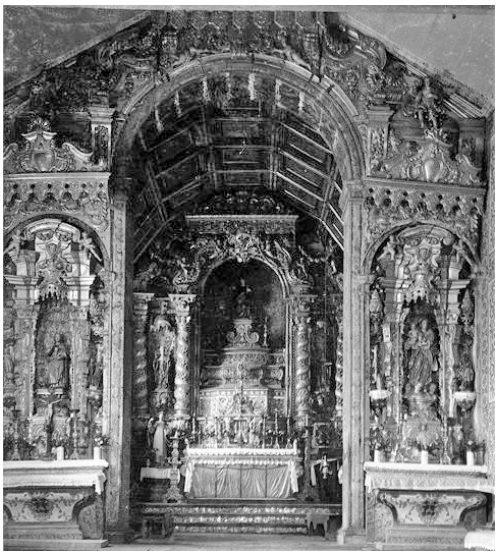
Aludimos ainda o facto de ser frequente a utilização de ramalhetes de flores nas banquetas dos retábulos, quer artificiais, quer naturais. A título de exemplo referimos o pagamento efetuado, em 1729, pelo cabido da sé, em Viseu, de *96$000 réis que se mandaram dar a D. Francisco Xavier, natural do Reino de Castelo, por trinta vasos de flores que fez para o altar-mor*[164] e a encomenda, em 1859, de um jarro para flores artificiais destinado ao altar-mor da igreja da Misericórdia, em Mangualde, mandado executar pelos mesários da irmandade da Santa Casa[165].

Referimos ainda que muitos retábulos foram complementados nos espaços contíguos por outras modalidades artísticas, a saber, talha dourada, pintura figurativa nos caixotões da cobertura e das paredes laterais, azulejaria, pintura ornamental e em perspetiva



Viseu. Igreja da Ordem Terceira do Carmo. Cúpula da capela-mor e ático do retábulo principal. Foto Santiago Abella.

161 ALVES, 2001, 3, p. 276.
162 EUSÉBIO, 2005, 2, p. 727.
163 ALVES, 2001, 1, p. 183
164 ALVES, 2001, 3, p. 284.
165 NOÉ, 2008.



Ferreira de Aves. Igreja monástica de Santa Eufémia.
Frontispício da nave e capela-mor.
Foto SIPA 82438.

arquitetónica, etc., contribuindo nos casos de maior empenhamento da clientela para a criação de obras de grande efeito cenográfico. Estas obras de arte total tiveram maior aceitação a partir do Protobarroco, ocasião em que se começam a preencher de forma sistemática a maior parte e, pontualmente, a totalidade dos espaços disponíveis, numa atitude de *horror vacui*, em que se pretendia estimular a adesão da população aos valores do Catolicismo: *tanto para a grandeza da* (...) *capela, quanto para incitar os ânimos dos fiéis a maior devoção*.

Entre vários testemunhos referimos as ousias de alguns templos: a igreja monástica de Santa Eufémia, em Ferreira de Aves – Sátão, as igrejas das Misericórdia de Mangualde e de Pinhel, as igrejas paroquiais de Santa Maria do Castelo, em Pinhel e a de Nossa Senhora do Pranto, em Vila Nova de Foz Côa, a capela privativa do solar dos Brasis, em Torre de Terrenho – Trancoso, sobressaindo na região em estudo a ermida de Nossa Senhora da Esperança, em Abrunhosa, freguesia de São Miguel de Vila Boa – Sátão (ver páginas seguintes).



Torre de Terrenho.
Ousia da capela do solar dos Brasis.
Foto SIPA 93022.



Foto Município de Sátão.





Foto Município de Sátão.

Produção artística

Antes de um retábulo ser consagrado, era necessário realizar várias tarefas, como veremos de seguida.

Obtenção do projeto



Viseu. Sé. Pormenor do retábulo-mor. Foto SIPA 66913.

Os responsáveis pela encomenda de um retábulo iniciavam a sua intervenção, obtendo um ou mais projetos, para poder selecionar o que mais lhes agradasse. Naturalmente as entidades mais esclarecidas e com maiores recursos financeiros solicitavam a participação dos profissionais mais credenciados, como ocorreu com o cabido da sé de Viseu, em 1721, quando pretendia mandar executar os retábulos colaterais da igreja da sé, solicitou para os mesmos *plantas que vieram do Porto e de Coimbra*[166]. Em determinados casos, limitavam-se a tomar por modelo um retábulo preexistente. A título de exemplo mencionamos o ajuste feito pelo mestre entalhador José Francisco Barbosa com oficina aberta no lugar do Tojal, concelho de Sátão, a 6 de maio de 1747, no qual assume a feitura dos altares colaterais e frontispício da igreja da igreja de São Lourenço, do Reigoso – Oliveira de Frades, na forma dos altares colaterais da igreja de Ventosa - Vouzela[167].

Em relação ao perfil dos artistas que concebiam os projetos dos retábulos, verificamos três situações diferentes:

-Os que tinham uma formação especializada, nomeadamente arquitetos e mestres de obras, sendo da sua responsabilidade a feitura dos projetos dos retábulos destinados aos templos de maior relevância artística. A título de exemplo mencionamos a planta solicitada, em 1729, a Santos Pacheco, um dos mais reputados entalhadores e debuxadores lisboetas, para o retábulo-mor da igre-

166 EUSÉBIO, 2002, p. 205.
167 ALVES, 2001, 1, pp. 121 e 122.

ja da sé[168] e eventualmente o risco solicitado ao arquiteto das Três Ordens Militares, Mateus do Couto, *o moço*, para o retábulo da capela privativa de Miguel Pais do Amaral, em Mangualde (ver p. 168).

-Os *curiosos*, isto é, todos aqueles que tinham uma formação não especializada, nomeadamente clérigos e alguns nobres. Esta situação verificou-se, por exemplo, em 1750, quando frei Francisco, *religioso capucho da Província de Nossa Senhora da Conceição e assistente no seu convento de São Francisco de Orgens* concebeu a planta do retábulo da confraria de Santo António, na igreja de São Julião, em Mangualde[169].

-Os que adquiriam conhecimentos através do velho sistema corporativo (os mesteirais ou *mecânicos*), nomeadamente os mestres mais conceituados de algumas oficinas de pedraria, de talha, de escultura, de pintura, de ourivesaria, etc. A estes profissionais coube a tarefa de seguir com maior ou menor fidelidade as normas compositivas e o vocabulário ornamental adotado pelos arquitetos que estavam ao serviço da corte. Alguns mestres mais competentes satisfaziam plenamente as necessidades, como ocorreu, no dia 28 de setembro de 1779, quando o mestre entalhador José da Fonseca Ribeiro, com oficina aberta em Pinhanços, ajusta por 671$200 réis o retábulo-mor da igreja monástica de Santa Maria, em Maceira Dão – Mangualde, *pelo feitio e risco que fez*[170] (ver p. 137).



Mangualde. Igreja paroquial de São Julião.
Retábulo de Santo António.
Fonte EUSÉBIO, 2005, 3, p. 113.

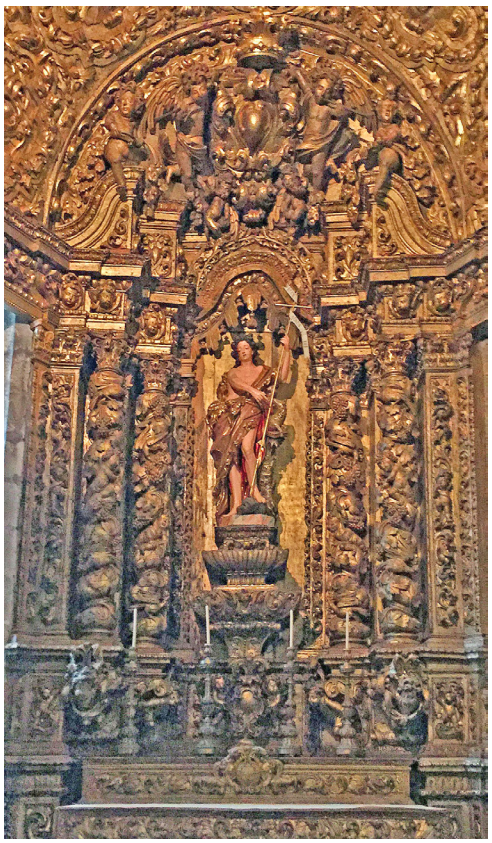
Escolha do projeto

Nos casos em que os responsáveis solicitavam mais de um projeto para um retábulo, a etapa seguinte era a sua seleção, esco-

168 ALVES, 2001, 2, pp. 153 e 156.
169 ALVES, 2001, 1, pp. 115 e 116.
170 ALVES, 2001, 3, pp. 61 a 64.

lhendo-se o de maior agrado ou então uma parte das duas propostas apresentadas no mesmo risco, como se verifica, em 1729, no ajuste dos retábulos da frontaria da igreja da Misericórdia, em Viseu, em que os mestres Manuel Vieira da Silva e Constantino Vieira se comprometem a fazer *o retábulo da capela-mor até ao friso, na forma que está riscado, com as colunas salomónicas e o remate será o que está na parte da Epístola* (...) *e o trono será feito na forma que está riscado na parte do Evangelho, com declaração que será de encher de obra as ilhargas da capela-mor, rematando em cima em volta, que ajuste com o pilar e remate que está da parte do Evangelho* (...) *a peanha há de ser a que está riscada na parte da Epístola*[171].

Em determinadas situações, os responsáveis solicitavam o parecer a um ou mais peritos, que os aconselhavam e, por vezes, propunham alterações. Foi o que aconteceu, com Gaspar ferreira, reputado mestre entalhador e mestre de obras da Universidade de Coimbra, que trabalha com alguma regularidade na diocese de Viseu, nomeadamente a partir de 1720, quando é chamado pelo cabido da sé para dar o seu parecer sobre os melhoramentos a efetuar na catedral incluindo, na opinião de Alexandre Alves, as alterações introduzidas na traça dos retábulos colaterais de São João e São Pedro, em novembro de 1721[172].



Viseu. Sé.
Retábulo colateral de São João Baptista.
Foto Vitor Oliveira.

Após a escolha do projeto solicitava-se a sua aprovação ao responsável eclesiástico do templo em questão. Nos edifícios religiosos seculares, a aprovação era dada pelo bispo ou pelo seu representante. No caso do clero regular cabia esta função ao Geral ou então ao Provincial de cada Ordem religiosa. Nalgumas Ordens religiosas havia regulamentação a este respeito. Citamos um caso, em 1791, na *Regra Primitiva e Constituições das Religiosas Descalças* (...)

171 ALVES, 2001, 3, p. 182.
172 ALVES, 2001, 1, p. 339.

do Carmo está estabelecido que *as preladas não poderão fazer de novo tribunas ou retábulos de quaisquer altares, concertar ou mudar os que estavam feitos sem licença escrita do Definitório, a planta aprovada pelo mesmo*[173].

Escolha da oficina

Depois do projeto aprovado, procurava-se uma oficina para executar o retábulo. Normalmente marcava-se uma data e um local para a arrematação das propostas. Para mais fácil conhecimento dos eventuais interessados colocavam-se editais à porta dos templos mais concorridos e, por vezes, apregoava-se em determinados locais com maior afluência da população. Após a consulta do projeto e nalguns casos dos respetivos apontamentos, texto complementar que explicava o projeto, cada mestre ou o seu representante comparecia no dia afixado e apresentava o melhor preço, num ou mais lances, ganhando normalmente quem lançasse a melhor proposta. Para exemplificar, apresentamos a arrematação do douramento do, já inexistente, retábulo colateral da igreja da Misericórdia, em Viseu, ocorrida a 10 de maio de 1699: *lançou Manuel Lopes Vilela 55$000 réis e depois dele lançou Manuel Marques Resende 40$000 réis e depois Francisco de Almeida Tavares 38$000 réis e depois Manuel da Costa 36$000 réis e depois o dito Manuel Lopes Vilela 25$000 réis e depois o dito Baltazar Pinto Mota 20$000 réis e depois o dito Manuel Lopes Vilela 15$000 réis e ultimamente o dito Baltazar Pinto Mota 10$000 réis e ultimamente por não haver quem menos lançasse se lhe deu e por ele foi dito que fazia esmola a esta Santa Casa dos ditos 10$000 réis e queria fazer a dita obra à sua custa, de graça* (...) *e se obrigava a pintar e dourar o dito retábulo e arco, na forma dos apontamentos*[174].

173 LAMEIRA, LOUREIRO e VECHINA, 2015, p. 46.
174 ALVES, 2001, 2, p. 276.

Nalguns casos, não havia qualquer concurso ou no caso de se realizar não se optava pela proposta mais barata.

Depois de ajustadas oralmente as várias cláusulas, escolhia-se frequentemente um notário para escrever o contrato no *Livro de Notas*. Após a presença de todos os interessados, incluindo normalmente um ou mais fiadores do mestre que ajustava a sua feitura e de várias testemunhas lia-se a escritura, assinando todos no fim. Também o projeto era assinado pelo cliente e pelo mestre que assumia a sua execução, para no fim servir de referência aos profissionais encarregues da sua vistoria. As cláusulas estipuladas definiam sempre o preço, as modalidades de pagamento, os prazos de execução, as medidas a tomar no caso de incumprimento de cada uma das partes, incluindo os fiadores, etc.



Viseu.
Igreja monástica do Bom Jesus, de religiosas beneditinas.
Foto SIPA 15822.

Nos trabalhos de pequena monta, nomeadamente remodelações parciais, o compromisso entre ambas as partes era somente oral. A título de exemplo mencionamos *uma provisão passada em cabido de 30 de julho de 1731 de 66$800 réis à ordem de Francisco Machado, mestre entalhador que se mandaram dar 50$000 réis pelo sacrário para a igreja das religiosas desta cidade e 16$800 réis de assentar o retábulo na capela do Espírito Santo que se tirou do altar maior*[175].

Obtenção dos materiais

Os materiais escolhidos para a feitura de um retábulo, tanto podiam ser obtidos pelo cliente da obra, como ser da responsabilidade do mestre que assumia a sua execução. Vejamos

175 ALVES, 2001, 2, p. 159.

exemplos de ambas as situações. Nos retábulos da igreja da Misericórdia de Mangualde, corria *por conta do senhorio da obra o dar todas as madeiras que forem necessárias para ela em pé, pagando-as pela sua conta e arrancá-las e corte e serragem delas correrá pela mesma*[176]. Por sua vez, no retábulo-mor da igreja do real mosteiro de Maceira Dão, ajustado a 28 de setembro de 1777, o primeiro pagamento recebido pelo mestre, no valor de 150$000 réis, destinava-se à aquisição de madeiras[177].

A execução

Após a obtenção dos materiais destinados à feitura de um retábulo, o mestre e os diversos membros da sua oficina principiavam a sua execução. Conforme as cláusulas ajustadas, iam recebendo o pagamento, cada um de acordo com o estipulado pelo mestre da oficina. Em situações específicas, exigia-se o recurso a profissionais especializados na escultura de imagens.

Após a conclusão da obra, procedia-se ao transporte das diversas peças do retábulo para o local destinado, utilizando meios terrestres ou marítimos ou ambos. Por fim, durante vários dias, as diversas peças do retábulo eram colocadas ou ensambladas, no caso dos exemplares de madeira, no local previamente definido.



Vermiosa. Igreja paroquial. Retábulo das Almas, cuja escultura do Senhora Crucificado foi, seguramente, executada por um outro profissional. Foto padre João Carrola Antunes.

A vistoria e a quitação

Depois de assente ou dourado o retábulo, procedia-se à sua vistoria, normalmente realizada por dois profissionais, os juízes do ofício eleitos nesse ano ou então por dois mestres de grande repu-

176 LAMEIRA, 2009, p. 21.
177 ALVES, 2001, 3, p. 62.

tação, um escolhido pelo cliente e outro pelo executante. Por exemplo, no *Livro da obra da sé*, de Viseu, consta a seguinte *provisão de 11 de julho de 1731, em que se mandou dar 16$800 réis ao mestre entalhador, da cidade de Coimbra, pelo trabalho que teve de vir rever o retábulo da capela-mor da nossa sé*[178]. Por sua vez, a 28 de setembro de 1731, foi entregue ao reputado mestre entalhador e debuxador *Miguel Francisco da Silva, com oficina aberta na cidade do Porto, 24$000 réis que se lhe mandaram dar pelo trabalho que teve em vir a esta cidade à revista do retábulo da capela-mor da nossa sé em que se tinha louvado o mestre Francisco Machado, que o havia arrematado, a qual quantia se lhe descontará no preço por que se arrematou a dita obra*[179].

Só em casos pontuais se recorria ao parecer de um terceiro perito, como ficou previsto, em 1888, numa das cláusulas do ajuste dos retábulos colaterais da igreja paroquial de Senhorim – Nelas: *que se não conformarem os mesmos peritos com a segurança da obra e observância da planta, será José da Costa, da Quinta de São Cosmado, quem há de desempatar e com a opinião dele se hão de conformar*[180].

Em situações normais, este processo terminava com um termo de quitação em que ambas as partes assinavam um documento, desobrigando-os de um contrato que os ligou durante algum tempo. Para exemplificar referimos a escritura de quitação, ocorrida a 10 de outubro de 1786, em que o procurador do mestre escultor João da Fonseca *declara estar pago e satisfeito de todos os sobreditos 610$000 réis por que havia arrematado a dita obra*[181], onde se incluía o entalhe do retábulo-mor da igreja paroquial de São João de Areias – Santa Comba Dão.

Se o retábulo fosse rejeitado por não estar conforme o pla-

178 ALVES, 2001, 1, p. 344.
179 ALVES, 2001, 3, p. 193.
180 ALVES, 2001, 3, p. 146.
181 ALVES, 2001, 1, pp. 373 e 374.

neado, definia-se um novo acordo. Foi o que ocorreu, a 19 de março de 1732, na segunda escritura para a execução do retábulo-mor da sé, em Viseu, realizada entre o mestre entalhador e o cabido, em sede episcopal vacante: *novo ajuste do retábulo da capela-mor da nossa sé, com Francisco Machado, entalhador, pelo preço por que se ajustou o outro retábulo, que não teve efeito, por se não achar conforme a planta e como este retábulo leva mais algum acrescento, se lhe satisfará por avaliação*[182].



Viseu. Sé.
Remate do retábulo-mor.
Foto Fátima Eusébio.

Atividades complementares

Os retábulos que utilizavam materiais pétreos, após o assentamento, eram complementados pelo polimento e pelo lustre, tarefas normalmente incluídas nas obrigações previstas no ajuste da execução da obra. Só intervinham outros profissionais se porventura esses retábulos fossem dourados ou pintados, situação bastante frequente no século XVI, por exemplo no altar-mor da sé da Guarda, onde ainda são visíveis vestígios do douramento (ver p. 156).

Nos retábulos de madeira era necessária a intervenção de uma oficina de pintura para realizar as modalidades artísticas requeridas pelo cliente, o douramento ou a policromia, particularmente nos séculos XVI, XVII e na primeira metade do século XVIII; a pintura a fingir pedraria policroma, o branco de pérola ou a *cor de leite* a partir dos meados de Setecentos. Iniciava-se então um processo idêntico ao da feitura do retábulo, que só principiava depois de *deixar ficar o retábulo exposto e colocado no seu lugar durante um período que poderia ir de um ano a mais. Era uma atuação sábia que permitia a reação natural da madeira e dos restantes materiais e, por fim, a sua estabilização antes de receberem as preparações necessárias à aplicação*

182 ALVES, 2001, 2, p. 155.

da pintura, evitando-se, desta forma, o aparecimento de defeitos por precipitação do processo[183]. A título de exemplo mencionamos as palavras do deão da sé de Viseu, em 1751, a propósito do retábulo-mor da ermida de Nossa Senhora do Ribeiro, freguesia da Torredeita – Viseu: *está já colocado seu retábulo, também com grandeza, não está, porém, ainda dourado, por não estarem ainda as madeiras capazes*[184].

Retábulos em segunda mão

Determinados clientes com menos recursos financeiros, ao invés de mandar executar retábulos novos, mais dispendiosos, adquiriam-nos em segunda mão, por vezes já com algumas décadas. A título de exemplo mencionamos a determinação do visitador à igreja matriz de Algodres, efetuada em 1744: *sou informado que nesta igreja se acha um retábulo velho que foi do altar-mor dela, sem serventia alguma por já não estar inteiro e algumas capelas desta freguesia necessitam dele para melhor ornato e composição, pelo que mando que o reverendo pároco o dê para aquela que lhe parecer necessite dele*[185]. Por sua vez, em 1809, os moradores de Souto Bom, na freguesia da Caparrosa – Tondela: *para melhor decência do culto divino, lançaram mão da tribuna e altar que se tirou da capela de São Brás de Paranhos, da mesma freguesia e o colocaram na capela de São Frutuoso do dito povo*[186], onde ainda se mantém.



Souto Bom (Tondela).
Ermida de São Frutuoso. Retábulo.
Foto RAF.

Provisão de licença para se benzer o novo altar

Por fim, após o assentamento do retábulo no lugar definido, solicitava-se autorização para se benzer. Para ilustrar esta ocorrência, referimos a petição feita aos responsáveis da diocese

183 ABRANTES, 2004, p. 71.
184 EUSÉBIO, 2002, p. 364.
185 EUSÉBIO, 2005, 2, p. 175.
186 EUSÉBIO, 2005, 1, p. 350.

de Viseu, em que *por portaria do ilustríssimo cabido e provisão para o reverendo pároco da freguesia de Mouraz benzer o altar novo, que à sua custa fizeram os irmãos da Senhora da Esperança e mais moradores da vila de Mouraz. Por portaria do ilustríssimo cabido de 14 de abril de 1725 e foi o selo grátis*[187].

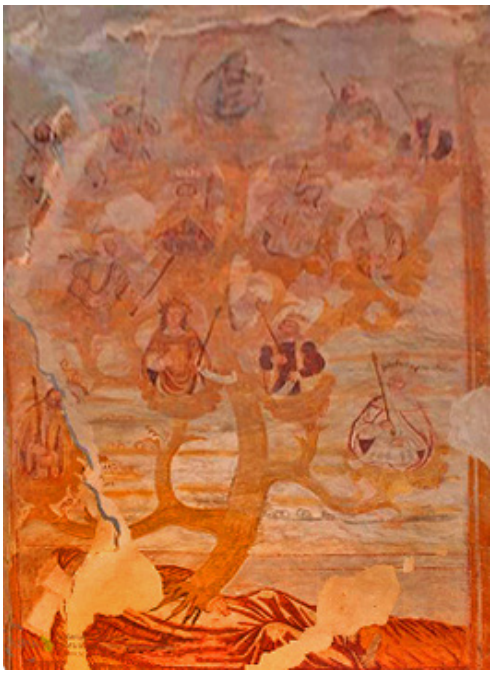


Mouraz (Tondela).
Ermida de Nossa Senhora da Esperança.
Retábulo. As colunas resultam de uma remodelação posterior.
Foto RAF

Ofícios mecânicos

Convém referir que a mão-de-obra que executava os retábulos e as diversas atividades complementares era maioritariamente proveniente dos ofícios mecânicos, sobressaindo algumas profissões: os pedreiros ou escultores nos retábulos de pedraria, os marceneiros ou entalhadores nos de madeira, os pintores ou douradores no douramento, na policromia, na pintura a fingir pedraria policroma, na pintura em *trompe l'oeil* fingindo composições retabulares, etc.

Se excetuarmos alguns artistas mais credenciados, oriundos dos maiores centros urbanos, solicitados pelos clientes mais eruditos e endinheirados ou então artistas viandantes maioritariamente oriundos do arcebispado de Braga, eram os mestres estabelecidos na região que respondiam em grande parte às solicitações da clientela. Esta situação possibilitou o aparecimento de algumas especificidades, não só no entalhe, mas também na interpretação mais ou menos fiel do formulário vigente. De salientar que estas especificidades se restringiam somente a uma ou outra oficina, nunca tendo sido comuns a nenhum dos bispados em estudo.



Aldeia da Ponte (Sabugal).
Santuário de Nossa Senhora de Sacaparte.
Pintura mural do retábulo quinhentista.
Foto SIPA 1037232.

Tal como ocorria nas restantes dioceses, os mesteres ou mesteirais estavam estruturados em corporações de ofícios ou artes mecânicas. Cada ofício estava regulamentado por regimentos apro-

187 EUSÉBIO, 2005, 2, p. 647.

vados pelos municípios, servindo o de Lisboa de referência aos restantes[188]. Deste modo, ninguém deveria trabalhar numa profissão mecânica sem ser previamente examinado, obtendo, em caso de aprovação, uma carta passada por um município.

No Antigo Regime, a oficina ou loja constituía a principal unidade produtiva, sendo formada por um mestre, vários oficiais e normalmente um ou dois aprendizes. A sua dimensão variava conforme houvesse falta ou excesso de profissionais.

O mestre assumia os trabalhos e as respetivas responsabilidades, dirigia as tarefas de cada elemento, pagava aos oficiais e ensinava os aprendizes. Em caso de incumprimento dos prazos chegava a ser multado, como aconteceu, em 1702, com o retábulo da capela de São Miguel de Lamas, em que o visitador declara que *por me constar que António Ribeiro tem em seu poder a maior parte do dinheiro para esta obra e não a tem feita por seu descuido, o hei por condenado em 1$000 réis para a sé e meirinho e sob a pena em dobro lhe mando que dentro em três meses acabe o dito retábulo e o ponha na dita capela*[189].

Os oficiais eram os profissionais encartados, que já tinham feito exame e ficado aprovados. Quando quisessem, podiam abrir a sua oficina, no entanto, na maioria das situações continuavam a trabalhar no local onde fizeram a aprendizagem. Com alguma frequência eram cedidos aos mestres de lojas vizinhas, com as quais mantinham relações familiares ou de amizade, sendo pagos por estes últimos.

Os aprendizes eram os principiantes e, durante quatro ou cinco anos, pagavam para aprender. Passado este tempo começam a receber semanalmente pequenos honorários. Quando se submeti-

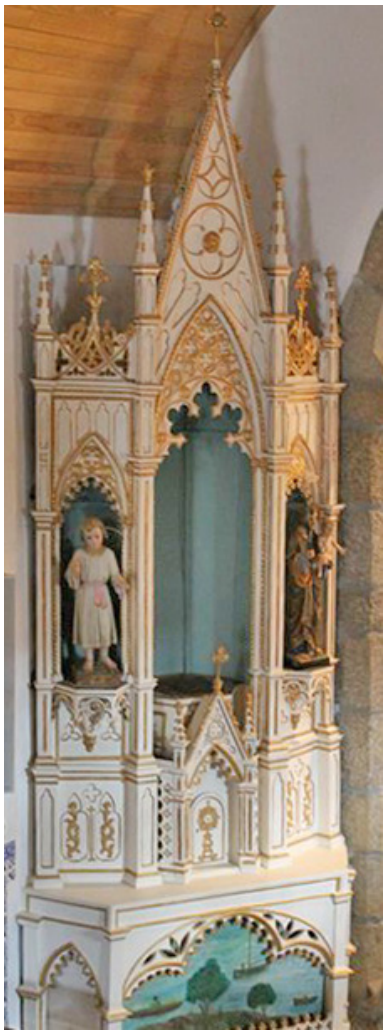
188 De referir que o primeiro Regimento dos ensambladores, entalhadores e imaginários de Lisboa remonta a 1549, tendo sido sucessivamente reformulado ao longo dos séculos seguintes (LANGHANS, 1945).

189 ALVES, 2001, 3, p. 22.

am a exame e eram aprovados, passavam a oficiais.

As oficinas competiam entre si para obter trabalho e, algumas vezes, as matérias-primas necessárias para a sua atividade. Tinham, contudo, regras comuns. Anualmente, entre todos os mestres residentes num determinado município escolhiam dois deles, os juízes do ofício, para fazer cumprir os regulamentos, competindo-lhes examinar os aprendizes quando queriam passar a oficiais, vistoriar os trabalhos dos seus colegas quando solicitados por alguma instituição, participar na governação concelhia, nomeadamente no acompanhamento das posturas camarárias relativas aos mesteirais. No desempenho destas atividades eram pagos.

Convém ainda referir que alguns modestos retábulos foram executados por amadores, que nunca chegaram a aprender o ofício numa oficina durante vários anos, como era usual na época. Como exemplo mencionamos Manuel Gomes Marques Cardepe, *curioso que tinha habilidade e aptidões artísticas, faltando-lhe a edução profissional*, residente na freguesia do Soito – Sabugal e que na última década de Oitocentos executou os retábulos laterais ainda remanescentes da igreja paroquial de Badamalos - Sabugal[190].



Badamalos. Igreja paroquial.
Retábulos lateral.
Foto SIPA 1029495.

Estrutura produtiva

As diversas oficinas de entalhe e de douramento existentes nas duas dioceses em estudo, em menor número na da Guarda[191], só satisfaziam parte das encomendas, justificando-se como tal que em determinadas situações se recorressem a artistas forasteiros, uns por solicitação de clientes, outros em busca de trabalho. Vejamos exemplos de ambas as situações:

190 JORGE, 2022, pp. 45 e 46.

191 É diminuto o acervo documental publicado respeitante à diocese da Guarda, esperando-se uma maior participação de novos investigadores.

-João de Ruão, reputado mestre escultor e debuxador francês, residente em Coimbra, em 1550, por encomenda do bispo da Guarda, D. Cristóvão de Castro, concebe e constrói o grandioso retábulo-mor da igreja da sé desta cidade (ver p. 156).

-A 23 de novembro de 1729, o reputado mestre entalhador e debuxador Manuel Moreira, com oficina aberta em Coimbra, recebe do cabido da sé de Viseu *19$200 réis pelo trabalho e gastos que fez na jornada, quando veio a esta cidade ver a planta do retábulo do altar-mor* (da igreja da sé) *e juntamente lançar na obra dele, pela conveniência de se rematar com mais cómodo*[192].

-A 28 de setembro de 1731, o prestigiado mestre entalhador e debuxador Miguel Francisco da Silva, residente na cidade do Porto, recebe do cabido da sé de Viseu 24$000 réis *pelo trabalho que teve de vir a esta cidade, à revista do retábulo da capela-mor da mesma*[193].

-José da Paz, m*estre escultor natural do reino da Polónia*, encontra-se a residir na Covilhã, onde assume, primeiro a 7 de novembro de 1742 e depois a 8 de janeiro do ano seguinte, *a obra do teto e do retábulo da capela-mor da igreja de Santa Maria*, desta localidade, *em preço de 520$000 réis*[194].

-O mestre entalhador Luís da Silva, originário do termo de Penafiel, mas com oficina aberta em São Pedro do Sul, em 1761, passa uma procuração para que os seus representantes possam cobrar uma dívida por ainda não lhe terem efetuado o pagamento do retábulo que fez para a igreja de Paços de Vilharigues – Vouzela[195].

Tendo em conta a listagem dos profissionais, que apresentaremos adiante, é possível ter uma ideia, ainda que parcial, do número e da localização dos responsáveis pela feitura de projetos ou ris-

192 ALVES, 2001, 2, p. 270.
193 BRANDÃO, 1986, p. 217; ALVES, 2001, 3, pp. 193 e 194.
194 SILVA, 2007.
195 ALVES, 2001, 3, p. 172.

cos de retábulos e das trinta e duas oficinas de entalhe existentes, nos séculos XVII e XVIII, período de maior apogeu desta modalidade artística, quer na diocese da Guarda (doze), quer na de Viseu (vinte). Por ordem decrescente sinalizamos os seguintes concelhos e seus termos:

-Viseu: sete debuxadores[196] e oito oficinas de entalhe[197].

-Covilhã: seis oficinas de entalhe[198].

-Sátão: três oficinas de entalhe[199].

-Penalva do Castelo: três oficinas de entalhe[200].

-São Pedro do Sul: um debuxador[201] e duas oficinas de entalhe[202].

-Celorico da Beira: duas oficinas de entalhe[203].

-Nelas: duas oficinas de entalhe[204].

-Seia: duas oficinas de entalhe[205].

-Guarda: uma oficina de entalhe[206].

-Trancoso: uma oficina de entalhe[207].

-Santa Comba Dão: uma oficina de entalhe[208].

-Mangualde: uma oficina de entalhe[209].

Relativamente às vinte e oito oficinas forasteiras, eram provenientes das seguintes dioceses:

-Arcebispado de Braga: dez oficinas de entalhe[210].

-Diocese do Porto: quatro oficinas de entalhe[211].

196 Frei Francisco, frei Francisco de Jesus Maria, frei Francisco de Santa Águeda, João Correia da Silva, frei João do Espírito Santo, D. João Manuel de Ataíde e D. Jorge de Ataíde.

197 Alexandre Marques de Resende Malafaia, António Castanho, António Pereira, Bernardo Correia, Francisco Lopes de Matos, João Fernandes, Manuel Dias de Araújo e Manuel Homem Cardoso.

198 André Dias, Francisco Gouveia, João de Aguiar Baptista, João Alves, Manuel Mendes de Sequeira Bordalo, Valério Aires.

199 António Ribeiro, Domingos Ribeiro, José Francisco Barbosa.

200 Luís de Araújo, Manuel de Araújo, Manuel Martins.

201 Padre frei Alexandre Pereira.

202 Agostinho da Fonseca Ribeiro, José de Oliveira.

203 Jerónimo da Cunha, Manuel Pinto de Góis.

204 José Vieira, Manuel da Costa Henriques.

205 João da Fonseca Ribeiro e José da Fonseca Ribeiro.

206 Francisco de Almeida.

207 José de Oliveira.

208 Manuel Madeira.

209 Manuel da Silva Gomes.

210 André Carneiro, Constantino Vieira, Francisco Álvares, Francisco Gonçalves Pombo, Francisco Machado, João Correia Monteiro, João Ferreira Neto, Manuel Correia, Manuel Machado, Manuel Vieira da Silva.

211 Manuel da Costa Noronha, Miguel Francisco da Silva, Luís Pereira da Costa, Luís da Silva.

-Bispado de Coimbra: um debuxador[212], três oficinas de escultura[213] e uma de entalhe[214].

-Da diocese de Lamego: dois debuxadores[215] e três oficinas de entalhe[216].

-Portalegre/Castelo Branco: três oficinas de entalhe[217].

-Miranda: eventualmente duas oficinas de entalhe[218].

-Patriarcado de Lisboa: dois debuxadores[219] e uma oficina de entalhe[220].

-Polónia: uma oficina de entalhe[221].

Apresentamos, de seguida, uma listagem, por ordem alfabética, dos profissionais que trabalharam para a região em estudo, quer permanentemente, quer em períodos restritos. Excluímos, contudo, os técnicos de outras modalidades artísticas complementares aos retábulos, a saber, outras obras de talha, pintura de cavalete, escultura de vulto perfeito e diversas modalidades ditas mecânicas, nomeadamente o douramento, a carnação, o estofado e a policromia, que não importam na atual abordagem[222].

Agostinho da Fonseca Ribeiro (1768 - 1790)

Mestre entalhador com oficina aberta em Vila Maior – São Pedro do Sul. Em 1768 - 1769 recebe 5$100 réis pela *emenda dos sacrários* da igreja da Ordem Terceira de São Francisco, em Viseu[223].

A 9 de dezembro de 1777, assume com o abade da igreja de Queirã – Vouzela *fazer o retábulo do altar-mor, da parte de fora da tribuna, da dita*

212 Gaspar Ferreira.

213 Diogo Jacques, João Augusto Machado, João de Ruão e Nicolau de Chanterene.

214 Manuel Moreira.

215 António Mendes Coutinho, Manuel Tavares.

216 Arnao de Carvalho, João da Fonseca, João Ribeiro, Manuel Tavares.

217 António José Largo, Filipe Santiago da Fonseca, Manuel Barbosa Ferreira.

218 António Lopes de Sousa, João Francisco.

219 Mateus do Couto, o moço e Santos Pacheco de Lima.

220 José Antunes.

221 José da Paz.

222 As datas apontadas entre parênteses curvos, à frente do nome de cada artista, correspondem à primeira e à última obra do referido profissional, mas somente na região em estudo, indicando-se o ano do falecimento, quando temos conhecimento.

223 ALVES, 2001, 1, p. 365.

sua igreja (…) *exceto a urna e acompanhamento dela, o camarim e o sacrário, pois tudo isto pertence à freguesia de Queirã e há de ser ajuste separado* (…) *por preço e quantia de 50$000 réis*[224]. Exemplar já inexistente.

No dia 16 de setembro de 1790, trespassa a obra do retábulo-mor da igreja paroquial de Gafanhão – Castro Daire, pelo mesmo preço e com as mesmas condições com que havia tomado o seu colega José de Oliveira, pois este apresentou alguns justos motivos que o impossibilitavam fazer a dita obra[225]. Desconhecemos se subsiste.

Alexandre Pereira, padre frei (1720)

Religioso de São Bernardo, assistente no convento de São Cristóvão de Lafões – São Pedro do Sul, em 1720, ocasião em que é chamado pelo cabido da sé, em Viseu, para se pronunciar sobre as obras que pretendiam fazer na catedral[226]. É provável ter concebido alguns riscos de retábulos.

Alexandre Marques de Resende Malafaia (1738)

Mestre entalhador com oficina aberta em Viseu. A 17 de dezembro de 1738, compromete-se com o procurador da irmandade de Nosso Senhor dos Passos desta cidade a *fazer na capela de São Sebastião, sita no claustro da mesma sé, para culto e obséquio do mesmo Senhor, que vem a ser um retábulo de madeira entalhada pelas medidas e forma com que está exposta em uma planta*, pela quantia de 105$600 réis[227]. Exemplar inexistente.

André Carneiro (f. 1736)

Mestre entalhador natural do concelho de Vieira (?), no arcebispado de Braga. A 25 de janeiro de 1736 faleceu e foi sepultado na igreja paroquial de São Tiago, em Carvalhais[228] – São Pedro do

224 ALVES, 2001, 3, pp. 19 e 20.
225 ALVES, 2001, 3, pp. 20 e 21.
226 ALVES, 2001, 1, p. 338.
227 ALVES, 2001, 2, pp. 179 e 180.
228 EUSÉBIO, 2005, 1, p. 451.



Carvalhais.
Igreja paroquial de São Tiago.
Retábulo colateral.
Fonte EUSÉBIO, 2005, 3, p. 263.



Sortelha. Igreja paroquial.
Retábulo das Almas.
Foto SIPA 906136.

Sul. É muito provável ter executado o retábulo-mor e os colaterais deste templo, exemplares com tribuna de perfil elíptico.

André Dias (1696)

Mestre entalhador com oficina aberta em Tortosendo – Covilhã. Em 1695, de parceria com o seu colega Valério Aires, contrata a remodelação do retábulo-mor da igreja da Misericórdia, na Covilhã[229], que já não subsiste.

António Castanho (1607)

Mestre entalhador com oficina aberta em Viseu. Em 1607, reformula o retábulo da capela de São Pedro, na igreja da sé, em Viseu[230]. Só sobrevivem as tábuas pintadas no Museu Grão Vasco.

António Ferreira (1829)

Mestre carpinteiro que, em 1829, de parceria com o seu colega João Cardoso, executa o retábulo-mor do santuário de Nossa Senhora do Castelo, nos arredores de Mangualde (ver p. 231).

António José Largo (1759)

Mestre entalhador com oficina aberta em Castelo Branco. Em 1759, ajusta com os mesários da Santa Casa da Misericórdia, na Covilhã, a feitura dos retábulos colaterais, já inexistentes, deste templo[231].

António Lopes de Sousa (década de 1670)

Mestre de obras de arquitetura e entalhador com oficina aberta em Torre de Moncorvo, que terá provavelmente executado, na década de 1670, o retábulo das Almas, na igreja paroquial de Nossa Senhora das Neves, na Sortelha – Sabugal.

António Luís de Almeida Barbas (1884 - f. 1888)

Mestre carpinteiro com oficina aberta na Guarda. Em 1884,

229 MENDES, 2016, p. 266.
230 ALVES, 2001, 1, p. 177.
231 Informação inédita cedida por Ricardo Silva, a quem agradecemos.

executa os retábulos, ainda subsistentes, da igreja paroquial de Vale Longo – Sabugal[232].

António Luís de Almeida Barbas (1891)

Carpinteiro com oficina aberta em Balsemão. Era filho do mestre anteriormente referido. Em 1891, faz o retábulo-mor da igreja conventual de Nossa Senhora de Sacaparte, freguesia de Aldeia da Ponte – Sabugal[233].



Aldeia da Ponte.
Igreja de Nossa Senhora de Sacaparte.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 1029731.

António Mendes Coutinho (1757 - 1764)

Mestre pedreiro, entalhador e debuxador, com oficina aberta em Lamego. De 1757 a 1764, residiu em Viseu[234], desconhecendo-se que retábulos pode ter concebido e/ou executado nesta diocese.

António Pereira (1686)

Mestre entalhador que, em 1686, tinha a sua oficina aberta em Viseu, encostada à muralha[235]. Desconhecemos a sua atividade como executante de retábulos na região em estudo.

António Ribeiro (1702)

Mestre entalhador com oficina aberta em Ferreira de Aves – Sátão. Em 1702, por não ter executado, por seu descuido, o retábulo para a capela de São Miguel de Lamas, *junto ao paço do duque do Cadaval*, foi condenado em 1$000 réis e *sob a pena em dobro* (...) *que dentro de três meses acabe o dito retábulo e o ponha na dita capela*[236]. Desconhecemos se ainda subsiste

Arnao de Carvalho (princípios do século XVI - 1535)

Mestre de marcenaria, natural da Flandres, mas sediado temporariamente no mosteiro cisterciense de Salzedas – Tarouca.

Embora não subsista nenhuma das suas obras, ajustou retábulos-mores para diversas igrejas paroquiais, a saber, Almendra,

232 JORGE, 2022, pp. 11, 13 e 15.
233 JORGE, 2022, p. 16.
234 ALVES, 2001, 1, p. 218.
235 ALVES, 2001, 2, pp. 357 e 358.
236 ALVES, 2001, 3, p. 22.



Abrunhosa-a-Velha.
Capela do Santíssimo Nome de Jesus.
Fonte ALVES, 2001, Est. 18.



Covilhã. Igreja da Misericórdia.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 854573.

que serviu de modelo ao de Malpartida e ao de Freixeda do Torrão (1523), Escalhão (1524) por encomenda do bispo de Lamego D. Fernando de Meneses Coutinho.

É possível ter executado a estrutura de marcenaria do retábulo-mor da sé, em Viseu, de parceria com o seu colega João de Utrecht[237], subsistindo deste exemplar, no Museu Grão Vasco, somente algumas tábuas pintadas. Podem ser também da sua autoria os cinco retábulos destinados às duas capelas da cabeceira, ao transepto e ao claustro da sé de Viseu contratados, a partir de 1529, pelo recém-nomeado prelado de Viseu, D. Miguel da Silva[238].

Bernardo Correia (1653)

Mestre entalhador com oficina aberta em Viseu. Em 1653, executa o retábulo, já inexistente, da capela privativa do Santíssimo Nome de Jesus, em Abrunhosa-a-Velha – Mangualde[239].

Casa França e Filhos (1939)

Oficina de restauro sediada na cidade do Porto. Em 1939, refaz o retábulo-mor setecentista da igreja da Misericórdia, na Covilhã, aproveitando algumas peças em melhor estado[240].

Constantino Vieira (1725)

Mestre entalhador originário do concelho de Vieira, na comarca de Guimarães. No dia 15 de abril de 1726, de parceria com o seu colega Manuel Vieira da Silva, originário do mesmo concelho, assume com os mesários da irmandade da Misericórdia, em Viseu, a execução dos *dois altares colaterais e altar-mor, com todo o frontispício desta igreja* (...) *feito de talha moderna* (...) *tudo pelo preço e quantia de 700$000 réis*[241]. Só sobrevive desta intervenção uma cartela representando a Visitação (ver p. 63).

237 M. RODRIGUES, 2000, p. 199.
238 M. RODRIGUES, 2000, pp. 128, 198, 248 e 256.
239 ALVES, 2001, 1, pp. 187 e 188.
240 NOÉ, 2009.
241 ALVES, 2001, 3, pp. 181 a 185.

Diogo Jacques (c. 1560)

Mestre escultor com oficina aberta em Coimbra. Por volta de 1560, pode ter executado o retábulo, de pedra de Ançã, da Anunciação ou dos Ferros, destinado à capela privativa de Luís de Abreu Castelo Branco e Francisca de Pina, na igreja da sé, na Guarda[242] (ver p. 157).

Domingos Ribeiro (1731)

Mestre entalhador com oficina aberta no lugar de Sarraquim – Sátão. É provável ser filho e continuador da oficina do anteriormente referido António Ribeiro.

A 23 de julho de 1731, fica por fiador do entalhador Manuel Vieira da Silva, da comarca de Guimarães, na escritura do contrato do retábulo-mor da igreja paroquial de São João Baptista, em Lourosa[243].

Filipe Santiago da Fonseca (1730)

Mestre entalhador que, em 1730, trabalha em Castelo Branco[244], desconhecendo-se a sua atividade na região em estudo.

Francisco, frei (1750)

Religioso capucho da Província de Nossa Senhora da Conceição e assistente no seu convento de São Francisco de Orgens. Risca a planta do retábulo da confraria de Santo António, na igreja de São Julião, em Mangualde (ver p. 107), cujo entalhe é assumido, a 5 de abril de 1750, pelo mestre entalhador Manuel Dias de Araújo, com oficina aberta no lugar de Tarva, termo da vila de Barreiros, na comarca de Viseu[245].

Francisco de Almeida (1727)

Mestre entalhador com oficina aberta no *lugar de Lajeosa, no*

242 FIGUEIREDO, 2008.
243 ALVES, 2001, 3, pp. 38 e 191.
244 HORMIGO, 1998, p. 20.
245 ALVES, 2001, 1, pp. 115 e 116.



Oliveira do Conde. Igreja paroquial.
Retábulo de Santo Cristo.
Fonte ALVES, 2001, 3, Est. 3.

termo do Casal, comarca da Guarda. A 22 de fevereiro de 1727, assume a feitura do retábulo da capela da irmandade de Santo Cristo, em Oliveira do Conde – Carregal do Sal, comprometendo-se a executar *toda a obra muito bem feita e entalhada e bastantemente avultada*[246].

Francisco Álvares (1692- f. 1701)

Mestre entalhador natural da freguesia de São Paio, em Guimarães.

Em 1692 já se encontrava na Covilhã, na freguesia de São Vicente, onde contraiu casamento nesse ano, falecendo em 1701[247]. Desconhecemos a sua atividade na região em estudo.

Francisco Gonçalves Pombo (1647 - f. 1680)

Mestre escultor, natural de Guimarães, que residiu em Coimbra entre 1647 e 1676, regressando posteriormente à sua terra natal[248].

Em 1671, ajusta com o cabido da sé de Coimbra a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial de Tourais – Seia[249]. Desconhecemos se subsiste.

Francisco Gouveia (1724)

Mestre entalhador que, em 1724, recebe dos mesários da Santa Casa da Misericórdia da Covilhã pelos trabalhos que efetuou na capela do Senhor dos Passos, de parceria com João de Aguiar Baptista[250], nada subsistindo desta intervenção.

Francisco de Jesus Maria, frei (1648)

Religioso franciscano, natural de Vila Real. Até 1648, dirigiu as obras do convento de Santo António de Mançorim, em Viseu[251]. É muito provável que tenha concebido riscos de retábulos.

246 ALVES, 2001, 1, pp. 46 e 47.
247 MENDES, 2016, p. 340.
248 PORTELA, 2020, p. 50.
249 PROTELA, 2020, p. 55.
250 Informação inédita cedida por Ricardo Silva, a quem agradecemos.
251 ALVES, 2001, 1, p. 388.

Francisco Lopes de Matos (1664 - f. 1683)

Prestigiado mestre entalhador natural de Orgens, nos arredores de Viseu, mas com oficina aberta nesta cidade, na Rua do Soar. Teve carta de familiar do Santo Ofício em 1677, declarando uma das testemunhas *que é rico de fazenda e ganha muito pelo seu ofício*[252]. Como testemunho do seu prestígio, foi chamado mais do que uma vez pelo cabido da sé de Miranda do Douro para intervir na catedral transmontana.

Em 1664, recebeu *4$000 réis para a madeira do retábulo de Santa Eulália* (freguesia de Ranhados – Viseu)*, que tomou por sua conta fazer por ordem do reverendo cabido* da sé de Viseu[253]. Exemplar inexistente.

De acordo com uma das testemunhas do seu processo de habilitação fez um retábulo do Espírito Santo, em Bodiosa Nova, perto de Viseu[254]. Desconhecemos se ainda subsiste.

É possível atribuir-lhe quatro retábulos: o da capela do Espírito Santo, na igreja da sé de Viseu, mandado executar pelo bispo D. João de Melo (1674 - 1684) para a capela-mor deste templo[255] (ver p. 19), o da ousia da igreja conventual de São Francisco, em Orgens[256] (ver p. 166) e por afinidades formais com este último os das capelas-mores dos dois conventos franciscanos de Pinhel, o de Santo António[257] (ver p. 91) e o de São Luís, apesar de neste último lhe terem substituído as colunas algumas décadas depois.



Miranda do Douro. Sé.
Retábulo do Santíssimo, executado por Francisco Lopes de Matos.
Foto Unidade Pastoral de Miranda do Douro.



Orgens. Igreja conventual.
Pormenor do retábulo-mor.
Fonte ALVES, 2001, 3, Est. 65.

Francisco Machado (1729 - f. 1733)

Mestre entalhador originário do lugar de Gumariz, no termo de Barcelos. A 15 de novembro de 1729, assume com os representantes do cabido da sé de Viseu *a obra do retábulo do altar-*

252 ALVES, 2001, 2, p. 201.
253 ALVES, 2001, 2, p. 204.
254 ALVES, 2001, 2, p. 201.
255 SMITH, 1962, pp. 51 e 52.
256 ALVES, 2001, 2, p. 200.
257 FIGUEIREDO, 2008, p. 363.

-mor da sé desta cidade (...) *por um conto e 300$000 réis* (...) *na forma da planta que recebeu, feita por Santos Pacheco*. Poucos meses depois, recebe *240$000 réis que são para comprar madeiras para o retábulo*. Uma segunda escritura ocorreu a 19 de março de 1732, porque a anterior *não teve efeito, por se não achar conforme a planta e como este retábulo leva mais algum acrescento, se lhe satisfará por avaliação*. Nesta escritura é ainda declarado que *acresce mais a planta baixa feita pelo dito Gaspar Ferreira* (...) *tudo pela direção do dito Gaspar Ferreira*. A 10 de dezembro de 1732, recebe 48$000 réis à conta do retábulo que anda fazendo[258] (ver p. 149).

O cabido da sé de Viseu encarrega ainda este profissional de fazer *um sacrário para a igreja das religiosas desta cidade* (da Ordem de São Bento) e de *assentar na capela do Espírito Santo o retábulo que se tirou do altar maior* da igreja da sé, pagando-lhe estas tarefas em 1731[259].

Francisco de Santa Águeda, frei (1644)

Religioso franciscano da Província de Santo António. Em 1644, faz uma *traça* para o campanário da igreja do convento de Santo António, em Viseu[260], sendo provável que tenha também concebido riscos de retábulos.

Gaspar Ferreira (1713 - f. 1762)

Reputado entalhador e mestre de obras na Universidade de Coimbra. Nasceu em Lisboa, em 1689, sendo filho do entalhador Manuel Ferreira, natural de Cabeçudos – Vila Nova de Famalicão, então residente em Lisboa. Casa nesta cidade, passando a partir de 1716 a residir em Coimbra, no bairro de Montarroio. Em 1732, habilita-se a familiar do Santo Ofício[261].

258 ALVES, 2001, 2, pp. 151 a 159.
259 ALVES, 2001, 2, p. 159.
260 ALVES, 2001, 1, p. 388.
261 GASPAR, 1996, p. 27.

Trabalha com alguma regularidade na diocese de Viseu, nomeadamente a partir de 1720, quando é chamado pelo cabido da sé para dar o seu parecer sobre os melhoramentos a efetuar na catedral incluindo, na opinião de Alexandre Alves, as alterações introduzidas na traça dos retábulos colaterais de São João e São Pedro, em novembro de 1721[262].

No dia 11 de julho de 1731, recebeu *16$800 réis pelo trabalho que teve de vir a esta cidade rever a obra do retábulo da capela-mor da nossa sé*[263]. Elabora então uma *planta baixa* e passa a dirigir a remodelação do retábulo, numa escritura assumida pelo mestre entalhador Francisco Machado, a 19 de março de 1732[264], como referimos antes.

Atribuímos a este profissional a autoria de uma solução compositiva usada maioritariamente na diocese de Viseu (a dos camarins com formato elíptico), que também foi usada, em 1730, no retábulo-mor da igreja do Senhor das Barrocas, em Aveiro, ocasião em que, faz para este templo a *planta e os apontamentos das portas da igreja e sanefas de toda a obra, caixões da sacristia, portas das tribunas e dos púlpitos* (GASPAR, 1996, p. 39) e na igreja paroquial de Vila Cova do Perrinho (ver p. 92), então pertencente à diocese de Coimbra. Uma variante desta solução, a dos retábulos com a tribuna em forma de oito, poderá ter também da sua ideia, apontando-se como testemunho um retábulo lateral da ermida de São Sebastião, em São Pedro do Sul (ver p. 208) e a réplica existente no retábulo das Almas, na igreja paroquial de São Mamede, em Talhadas – Sever do Vouga (ver p. 92), outrora também pertencente ao bispado de Coimbra.

É possível ter ainda concebido o risco para dois retábulos:



Aveiro. Igreja do Senhor das Barrocas. Retábulo-mor. Foto Pedro Ventura.

262 ALVES, 2001, 1, p. 339.
263 ALVES, 2001, 1, p. 342.
264 ALVES, 2001, 2, p. 156.



Fornos de Algodres. Igreja da Misericórdia.
Pormenor do retábulo-mor.
Fonte EUSÉBIO, 2005, 3, p. 70.

um, em 1743, para a capela privativa, anexa às casas de José Rebelo Castelo Branco[265], em Mangualde (ver p. 211) e o outro, alguns depois, para a capela de Santa Ana, em Tondela (ver p. 220).

J. F. Prudêncio (1842 -1850)

Residia na cidade de Lisboa quando executa, entre 1842 e 1850, a maqueta da igreja paroquial de São Bento, em Louriçal do Campo – Castelo Branco (ver p. 232).

Jerónimo da Cunha (1716 - f. 1718)

Mestre entalhador com oficina aberta em Vila Ruiva – Linhares. De parceria com o seu colega Manuel Pinto de Góis executa, em 1716, o retábulo-mor da igreja da Misericórdia de Fornos de Algodres (ver p. 187) e pouco tempo depois os colaterais [266].

João de Aguiar Baptista (1724)

Mestre entalhador que, em 1724, recebe dos mesários da Santa Casa da Misericórdia da Covilhã pelos trabalhos que efetuou na capela do Senhor dos Passos, de parceria com Francisco Gouveia[267], nada subsistindo desta intervenção.

João Alves (1720)

Mestre entalhador que, em 1720, recebe dos mesários da Santa Casa da Misericórdia da Covilhã pelos trabalhos que efetuou na tribuna do retábulo-mor deste templo[268]. Este exemplar já não existe.

João Augusto Machado (1899 - f. 1925)

Mestre canteiro e debuxador com oficina aberta em Coimbra. Foi discípulo de António Augusto Gonçalves na Escola Livre das Artes do Desenho, fundada nesta cidade em 1878.

265 De anotar que no ano anterior tinha executado o risco desta capela (ALVES, 2001, 2, p. 336).
266 EUSÉBIO, 2005, 1, pp. 338 e 619.
267 Informação inédita cedida por Ricardo Silva, a quem agradecemos.
268 Informação inédita cedida por Ricardo Silva, a quem agradecemos.

Em 1910, por encomenda do cónego da sé de Viseu, Manuel Damasceno da Costa, executa um altar de mármore, neogótico, para a igreja do colégio do Sacré-Coeur desta cidade, cujo paradeiro se desconhece[269].

Na década de 1920, executa dois retábulos de pedraria para a igreja da sé, na Guarda[270]: o do Santíssimo Sacramento e o de Nossa Senhora da Conceição (ver p. 234).

João Cardoso (1829)

Mestre carpinteiro que, em 1829, de parceria com o seu colega António Ferreira, executa o retábulo-mor do santuário de Nossa Senhora do Castelo, nos arredores de Mangualde (ver p. 231).

João Correia Monteiro (1749 - 1755)

Mestre pedreiro e entalhador, originário de Lixa, comarca de Guimarães, mas com oficina aberta em Ferreirim – Lamego.

A 8 de maio de 1749, compromete-se a entalhar o retábulo-mor da igreja conventual de Santo António, no Terreiro de Maçorim, em Viseu, pela quantia de 525$000 réis, *executando-a na melhor forma e proporção para o primor da dita obra*[271]. Este exemplar ainda subsiste na capela-mor da igreja matriz de Nelas (ver p. 42).

É-lhe atribuída, em 1738, a feitura do retábulo-mor da igreja da Ordem Terceira do Carmo, em Viseu[272] (ver p. 205) e o da capela-mor da igreja conventual de São José, em São Pedro do Sul, por volta de 1755[273].

João Correia da Silva (1753)

Debuxador residente em Viseu. Em 1753, por encomenda de Manuel Teixeira de Carvalho e seu filho, concebe o risco do *retábulo*



Guarda. Sé.
Retábulo do Santíssimo.
Foto SIPA 1001734.



Nelas. Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo-mor.
Fonte EUSÉBIO e MARQUES, 2005, p. 203.

269 ALVES, 2001, 2, p. 160.
270 FIGUEIREDO, 2008.
271 ALVES, 2001, 2, p. 246.
272 CARVALHO, 2001.
273 FIGUEIREDO, 2009a.

da capela de Santo António, pegada às suas casas, em Viseu, cujo entalhe é assumido a 1 de janeiro de 1754 pelo mestre entalhador Manuel Madeira, morador em Santa Comba Dão[274].

João do Espírito Santo, frei (f. 1795)

Irmão leigo franciscano e debuxador. Residia no convento de Santo António, em Viseu, quando faleceu em 1795. É provável que tenha concebido riscos de retábulos para este cenóbio.

João Fernandes (1644)

Mestre entalhador com oficina aberta em Viseu, na Rua do Arco. A 26 de fevereiro de 1644, ajusta a feitura de um sacrário, já inexistente, para a igreja de São Miguel do Outeiro – Tondela, pela quantia de 33$000 réis, *na forma da traça e apontamentos* (...) *com as imagens dos quatro Evangelistas no alto das colunas e a Fé em cima do dito sacrário e no nicho que fica por cima da porta dele se farão três imagens, cada uma de per si, a saber, o Nascimento de Cristo Redentor Nosso, que tenha a Senhora, o Menino Jesus e São José, com dois serafins, digo com dois anjos e a Ressurreição do Senhor e a Santíssima Trindade, tudo assim e da maneira e tão perfeitamente como na traça está feito*[275].

João Ferreira Neto (1769)

Mestre escultor das partes de Guimarães. A 23 de janeiro de 1769, assume a feitura do retábulo-mor, ainda subsistente, da igreja paroquial de São Miguel de Campia, no então concelho de Lafões, pela quantia de 140$000 réis, *na forma da planta que para isso fez o mesmo escultor*[276].

João da Fonseca (1693)

Mestre entalhador com oficina aberta em Granja Nova – Ucanha[277], no atual concelho de Tarouca. Em 1693, assume a feitura

274 ALVES, 2001, 2, p. 171.
275 ALVES, 2001, 1, pp. 302 e 303.
276 ALVES, 2001, 2, pp. 307 e 308.
277 ALVES, 2001, 1, p. 368.

do retábulo de São Miguel, já inexistente, destinado à igreja da Misericórdia, em Santar – Nelas[278].

João da Fonseca Ribeiro (1774 - 1786)

Mestre entalhador com oficina aberta em Pinhanços – Seia. Era irmão do reputado José da Fonseca Ribeiro, adiante mencionado.

A 27 de junho de 1774, ajusta pela quantia de 190$000 réis a feitura do retábulo-mor da igreja da Misericórdia, em Santa Comba Dão, *com a declaração que a banqueta será feita na forma do risco que veio de Coimbra*[279], tendo provavelmente entalhado os dois retábulos colaterais.

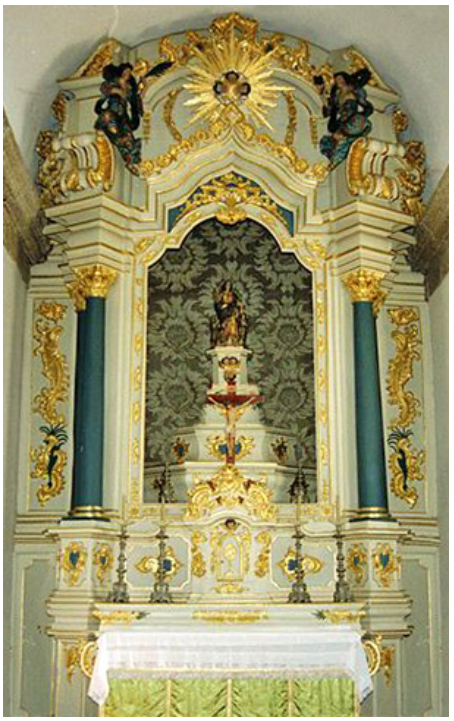
Dois anos depois, a 14 de julho de 1776, assume *a obra da tribuna do altar-mor da igreja desta freguesia de Santa Maria de Currelos*[280] – Carregal do Sal, exemplar parcialmente remodelado.

Por fim, no fim do ano de 1779, arremata entre outras obras a *fatura do retábulo de talha* da igreja paroquial de São João de Areias – Santa Comba Dão, passando *quitação geral* a 10 de outubro de 1786[281]. Este exemplar ainda sobrevive.

Tem-lhe sido atribuído o entalhe dos retábulos das ermidas de São Miguel e de São Silvestre, desta última localidade[282].

João Francisco (Primeira metade do século XVIII)

Mestre entalhador com oficina aberta em Veigas, freguesia de Quintela – Bragança. É possível ter executado o retábulo-mor da ermida de São Sebastião, em São Pedro do Sul (ver p. 203), pois utiliza no ático uma solução idêntica a alguns exemplares transmontamos atribuídos à sua oficina[283].



Santa Comba Dão.
Igreja da Misericórdia. Retábulo-mor.
Foto SIPA 15473.

278 EUSÉBIO, 2005, 1, p. 620.
279 ALVES, 2001, 1, pp. 371 e 372.
280 ALVES, 2001, 1, p. 372.
281 ALVES, 2001, 1, pp. 370, 373 e 374.
282 NEVES, 2002a.
283 LAMEIRA et alii, 2021, p. 118.

João Manuel de Ataíde, D. (1610 - 1625)

Bispo de Viseu entre 1610 e 1625. Nas palavras de um seu contemporâneo, *fez em os paços do Fontelo muitas obras, por ser muito dado às de arquitetura e grande tracista*[284]. Desconhecemos que riscos de retábulos poderá ter executado.

João Pinto (1871 - 1877)

Mestre entalhador e debuxador com oficina aberta no lugar de Gomeei – Viseu. A 29 de agosto de 1871, *foi aprovada a planta do alçado para os altares laterais da igreja* da Misericórdia, em Viseu *e foi autorizado pelo provedor a ajustar com o mesmo o custo da obra*[285]. (ver p. 233).

No dia 12 de junho de 1877, compromete-se com o presidente da Junta da Paróquia da freguesia de Farminhão – Viseu a executar *uma tribuna nova para o altar-mor da igreja da referida freguesia* (...) *conforme em tudo ao risco ou desenho apresentado pelo segundo outorgante no ato da arrematação* (...) *por 250$000 réis*[286]. É possível que este exemplar ainda exista.



Viseu. Igreja da Misericórdia. Pormenor de retábulo colateral. Foto Hélio Ramos.

João Pinto da Silva (princípios do século XX)

Entalhador com oficina aberta no lugar de Gomeei – Viseu. Deve ser filho do mestre anteriormente referido. Nos princípios do século XX fez um altar para a igreja de Canas de Sabugosa – Tondela[287]. Desconhecemos se subsiste.

João Ribeiro (1686)

Mestre entalhador com oficina aberta em *Lamego, defronte da sé*. A 24 de outubro de 1686, assume com o *arcediago de Cimacoa* a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial de Vermiosa – Figueira de Castelo Rodrigo (...) *tudo de entalhe miúdo e figuras de meio relevo*,

284 ALVES, 2001, 2, p. 58.
285 ALVES, 2001, 2, p. 435.
286 ALVES, 2001, 2, pp. 436 a 438.
287 ALVES, 2001, 3, p. 170.

por 120$000 réis[288] (ver p. 95).

João de Ruão (1530 - f. 1580)

Reputado mestre escultor e debuxador francês que, em 1530, residia em Coimbra, onde casou com Isabel Pires, uma jovem desta cidade. Pertenceu à prestigiada confraria do Santíssimo Sacramento.

Em 1537, executa um retábulo de pedraria para a igreja da Misericórdia, em Pinhel, atualmente no Museu municipal desta localidade[289] (ver p. 155).

Em 1550, por encomenda do bispo da Guarda, D. Cristóvão de Castro, concebe e constrói o grandioso retábulo de pedraria da capela-mor da igreja da sé desta cidade (ver p. 156). Em 1553, o trabalho já ia adiantado, tendo já recebido do cabido 250$000 réis[290].

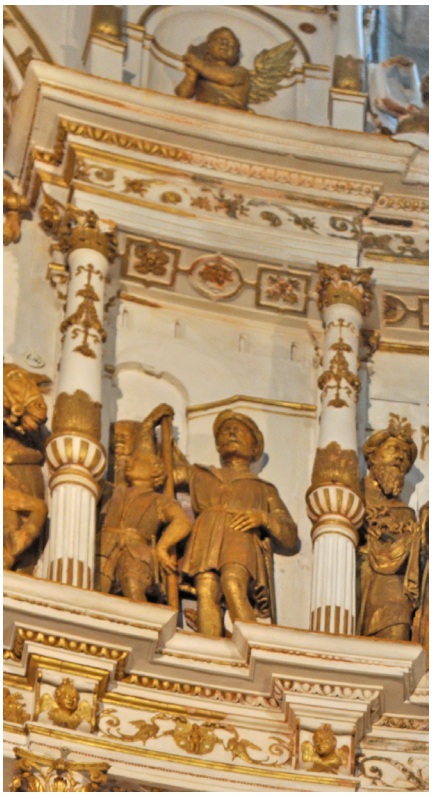
É atribuída à sua oficina o retábulo da Sepultura do Senhor ou dos Santos Brancos, datado de 1567, existente numa capela do claustro da igreja da sé, em Viseu[291] (ver p. 21).

D. Jorge de Ataíde (1569 – 1578)

Bispo de Viseu e debuxador de arquitetura. Executou plantas para vários templos da diocese, nomeadamente para a igreja da Misericórdia de Viseu e para a matriz de Ferreira de Aves[292], tendo seguramente concebido riscos de retábulos.

José Antunes (1685)

Reputado mestre entalhador e debuxador com oficina aberta em Lisboa. A 16 de novembro de 1685, assume com o procurador do bispo da Guarda, D. frei Luís de Sousa, *fazer um túmulo de madeira de bordo, todo entalhado a seu contente conforme o rascunho que fez ao senhor*



Guarda. Sé. Pormenor do retábulo-mor. Foto Santiago Abella.

288 ALVES, 2001, 3, p. 41.
289 DIAS, 2003, p. 131.
290 DIAS, 2003, pp. 138 a 140.
291 BORGES, 1980, p. 82.
292 BASTOS e SOROMENHO, 2015, p. 17.

bispo (…) *em preço e quantia certa de 100$000 réis*[293].

José Fogeiro (entre 1918 e 1937)

Mestre carpinteiro com oficina aberta no Sabugal. No período entre 1918 e 1937, de parceria com os também carpinteiros Manuel Bárbara e seu pai, executa o retábulo da capela-mor, ainda existente, da igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, sua terra natal[294].

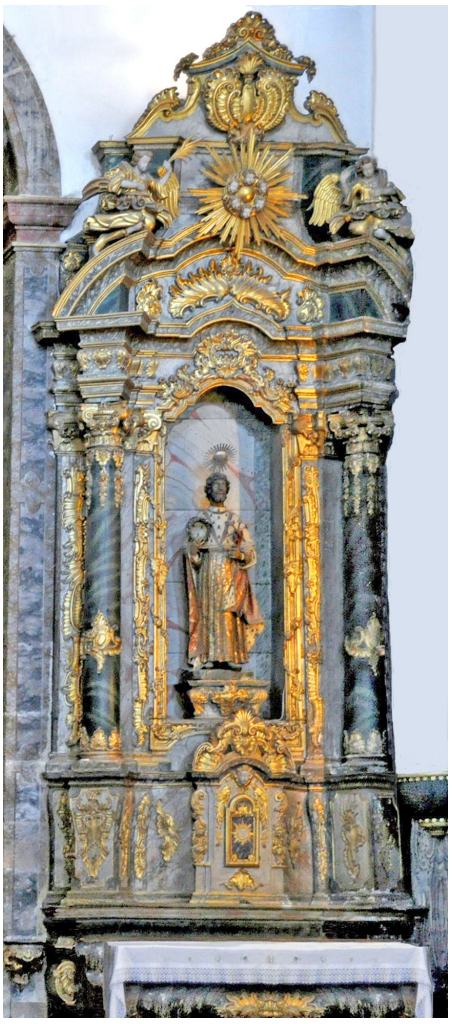
José da Fonseca Ribeiro (1749 - f. 1815)

Reputado mestre entalhador e debuxador com oficina aberta em Pinhanços – Seia. Era irmão de João da Fonseca Ribeiro, anteriormente referido.

A 6 de março de 1749, contrata a execução de quatro retábulos colaterais para a igreja conventual de São Francisco, em Gouveia, pela quantia de 430$000 réis, exemplares que subsistem na igreja paroquial de São Julião, desta mesma localidade[295].

No dia 30 de maio de 1757, assume a feitura de três retábulos colaterais, assim como um sacrário, para a igreja paroquial de São João de Lourosa – Viseu[296]. Estes exemplares ainda subsistem, devendo também ser da sua autoria o outro retábulo lateral, idêntico ao que assumiu na mencionada escritura.

Em 1764, recebe *4$800 réis à conta dos retábulos* da igreja da Ordem Terceira de São Francisco, em Viseu[297], verba seguramente correspondente à feitura do projeto ou risco do retábulo-mor. No ano seguinte, a 29 de novembro, compromete-se a executar *os dois retábulos colaterais ao arco cruzeiro desta igreja, na forma da planta que apresentou* (…) *e outrossim será ele obrigado a pôr os retábulos que se tirarem dos ditos colaterais nos arcos dos lados da dita parede, acrescentando-lhe a*



Viseu.
Igreja da Ordem Terceira de São Francisco.
Retábulo colateral.
Foto Vítor Oliveira.

293 FERREIRA, 2009, 2, pp. 220 e 221.
294 JORGE, 2022, pp. 43 e 44.
295 ALVES, 2001, 1, p. 374.
296 ALVES, 2001, 3, pp. 51 a 55.
297 ALVES, 2001, 1, p. 375.

estes os remates da planta que apresentou nesta Mesa[298].

No dia 23 de maio de 1766, contrata a execução do retábulo-mor, já inexistente, da igreja paroquial de Farminhão – Viseu, pela quantia de 530$000 réis, tomando por modelo o risco do retábulo da igreja paroquial de São Pedro, em Gouveia[299].

A 1 de dezembro de 1772, compromete-se a executar quatro retábulos, dois colaterais e dois laterais, ainda subsistentes, para a igreja paroquial de São Pedro, em Gouveia, tendo provavelmente executado o da capela-mor, nos meados da década anterior[300].

A 11 de setembro de 1773, faz o risco e assume a feitura do retábulo-mor, ainda subsistente, da igreja da Misericórdia, na Guarda, pela quantia de 1.000$000 réis[301] (ver p. 225).

No dia 28 de setembro de 1779, ajusta por 671$200 réis o retábulo-mor da igreja monástica de Santa Maria, em Maceira Dão – Mangualde, *pelo feitio e risco que fez*[302]. Subsiste, mas na igreja paroquial de Fragosela – Viseu.

Em 1794, executa quatro retábulos laterais para a igreja conventual do Espírito Santo, de religiosos franciscanos, em Gouveia, atualmente no Museu de Arte Sacra, desta mesma localidade[303].

Por fim, a 28 de fevereiro de 1798, faz o risco e assume a feitura de dois retábulos laterais da igreja da Misericórdia, na Guarda, pelo montante de 350$000 réis[304] (ver p. 230).

Alexandre Alves atribui-lhe os dois retábulos laterais da igreja paroquial de Santiago de Carvalhais – São Pedro do Sul[305].



Fragosela. Igreja paroquial.
Retábulo-mor, proveniente do mosteiro de Maceira-Dão.
Foto Paróquia de Fragosela.

298 ALVES, 2001, 3, pp. 55 a 57.
299 ALVES, 2001, 3, pp. 57 a 60.
300 NEVES, 2002a.
301 NEVES, 2002.
302 ALVES, 2001, 3, pp. 61 a 64.
303 NEVES, 2002a.
304 NEVES, 2002.
305 ALVES, 2001, 3, p. 50.



Vale da Senhora da Póvoa.
Santuário de Nossa Seshora.
Retábulo-mor.
Foto SIPA 572420.

Por sua vez, António Neves atribui-lhe os dois retábulos colaterais da igreja da Misericórdia, na Guarda (ver p. 90), os da igreja de São Vicente na mesma cidade, estes últimos na década de 1790[306] (ver p. 228), os colaterais da igreja paroquial de São João de Areias – Santa Comba Dão, o mor e três laterais na igreja paroquial de Papízios – Carregal do Sal, os da igreja da Misericórdia, em Gouveia, os colaterais e o revestimento em talha do frontispício da igreja paroquial de Santiago de Besteiros – Tondela, ainda que em diferentes momentos, os retábulos da igreja conventual de Santo António, em Viseu e, por fim, o da capela Serpa Pimentel, em São João de Areias[307]. É ainda possível ter executado mais dois retábulos-mores: o do santuário de Nossa Senhora, no Vale da Senhora da Póvoa – Penamacor e o da igreja paroquial de São Salvador, em Tonda – Tondela.

José Francisco Barbosa (1747)

Mestre entalhador com oficina aberta no lugar do Tojal, concelho de Sátão. A 6 de maio de 1747, pela quantia de 76$000 réis, contrata a feitura dos retábulos colaterais e frontispício da nave da igreja de São Lourenço, do Reigoso – Oliveira de Frades, na forma dos altares colaterais da igreja de Ventosa - Vouzela[308]. Nada subsiste desta intervenção.

José Louro (1890)

Mestre carpinteiro morador no Sabugal. Na década de 1890, executa o retábulo-mor, que ainda subsiste, da igreja paroquial de Ruvina - Sabugal[309].

José de Oliveira (1755 - 1756)

Mestre entalhador com oficina aberta em Trancoso. A 28 de

306 NEVES, 2002.
307 NEVES, 2002a.
308 ALVES, 2001, 1, pp. 121 e 122.
309 JORGE, 2022, pp. 11 e 28.

abril de 1756, pede para desistir da *obra dos retábulos e tribunas dos altares* da igreja de São Pedro desta localidade, por não se ter cumprido o *estipulado em se lhe dar o pagamento que a princípio se ajustou*, no dia 7 de setembro do ano anterior[310].

José de Oliveira (1790)

Mestre entalhador com oficina aberta no lugar de Aldeia – São Pedro do Sul.

A 29 de agosto de 1790, compromete-se por 149$000 réis a executar o retábulo-mor da igreja de Gafanhão – Castro Daire, obra que mais tarde trespassará a Agostinho da Fonseca Ribeiro, morador em Vila Maior – São Pedro do Sul[311].

José da Paz (década de 1740)

Mestre escultor natural do reino da Polónia e que em 1742 se encontra a residir na Covilhã, *para onde veio do lugar de Caria, deste termo*.

Na Covilhã, primeiro a 7 de novembro de 1742 e depois a 8 de janeiro do ano seguinte, assume *a obra do teto e do retábulo da capela-mor da igreja de Santa Maria*, desta localidade, *em preço de 520$000 réis*[312]. Nada subsiste desta intervenção.

José Pedro Ferreira (1891)

Mestre entalhador que, em 1891, apresenta um orçamento de 160$000 réis para intervir no retábulo-mor da igreja da Misericórdia, no Fundão, atendendo *ao estado do retábulo, que se encontrava muito arruinado ao ponto de se não poder celebrar missa*[313]. É provável que não tenha chegado a executar qualquer intervenção, tendo sido praticamente refeito em 1942 pela Casa França e Filhos, do Porto, como já mencionámos.

310 ALVES, 2001, 2, pp. 327 e 328.
311 ALVES, 2001, 2, pp. 329 e 330.
312 SILVA, 2007.
313 PINHO, 2018 - 2019, p. 123.



Canas de Senhorim. Igreja paroquial.
Retábulo colateral.
Fonte EUSÉBIO e MARQUES, 2005, p. 223.



Mangualde. Igreja da Misericórdia.
Retábulo-mor.
Fonte ALVES, 2001, 3, Est. 75.

José dos Santos (1888)

Mestre ensamblador com oficina aberta em Luzinde – Penalva do Castelo.

A 26 de março de 1888, ajusta por 255$000 réis a feitura de dois retábulos colaterais da igreja paroquial de Senhorim – Nelas, de acordo com uma planta, *que tem de escala 50/100*[314].

José Vieira (1741)

Mestre entalhador morador em Canas de Senhorim – Nelas. Em 1741, executa alguns acrescentos nos retábulos laterais da igreja da Santa Casa da Misericórdia, em Santar – Nelas[315].

Lourenço Lopes Gomes (década de 1930)

Mestre entalhador com oficina aberta em Braga. Pouco antes de 1940, elabora o retábulo-mor da igreja paroquial da Sagrada Família, em Belmonte (ver p. 235).

Luís de Araújo (1784)

Mestre entalhador com oficina aberta na vila de Castendo – Penalva do Castelo. Deve ser filho e continuador da oficina de Manuel de Araújo, adiante mencionado.

A 30 de maio de 1784, contrata a feitura dos dois retábulos colaterais, da igreja paroquial de Canas de Senhorim – Nelas[316].

Luís Pereira da Costa (1729 - f. 1737[317])

Reputado mestre entalhador e eventualmente debuxador, com oficina aberta na cidade do Porto. Em novembro de 1729, entre outras obras do seu ofício, compromete-se a executar o retábulo-mor e dois retábulos colaterais para a igreja da Misericórdia, em Mangualde[318] (ver p. 199).

No dia 11 de julho de 1731, recebeu *4$800 réis pelo exame que*

314 ALVES, 2001, 3, pp. 144 a 146.
315 EUSÉBIO, 2005, 1, p. 626.
316 ALVES, 2001, 1, pp. 111 e 112.
317 ALVES, 2001, 1, p. 207.
318 BRANDÃO, 1986, pp. 166 a 171.

veio fazer ao retábulo da capela-mor da sé, que se mandou fazer de novo[319].

Entre 1732 e 1735, entalhou o retábulo-mor, ainda subsistente, da igreja do recolhimento de Nossa Senhora da Conceição, em Mangualde, tendo recebido 337$000, *não entrando as madeiras e serragem delas*[320].

Tendo em conta a proximidade que mantinha com o cabido da sé de Viseu, é possível que o cónego Luís Bandeira Galvão, promotor das diversas obras efetuadas na capela de Nossa Senhora da Esperança, na Abrunhosa, freguesia de São Miguel de Vila Boa – Sátão, lhe tenha solicitado o risco dos retábulos colaterais deste templo (ver p. 104), atendendo a que o formato das colunas somente foi utilizado por artistas sediados na cidade do Porto.

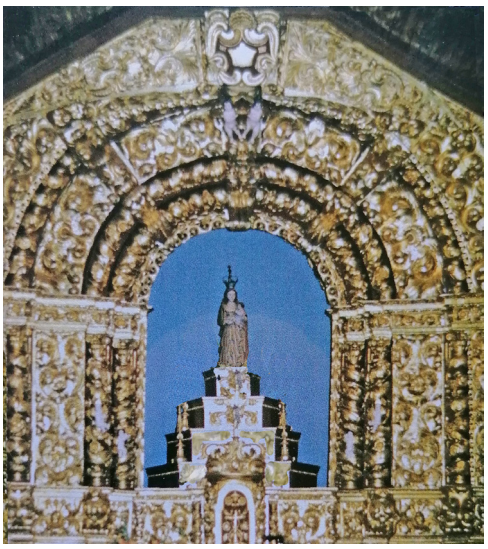
Luís da Silva (1761)

Mestre entalhador originário do termo de Penafiel, mas com oficina aberta em São Pedro do Sul. A 8 de março de 1761 passa uma procuração para que os seus representantes possam cobrar uma dívida por ainda não lhe terem pago o retábulo que fez para a igreja de Paços de Vilharigues – Vouzela[321]. Desconhecemos se subsiste.

Manuel de Araújo (1714)

Mestre entalhador com oficina aberta na vila de Castendo – Penalva do Castelo. De parceria com Manuel Martins, também residente na mesma localidade, no dia 7 de agosto de 1714, ajusta a execução do retábulo-mor da igreja de Santa Maria, em Silgueiros – Viseu[322].

Fátima Eusébio atribui a estes profissionais o entalhe dos retábulos das igrejas paroquiais de Esmolfe, Sezures e Quintela de Azurara[323].



Silgueiros. Igreja paroquial.
Retábulo-mor.
Fonte EUSÉBIO, 2005, 3, p. 440.

319BRANDÃO, 1986, p. 217.
320 ALVES, 2001, 1, p. 214.
321 ALVES, 2001, 3, p. 172.
322 ALVES, 2001, 1, pp. 112 a 114.
323 EUSÉBIO, 2005, 1, p. 347.

Manuel Bárbara (1918 - 1937)

Mestre carpinteiro residente na Aldeia da Ponte – Sabugal. No período entre 1918 e 1937, juntamente com o seu pai e de parceria com o seu colega José Fogeiro, executa o retábulo-mor da igreja paroquial da sua terra natal[324], exemplar que ainda subsiste.

Manuel Barbosa Ferreira (1724)

Mestre entalhador com oficina aberta na cidade de Castelo Branco, em 1724[325]. Desconhecemos a sua atividade na área em estudo.

Manuel Correia (1721)

Mestre entalhador *do lugar do Burgo, freguesia do Couto de Santa Maria de Landim, termo da vila de Barcelos*. A 23 de novembro de 1721, estando em Viseu, assume com o cabido da sé desta cidade a feitura de dois retábulos para as capelas colaterais deste templo, *por preço de 550$000 réis, na forma das plantas que vieram do Porto e de Coimbra*[326] (ver p. 108 e 190).

É possível que, em 1731, tivesse a oficina aberta na freguesia de São Paulo, na então vila da Covilhã[327].



Santar. Igreja da Misericórdia. Retábulo do Senhor Crucificado. Foto SIPA 568023.

Manuel da Costa Henriques (1739)

Mestre entalhador que, em 1739, executa os retábulos colaterais e os laterais da igreja da Misericórdia de Santar – Nelas[328], subsistindo somente o do Senhor Crucificado.

Manuel Dias de Araújo (1750)

Mestre entalhador com oficina aberta no lugar de Tarva – Barreiros, termo de Viseu. A 5 de abril de 1750, pela quantia de 65$000 réis, assume a feitura do retábulo da confraria de Santo António, na igreja de São Julião, em Mangualde (ver p. 107), na for-

324 JORGE, 2022, pp. 43 e 44.
325 HORMIGO, 1998, pp. 11, 17, 18 e 21.
326 ALVES, 2001, 1, pp. 192 e 193.
327 Informação inédita cedida por Ricardo Silva, a quem agradecemos.
328 EUSÉBIO, 2005, 1, p. 620.

ma da planta riscada por frei Francisco, *religioso capucho da Província de Nossa Senhora da Conceição e assistente no seu convento de São Francisco de Orgens*[329].

Manuel Gomes Marques Cardepe (década de 1890)

Curioso que tinha habilidade e aptidões artísticas, faltando-lhe a edução profissional, residente na freguesia do Soito – Sabugal.

Na última década de Oitocentos executa os retábulos laterais ainda remanescentes da igreja paroquial de Badamalos - Sabugal[330] (ver p. 117).

Manuel Homem Cardoso (1739)

Mestre entalhador com oficina aberta em *Tarva, freguesia e couto do Souto*, termo de Viseu.

A 16 de setembro de 1739, compromete-se a executar o retábulo da capela ou ermida de Nossa Senhora da Nazaré, em São Pedro do Sul[331] (ver p. 49).

Manuel José da Cunha (princípios do século XIX)

Mestre entalhador com oficina aberta em Souto de Aguiar da Beira, nos princípios do século XIX. Desconhecemos a sua atividade profissional na região em estudo.

Manuel Machado (antes de 1732)

Mestre entalhador *natural de Entre Douro e Minho, assistente na Torre de Terreno, comarca de Pinhel*. Alexandre Alves atribui a este profissional a autoria do retábulo-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora do Pranto, em Torre de Terrenho – Trancoso, assim descrita em 1732: *grande na bizarria e grandeza da arte com que se fez*[332], sendo provável que tenha também executado o vizinho retábulo-mor da capela de Nossa Senhora da Penha, no solar dos Brasis.

Torre do Terrenho. Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto SIPA 1090837.





Torre do Terrenho. Capela do solar dos Brasis.
Pormenor do retábulo-mor.
Foto SIPA 706462.

329 ALVES, 2001, 1, pp. 115 e 116.
330 JORGE, 2022, pp. 45 e 46.
331 ALVES, 2001, 1, pp. 167 e 168.
332 ALVES, 2001, 2, p. 164.

Manuel Madeira (1752 - 1754)

Mestre entalhador com oficina aberta em Santa Comba Dão. A 30 de agosto de 1752, compromete-se com o cabido da sé de Viseu a *fazer o retábulo do altar-mor da igreja de São Miguel desta mesma cidade* de Viseu, pela quantia de 200$000 réis[333] (ver p. 46).

Por fim, no dia 1 de janeiro de 1754, ajusta com Manuel Teixeira de Carvalho e seu filho *de lhes fazer o retábulo da sua capela de Santo António, pegada às suas casas, na forma da planta que deu João Correia da Silva desta cidade*, pela quantia de 230$000 réis[334] (ver p. 23).

Manuel Martins (1714)

Mestre entalhador com oficina aberta na vila de Castendo – Penalva do Castelo. De parceria com Manuel de Araújo, também residente na mesma localidade, no dia 7 de agosto de 1714, ajusta a execução do retábulo-mor da igreja de Santa Maria, em Silgueiros – Viseu[335] (ver p.141).

Fátima Eusébio atribui a estes profissionais o entalhe dos retábulos das igrejas matrizes de Esmolfe, Sezures e Quintela de Azurara[336].

Manuel Mendes de Sequeira Bordalo (1734)

Mestre entalhador com oficina aberta na Covilhã, em 1734[337]. Desconhecemos que retábulos terá executado na região em estudo.

Manuel Moreira (1729 - f. c. 1730)

Reputado mestre entalhador e debuxador sediado *no burgo de Santa Clara, extramuros desta cidade* de Coimbra.

A 23 de novembro de 1729, recebe do cabido da sé de Viseu

333 ALVES, 2001, 2, pp. 170 e 171.
334 ALVES, 2001, 2, p. 171.
335 ALVES, 2001, 1, pp. 112 a 114.
336 EUSÉBIO, 2005, 1, p. 347.
337 Informação cedida por Ricardo Silva.

19$200 réis pelo trabalho e gastos que fez na jornada, quando veio a esta cidade ver a planta do retábulo do altar-mor (da igreja da sé) *e juntamente lançar na obra dele, pela conveniência de se rematar com mais cómodo*[338].

Manuel Pereira da Costa Noronha (1738 - 1752)

Reputado mestre entalhador e debuxador, com oficina aberta na cidade do Porto, na Rua de Santo Ildefonso. Era filho do já mencionado Luís Pereira da Costa, um dos mais proeminentes entalhadores portuenses.

Em 1738 executa o retábulo-mor da igreja paroquial de São Carlos Borromeu, em Fataunços – Vouzela[339].

Três anos depois entalha o retábulo-mor da igreja paroquial de São Pedro, em Oliveira do Conde[340] (ver p. 45).



Fataúnços. Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo-mor.
Fonte EUSÉBIO, 2005, 3, p. 450.

Manuel Pinto de Góis (1716)

Mestre entalhador com oficina aberta em Vila Ruiva – Linhares.

De parceria com o seu colega Jerónimo da Cunha executa não só o retábulo-mor (ver p. 187) da igreja da Misericórdia de Fornos de Algodres, mas também os colaterais[341].



Fornos de Algodres. Igreja da Misericórdia.
Pormenor do retábulo-mor.
Fonte EUSÉBIO, 2005, 3, p. 69.

Manuel da Silva Gomes (1739)

Mestre entalhador com oficina aberta em Quintela de Azurara – Mangualde.

No dia 22 de dezembro de 1739 ajusta com frei Marcos de Santo António a feitura do retábulo-mor, já inexistente, da igreja conventual de São Francisco, em Gouveia, *na forma da planta que fez Manuel Tavares, do lugar de Nogueira, dando-lhe mais três palmos de altura*, por preço e quantia de 182$400 réis[342].

338 ALVES, 2001, 2, p. 270.
339 BRANDÃO, 1986, pp. 386 a 388.
340 EUSÉBIO, 2005, 1, p. 622.
341 EUSÉBIO, 2005, pp. 338 e 620.
342 ALVES, 2001, 2, p. 24.



Covilhã. Igreja da Misericórdia.
Retábulo colateral.
Foto SIPA 854568.

Manuel de Sousa Abrantes (1942)

Mestre que executa, em 1942, os dois atuais retábulos colaterais da igreja da Misericórdia, na Covilhã, por 4.860$00 escudos[343].

Manuel Tavares (1739)

Debuxador morador no lugar de Nogueira, eventualmente no termo de Cinfães.

Em 1739, faz a planta do retábulo-mor da igreja conventual de São Francisco, em Gouveia, cujo entalhe é assumido, a 22 de dezembro de 1739, pelo já mencionado mestre entalhador Manuel da Silva Gomes[344].

Manuel Vieira da Silva (1724 - 1733)

Laborioso mestre entalhador e debuxador originário do concelho de Vieira, comarca de Guimarães, mas com oficina aberta no lugar da Sarnada, freguesia de São Vicente – Lafões.

A 20 de maio de 1724, compromete-se a fazer por 127$200 réis dois retábulos colaterais para a igreja de Souto de Lafões – Oliveira de Frades (ver p. 89), *na forma da planta que havia feito*[345].

No dia 15 de abril de 1726, de parceria com o seu colega Constantino Vieira, originário do mesmo concelho, assume com os mesários da irmandade da Misericórdia, em Viseu, a execução dos *dois altares colaterais e altar-mor, com todo o frontispício desta igreja* (...) *feito de talha moderna* (...) *tudo pelo preço e quantia de 700$000 réis*[346]. Só sobrevive um pequeno medalhão com a representação em relevo escultório da Visitação (ver p. 63).

Entre 1727 e 1729, é pago pela feitura de dois retábulos, ainda existentes, para a igreja da sé, em Viseu, o de Nossa Senhora

343 NOÉ, 2009.
344 ALVES, 2001, 2, p. 24.
345 ALVES, 2001, 3, pp. 180 e 181.
346 ALVES, 2001, 3, pp. 181 a 185.

do Rosário (ver p. 147) e o de Santa Ana[347].

A 24 de dezembro de 1728, através de um procurador, assume o entalhe do retábulo-mor da *igreja do Senhor da Barca, junto da Praça de Almeida*, por 670$000 réis.[348] Parece que já não subsiste.

No dia 17 de abril de 1730, compromete-se por 260$000 réis a executar dois retábulos colaterais, que já não existem, para a igreja paroquial de Santa Maria do Pinheiro de Lafões – Oliveira de Frades, *na forma dos colaterais da sé de Viseu que o mesmo mestre fez*[349].

Por fim, a 23 de julho de 1731, contrata com o cabido da sé, em Viseu, o entalhe do *retábulo, sacrário, tribuna e camarim* da igreja paroquial de São João Baptista, em Lourosa – Viseu, por 120$000 réis, arrastando-se o pagamento até 1733[350].

Fátima Eusébio atribui a este profissional o retábulo-mor e um colateral da igreja paroquial de Oliveira de Frades, os colaterais e o sacrário da capela da Via-Sacra ou das Chagas, na cidade de Viseu e o da capela-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Ouvida, em Ranhados – Viseu[351].



Lourosa.
Igreja paroquial de São João Baptista.
Retábulo-mor
Fonte EUSÉBIO, 2005, 3, p. 431.

Mateus do Couto, *o moço* (c. 1683 – f. 1695)

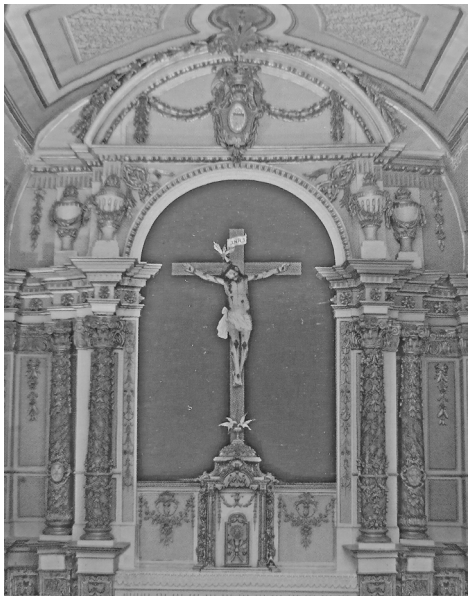
Sargento-mor e arquiteto das Três Ordens Militares, morador na cidade de Lisboa. Por volta de 1683, é possível ter concebido o risco do retábulo da capela privativa de Miguel Pais do Amaral, em Mangualde (ver p. 168), fidalgo da Casa Real e Cavaleiro da Ordem de Avis.

Miguel Francisco da Silva (1731)

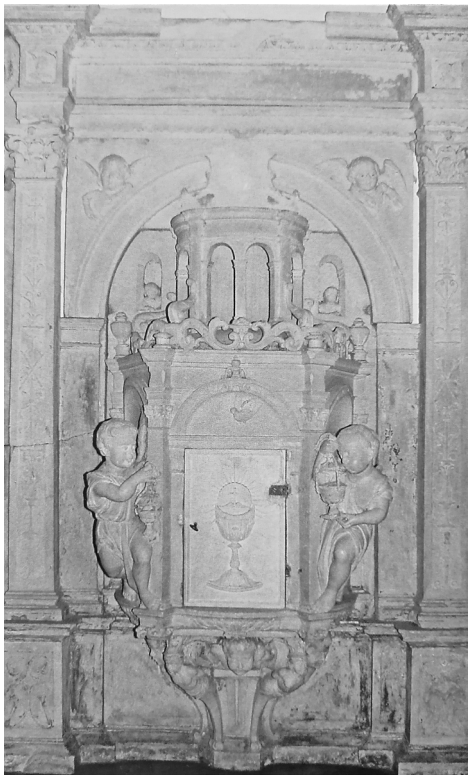
Reputado mestre entalhador e debuxador originário da cidade do Porto.

A 28 de setembro de 1731, recebe do cabido da sé de Viseu

347 ALVES, 2001, 3, pp. 185 e 186.
348 ALVES, 2001, 3, pp. 186 e 187.
349 ALVES, 2001, 3, pp. 187 a 189.
350 ALVES, 2001, 3, pp. 189 a 193.
351 EUSÉBIO, 2005, 1, pp. 430 e 436.



Santiago de Besteiros. Igreja paroquial.
Retábulo-mor.
Foto RAF.



Canas de Santa Maria. Igreja paoquial.
Retábulo de pedraria.
Fonte MARQUES e EUSÈBIO, 2007, p. 291

24$000 réis *pelo trabalho que teve de vir a esta cidade, à revista do retábulo da capela-mor da mesma*[352].

Narciso de Sousa Melo (1806)

Mestre entalhador com oficina aberta em Viseu. A 22 de julho de 1806, contrata *a tribuna para o altar-mor da igreja de Santiago de Besteiros* – Tondela, por 750$000 réis, *na forma do risco que veio para a obra do Sacramento*, na sé da cidade de Viseu[353].

Nicolau de Chanterene (segundo quartel do século XVI)

Reputado escultor e debuxador de retábulos de nacionalidade francesa, mas radicado no nosso país. Tem-lhe sido atribuído um retábulo, de que subsiste somente uma parte, na igreja paroquial de Canas de Santa Maria – Tondela[354].

Santos Pacheco de Lima (1716 - f. 1768)

Prestigiado arquiteto e mestre entalhador com oficina aberta em Lisboa. Em 1729 executa a planta para o retábulo-mor da igreja da sé, em Viseu[355] (ver p. seguinte), cujo entalhe foi ajustado, a 15 de novembro do dito ano, pelo anteriormente mencionado mestre Francisco Machado.

Valério Aires (1695)

Mestre entalhador com oficina aberta em Tortosendo – Covilhã. Em 1695, os mesários da Santa Casa da Misericórdia, na Covilhã, pagam-lhe 2$100 réis *na jornada que fez a Castelo Branco a ver um retábulo*[356], que lhe deverá ter servido de referência na remodelação que ajustou fazer, de parceria com o seu colega André Dias, no retábulo-mor da igreja da Misericórdia[357]. Nada subsiste desta intervenção.

352 BRANDÃO, 1986, p. 217; ALVES, 2001, 3, pp. 193 e 194.
353 ALVES, 2001, 2, pp. 223 a 226.
354 FIGUEIREDO, 2002.
355 ALVES, 2001, 2, pp. 153 e 156.
356 Informação inédita cedida por Ricardo Silva, a quem agradecemos.
357 MENDES, 2016, p. 266.



Foto Fátima Eusébio.

Mapa de Localização dos retábulos selecionados



DIOCESE DE VISEU

Diocese da
Guarda





Prados (Celorico da Beira). Igreja paroquial.
Pormenor do retábulo-mor. Foto padre Daniel Barroso.

Catálogo dos retábulos selecionados



Nelas. Pormenor do retábulo-mor proveniente da igreja conventual de Santo António, em Viseu. Foto Município de Nelas.



Maçainhas (Belmonte). Retábulo-mor da ermida do Espírito Santo. Pintura mural.
Segundo quartel e meados do século XVI: respetivamente pintura do retábulo e do frontal da mesa do altar (CAETANO, 2016, p. 10) – mestre com oficina aberta na região.
Foto Joaquim Inácio Caetano.



Pinhel. Retábulo proveniente da igreja da Misericórdia, atualmente no Museu Municipal. Pedra de Ançã.
1537: execução – eventualmente João de Ruão, reputado escultor com oficina aberta em Coimbra (DIAS, 1997, pp. 3 a 5).
Foto Hélio Ramos.



Guarda. Retábulo-mor da igreja da sé. Pedraria.
1553: risco e execução – João de Ruão, reputado escultor com oficina aberta em Coimbra (BORGES, 1980, pp. 67 e 68).
Foto Museu da Guarda.



Guarda. Retábulo da capela da Anunciação ou dos Ferros, na igreja da sé. Pedra de Ançã.
Cerca de 1560: execução – eventualmente Diogo Jacques, mestre escultor com oficina aberta em Coimbra (FIGUEIREDO, 2008a).
Foto Santiago Abella.



Sortelha (Sabugal). Retábulo colateral, na igreja paroquial de Nossa Senhora das Neves. Pintura mural.
Cerca de 1573 (remodelação da igreja): pintura – mestre com oficina aberta na região.
Foto Mural da História.



Guarda, Tríptico de um Santo Bispo, Santo Antão e Santo António, eventualmente originário de Badamalos - Sabugal (MATRIZNET). Madeira pintada a óleo.
Finais do século XVI, princípios do XVII: pintura – oficina desconhecida. Em data incerta foram colocadas as molduras, certamente reaproveitadas de um tríptico anterior.
Foto Museu da Guarda.



Castelo Rodrigo (Figueira de Castelo Rodrigo). Retábulo do Espírito Santo, na igreja paroquial de Nossa Senhora de Rocamador.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Finais do século XVI, princípios do XVII: entalhe – profissionais com oficina aberta na região.
Foto Dias dos Reis.



São Miguel do Outeiro (Tondela). Retábulo colateral, na igreja paroquial de São Miguel. Madeira entalhada e predominantemente dourada. Princípios do século XVII: entalhe – profissionais com oficina aberta na região.
Foto RAF.



Alvoco da Serra (Seia). Retábulo-mor da ermida de São Pedro. Madeira entalhada e predominantemente dourada. Segundo quartel do século XVII: entalhe – oficina da região.
Foto Carlos A. B. Marques.



Castelo Novo (Fundão). Retábulo da capela da Casa da Quinta do Ouriço. Madeira entalhada e predominantemente dourada. Cerca de 1669: entalhe – mestre com oficina aberta na região.
Foto José Maria Correia Sampaio.



Alpedrinha (Fundão). Retábulo de São Pedro, na igreja paroquial de São Martinho.
Madeira entalhada, dourada e policromada.
Década de 1670: entalhe – mestre com oficina aberta na região.
Foto Santiago Abella.



Penamacor. Retábulo colateral da igreja conventual de Santo António. Madeira entalhada, dourada e pintada. Década de 1670: entalhe – mestre com oficina aberta na região; segunda metade do século XVIII: mesa do altar. Foto João Cunha – Santa Casa da Misericórdia de Penamacor.



Orgens (Viseu). Retábulo-mor da igreja conventual de São Francisco do Monte. Madeira entalhada e predominantemente dourada. Pouco antes de 1672: reconstrução da capela-mor (ALVES, 2001a) entalhe – eventualmente Francisco Lopes de Matos, reputado mestre com oficina aberta em Orgens (ALVES, 2001, p. 200).
Foto padre Jorge Pinto – Paróquia de Orgens.



Mosteiro de Fráguas (Tondela). Retábulo colateral, na igreja paroquial de São Salvador.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Cerca de 1683: data das pinturas do retábulo-mor (ALVES, 2001, 1, p. 325): entalhe – profissionais com oficina aberta na região; segunda metade do século XVIII: mesa do altar.
Foto RAF.



Mangualde. Retábulo da capela privativa de Miguel Pais do Amaral. Madeira entalhada, dourada e pintada.
Cerca de 1683: risco – eventualmente Mateus do Couto, *o moço, sargento-mor e arquiteto das Três Ordens Militares*, morador na cidade de Lisboa; entalhe – profissionais originários de Viseu.
Foto Palácio dos Condes de Anadia – Mangualde.



Oliveira do Conde (Carregal do Sal). Retábulo da capela do solar Soares de Albergaria.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Cerca de 1684: data da bênção da capela (EUSÉBIO, 2005, 2, p. 143): entalhe – profissionais com oficina aberta na região.
Foto D. Maria José Soares de Albergaria Fortes Tavares Festas.



São Martinho (Seia). Retábulo-mor do santuário de Santa Eufémia. Madeira entalhada, dourada e policromada.
Finais do século XVII: entalhe – oficina da região.
Foto Município de Seia.



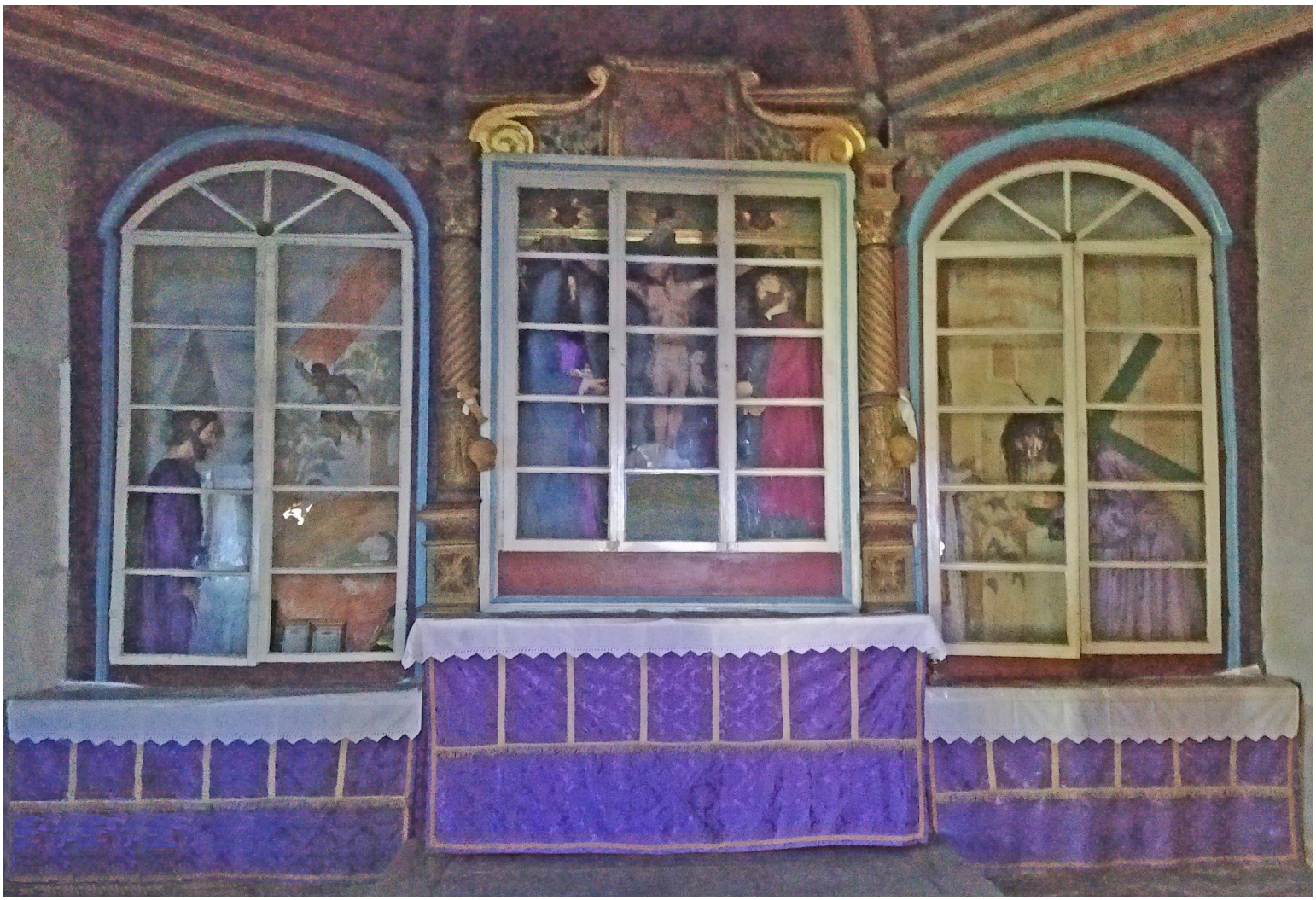
Póvoa de Arcediago, na freguesia de Canas de Santa Maria (Tondela). Retábulo da capela de São Francisco.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Finais do século XVII: entalhe – oficina da região.
Foto Tacula.



Paranhos da Beira (Seia). Retábulo das Almas, na antiga igreja paroquial, atual ermida de Nossa Senhora das Neves. Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Finais do século XVII: entalhe – profissionais eventualmente com oficina aberta na diocese de Viseu.
Foto padre Luís Nunes.



Melo (Gouveia). Retábulos da frontaria da igreja da Misericórdia. Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Finais do século XVII: entalhe – profissionais eventualmente originários da Guarda.
Foto Luís Filipe Gonçalves.



Atalaia (Pinhel). Retábulos da capela do Senhor dos Passos, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Cerca de 1694 (data gravada na igreja): entalhe do retábulo principal – mestre eventualmente com oficina aberta na região; século XIX: execução dos retábulos colaterais.
Foto diácono Raúl Ribeiro.



Fundão. Retábulo-mor da igreja da Misericórdia. Madeira entalhada, dourada e pintada.
Antes de 1697: entalhe; 1697: douramento (EUSÉBIO, 2005, 1, p, 338).
Foto Hélio Ramos.



Ferreira de Aves (Sátão). Retábulo das Almas, na igreja paroquial de Santo André.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Finais do século XVII/princípios do XVIII: entalhe – profissionais provavelmente oriundos de Viseu; século XX: restauro inadequado da policromia.
Foto Blog À Descoberta da História Local.



Figueira de Castelo Rodrigo. Retábulo das Almas, na igreja paroquial de São Vicente. Madeira entalhada e predominantemente dourada. Princípios do século XVIII: entalhe – profissionais eventualmente originários da cidade da Guarda. A mesa do altar resulta de uma intervenção posterior.
Foto padre Vítor Lourenço.



Penamacor. Retábulo-mor da igreja conventual de Santo António. Madeira entalhada, dourada e predominantemente dourada. Primeiras décadas do século XVIII: entalhe – mestre com oficina aberta na região; segunda metade do século XVIII: mesa do altar. Foto João Cunha – Santa Casa da Misericórdia de Penamacor.



Maçal do Chão (Celorico da Beira). Retábulo-mor da igreja paroquial de Santo Estevão.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
Primeiras décadas do século XVIII: entalhe – mestre com oficina aberta na região.
Foto padre Bruno Lopes.



Teixoso (Covilhã). Retábulo-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora dos Coros.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Primeiras décadas do século XVIII: entalhe – mestre eventualmente com oficina aberta na Covilhã.
Foto Manuel Vaz.



Atalaia (Pinhel). Retábulo-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Primeiras décadas do século XVIII: entalhe – mestre eventualmente com oficina aberta na região.
Foto diácono Raúl Ribeiro.



Vilar de Besteiros (Tondela). Retábulo-mor da igreja paroquial de São João Baptista.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Primeiras décadas do século XVIII: entalhe – profissionais com oficina aberta na região.
Foto RAF



Marmeleiro (Guarda). Retábulo das Almas, na igreja paroquial da Imaculada Conceição.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Primeiras décadas do século XVIII: entalhe – profissionais eventualmente originários da cidade da Guarda.
Foto padre António Fonseca Coelho.



Nabaínhos (Gouveia). Retábulo das Almas, na Capela de Nossa Senhora do Couto.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Primeiras décadas do século XVIII: entalhe – profissionais eventualmente originários da cidade da Guarda. Em data posterior foram acrescentadas duas colunas mais baixas que encobriram parcialmente algumas figuras do painel pintado. A mesa do altar também resulta de uma intervenção posterior.
Foto padre António Morais.



Alpedrinha (Fundão). Retábulo lateral, na igreja da Misericórdia. Madeira entalhada, dourada e pintada. Primeiras décadas do século XVIII: entalhe – mestre com oficina aberta na região.
Foto Santiago Abella.



Escalhão (Figueira de Castelo Rodrigo). Retábulo-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora dos Anjos.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Cerca de 1711 (data existente no lavabo da sacristia): entalhe – oficina sediada na região.
Foto Município de Figueira de Castelo Rodrigo.



Fornos de Algodres. Retábulo-mor da igreja da Misericórdia. Madeira entalhada e predominantemente dourada.
1716: entalhe – Jerónimo da Cunha e Manuel Pinto de Góis, com oficina aberta no termo de Linhares (CONCEIÇÃO, 1994).
Foto Hélio Ramos.



Sezures (Penalva do Castelo). Retábulo-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Graça.
Madeira entalhada, dourada e pintada.
1718: douramento – Baltasar Pinto da Mota e Francisco de Almeida Tavares, pintores com oficina aberta em Viseu (ALVES, 2001, 2, pp. 281 e 282); década de 1740: remodelação parcial de alguns elementos.
Foto padre José António Almeida.



Tondela. Retábulo-mor da igreja de Nossa Senhora do Carmo. Madeira entalhada e predominantemente dourada. Década de 1720: entalhe – profissionais com oficina aberta na região; século XX: restauro inadequado da policromia. Foto RAF.



Viseu. Retábulo colateral, na igreja da sé. Madeira entalhada e predominantemente dourada.
1721: entalhe – Manuel Correia, mestre originário de Landim, *na forma das plantas que vieram do Porto e de Coimbra* (ALVES, 2001, 1, pp. 192 e 193); 1726: douramento (EUSÉBIO, 2002, pp. 210 a 212).
Foto Santiago Abella.



Lobelhe do Mato (Mangualde). Retábulo lateral, na igreja paroquial de São Paulo.
Madeira entalhada, dourada e policromada.
Segundo quartel do século XVIII: entalhe – profissionais com oficina aberta na região. A mesa do altar resulta de uma remodelação bastante posterior.
Foto Fátima Eusébio.



Barreiro de Besteiros (Tondela). Arco triunfal retabular da igreja paroquial de
Segundo quartel do século XVIII: entalhe – profissionais com oficina aberta na região.



Nossa Senhora da Natividade. Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Foto RAF



Cidadelhe (Pinhel). Retábulo-mor da igreja paroquial de Santo Amaro. Madeira entalhada, dourada e pintada.
Segundo quartel do século XVIII: entalhe – profissionais com oficina aberta na região.
Foto Adelino Guerra.



Paranhos da Beira (Seia). Retábulo lateral, na antiga igreja paroquial, atual ermida de Nossa Senhora das Neves.
Madeira entalhada, dourada e policromada.
Segundo quartel do século XVIII: entalhe – profissionais eventualmente com oficina aberta na diocese de Viseu.
Foto padre Luís Nunes.



Aldeia da Serra (Seia). Retábulo da ermida de Nossa Senhora do Espinheiro.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Segundo quartel do século XVIII: entalhe – profissionais com oficina aberta na região.
Foto Município de Seia.



Couto de Cima (Viseu). Retábulo-mor da igreja paroquial de São Martinho.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
1727- data da sagração (EUSÉBIO, 2002, pp. 117 e 118): risco – eventualmente Gaspar Ferreira, reputado mestre com oficina aberta em Coimbra e então assistente na se de Viseu; entalhe – profissionais sediados na sede do bispado.
Foto OCR – Oficina de Conservação e Restauro.



Torre do Terrenho (Trancoso). Retábulo-mor da capela de Nossa Senhora da Penha, no solar dos Brasis.
Madeira entalhada, dourada e policromada.
Cerca de 1727 (inscrição existente ao lado do portal principal da capela): risco – originário da cidade do Porto; entalhe – Manuel Machado, *natural de Entre Douro e Minho, assistente na Torre de Terreno*.
Foto Município de Trancoso.



Mangualde. Retábulo de Santa Bárbara, na igreja da Misericórdia. Madeira entalhada e predominantemente dourada. 1729: entalhe – Luís Pereira da Costa, reputado mestre com oficina aberta no Porto (BRANDÃO, 1986, pp. 166 a 171). Foto Hélio Ramos.



Santiago de Cassurrães (Mangualde). Arco triunfal retabular da ermida de 1729 (MARQUES, 1995): entalhe – profissionais com oficina aberta na região.



Nossa Senhora de Cervães. Madeira entalhada e predominantemente dourada.
Foto Paróquia de Santiago de Cassurrães.



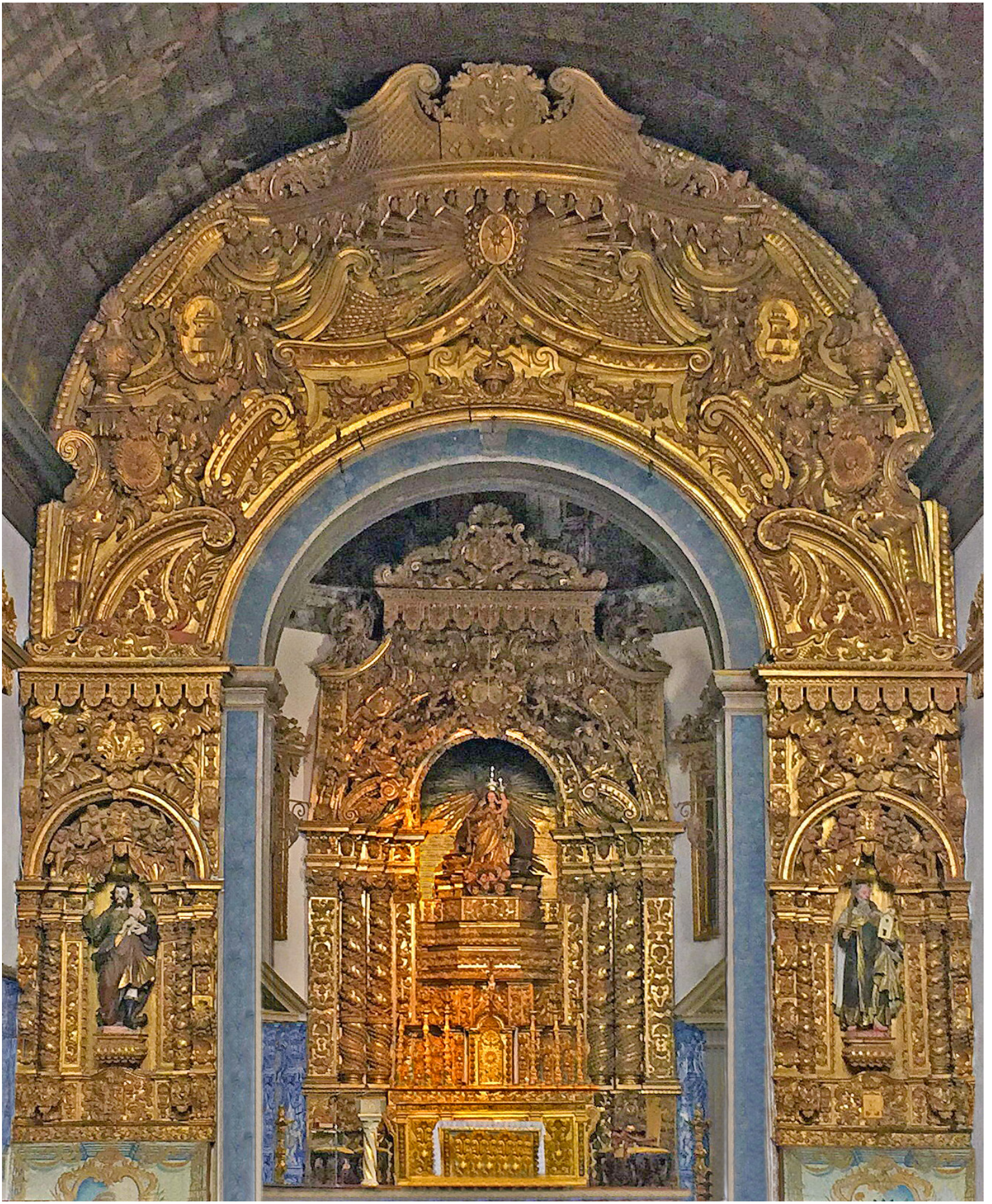
Ferreira de Aves (Sátão). Retábulo-mor da igreja monástica de Santa Eufémia.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
1730: entalhe – mestre originário da cidade do Porto (CARVALHO, 2001a).
Foto Município de Sátão.



São Pedro do Sul. Retábulo-mor da ermida de São Sebastião. Madeira entalhada e predominantemente dourada. Antes de 1732, ocasião em que o pároco da freguesia refere a capela e, implicitamente o retábulo, como *muito moderna e boa* (EUSÉBIO, 2005, pp. 319 a 321): entalhe – eventualmente João Francisco, mestre com oficina aberta em Veigas, freguesia de Quintela – Bragança (LAMEIRA et alli, 2021, p. 118).
Foto Jacinta F.



Sátão. Retábulo principal da igreja conventual de Nossa Senhora da Oliva. Madeira entalhada, dourada e pintada.
Cerca de 1738: entalhe – profissionais residentes na região.
Foto Fátima Eusébio



Viseu. Arco triunfal retabular da igreja da Ordem Terceira do Carmo.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
1738 - 1739 (EUSÉBIO, 2002, p. 163): entalhe – oficina sediada na sede do bispado; 1764: douramento – Francisco de Sousa Peixoto, mestre com oficina aberta na cidade do Porto (ALVES, 2001, 2, pp. 352 a 354).
Foto Vítor Oliveira.



Póvoa da Catarina, na freguesia de São Miguel do Outeiro (Tondela). Retábulo-mor da ermida de Nossa Senhora das Candeias. Madeira entalhada, dourada e pintada.
1739: data da bênção da capela (EUSÉBIO, 2005, 2, pp. 672 a 674): entalhe – profissionais com oficina aberta na região.
Foto RAF.



Vinhó (Gouveia). Arco triunfal retabular da igreja conventual de Santa Clara, atual igreja paroquial.
Madeira entalhada e predominantemente dourada.
1739 (data inscrita no arco triunfal) – entalhe – profissionais com oficina aberta na região.
Foto CIMBSE - Comunidade Intermunicipal das Beiras e Serra da Estrela.



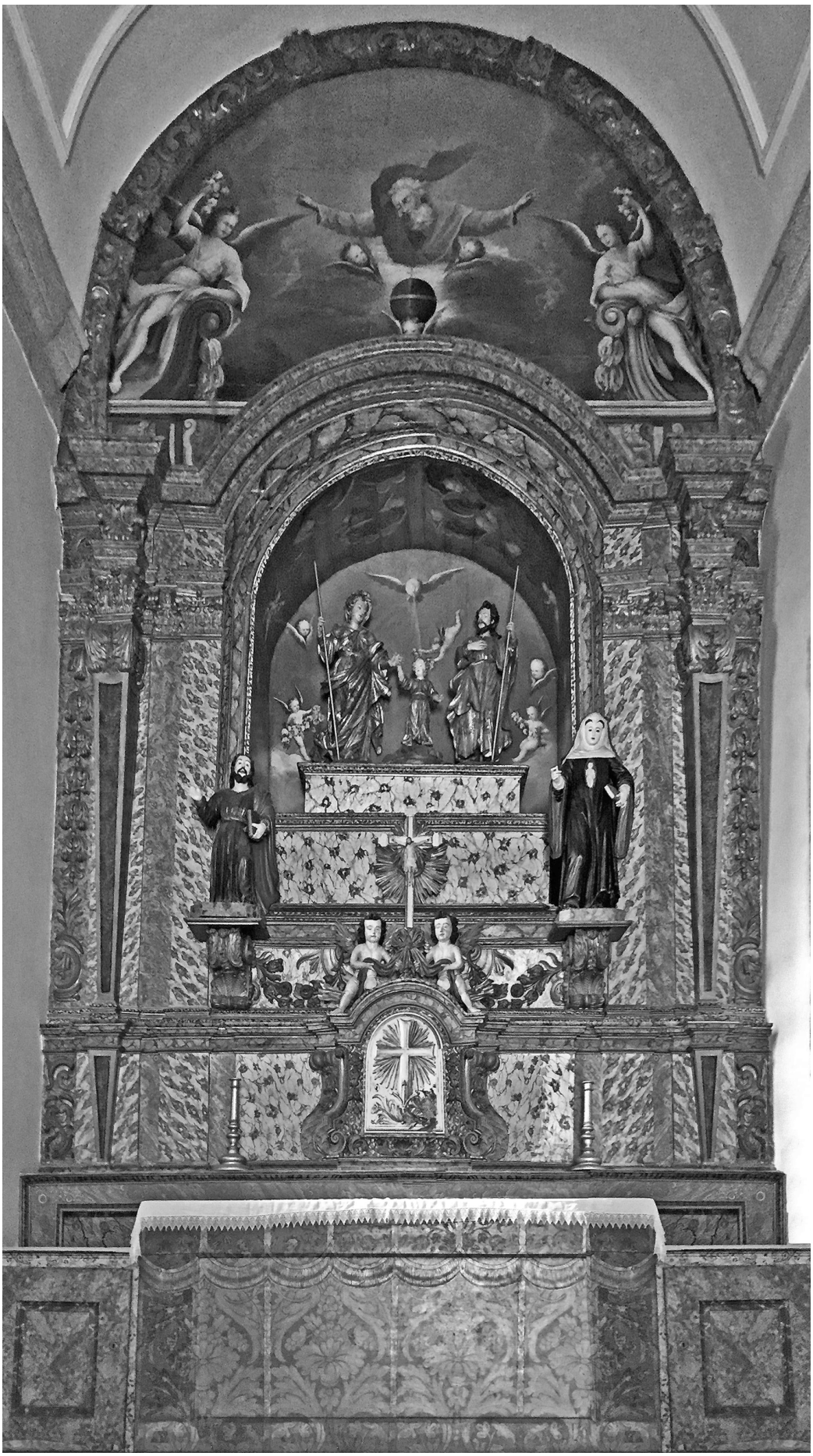
São Pedro do Sul. Retábulo colateral, na ermida de São Sebastião.
Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria, resultante de uma intervenção posterior.
Década de 1740: risco – eventualmente Gaspar Ferreira, reputado mestre com oficina aberta em Coimbra e então assistente na sé de Viseu; entalhe – oficina da região.
Foto Jacinta F.



Fundões, freguesia de Santiago de Cassurrães (Mangualde). Retábulo-mor da ermida de Santa Eufémia.
Madeira entalhada, dourada e pintada
Década de 1740: entalhe – modestos profissionais com oficina aberta na região.
Foto Paróquia de Santiago de Cassurrães.



Mouraz (Tondela). Retábulo-mor da igreja paroquial de São Pedro.
Madeira entalhada, dourada e policromada.
1743 (EUSÉBIO, 2005, 2, p. 650): entalhe – profissionais com oficina aberta na região.
Foto RAF



Mangualde. Retábulo da capela de Nossa Senhora dos Prazeres, na Casa Rebelo.
Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.
Cerca de 1743 (inscrição existente na parede): risco – eventualmente Gaspar Ferreira, autor do projeto da capela (ALVES, 2001, 1, p. 336).
Foto Vítor Oliveira.



Castelo Novo (Fundão). Retábulo lateral, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Graça.
Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.
Meados do século XVIII: entalhe – mestre com oficina aberta na região.
Foto Santiago Abella.



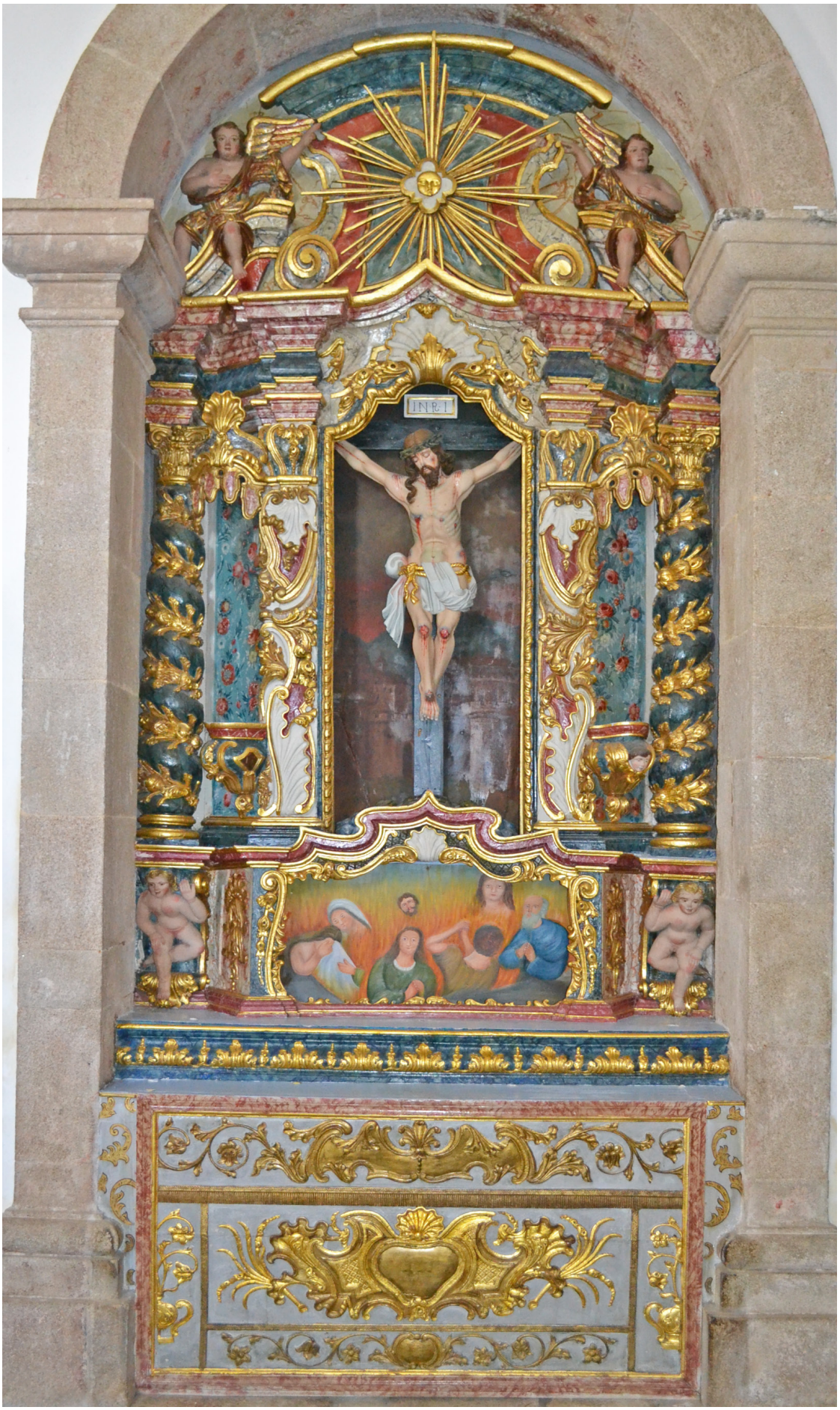
Covilhã. Retábulo-mor da igreja paroquial de São João de Malta. Madeira entalhada, dourada e pintada.
Meados do século XVIII: entalhe – mestre com oficina aberta na região. 1887: pintura do Batismo de Cristo – Bernardo da Costa Montês, pintor da Covilhã, formado na Academia de Belas-Artes de Lisboa.
Foto Museu de Arte Sacra – Covilhã.



Aguiar da Beira. Retábulo-mor da igreja da Misericórdia. Madeira entalhada, dourada e pintada.
Pouco antes de 1750, data da bênção do altar (EUSÉBIO, 2005, 2, pp. 20 e 21): entalhe – mestre sediado na região.
Foto Hélio Ramos.



Aldeia do Bispo (Guarda). Retábulo-mor da igreja paroquial do Divino Salvador. Madeira entalhada, dourada e pintada. Década de 1750: entalhe – mestre com oficina aberta na região.
Foto Museu da Guarda.



Campia (Vouzela). Retábulo das Almas, na igreja paroquial de São Miguel Arcanjo. Madeira entalhada, dourada e pintada. Década de 1750: entalhe – profissionais eventualmente originários da diocese de Viseu. A pintura do painel das Almas foi inadequadamente intervencionada em data recente.
Foto Fátima Eusébio.



Vilar Seco (Nelas). Arco triunfal retabular da igreja paroquial de Nossa Senhora da Esperança.
Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.
Terceiro quartel do século XVIII: entalhe – profissionais provavelmente originários da cidade de Viseu.
Foto Fátima Eusébio.



Castelo Rodrigo (Figueira de Castelo Rodrigo). Retábulo-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora de Rocamador.
Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.
Terceiro quartel do século XVIII: entalhe – profissionais com oficina aberta na região.
Foto Dias dos Reis.



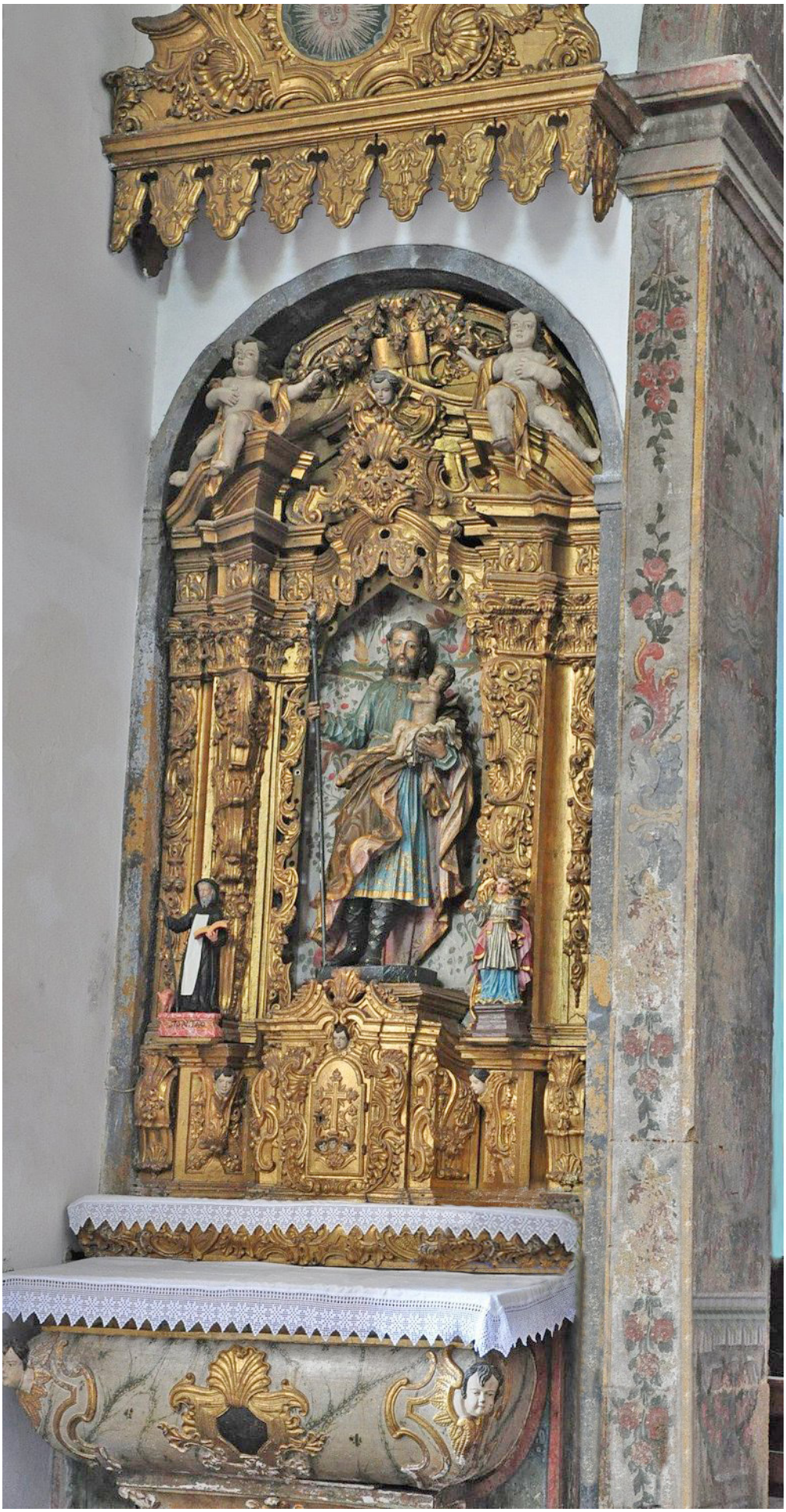
Ferreira de Aves (Sátão). Retábulo de Nossa Senhora da Piedade, na igreja monástica de Santa Eufémia.
Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.
Terceiro quartel do século XVIII: entalhe – profissionais sediados na região.
Foto Município de Sátão.



Tondela. Retábulo da ermida de Santa Ana. Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria. 1758: data inscrita na mesa do altar (BASTO, 2010) entalhe – mestre com oficina aberta na região. Foto Museu Terras de Besteiros.



Mata de Lobos (Figueira de Castelo Rodrigo). Retábulo-mor da igreja paroquial de Santa Marinha.
Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.
Décadas de 1760 - 1770: entalhe – oficina sediada na região.
Foto Dias dos Reis.



São Pedro do Sul. Retábulo de São José, na igreja conventual de São José. Madeira entalhada e predominantemente dourada. Décadas de 1760 - 1770: entalhe – oficina sediada na região.
Foto Hans-Jaguar.



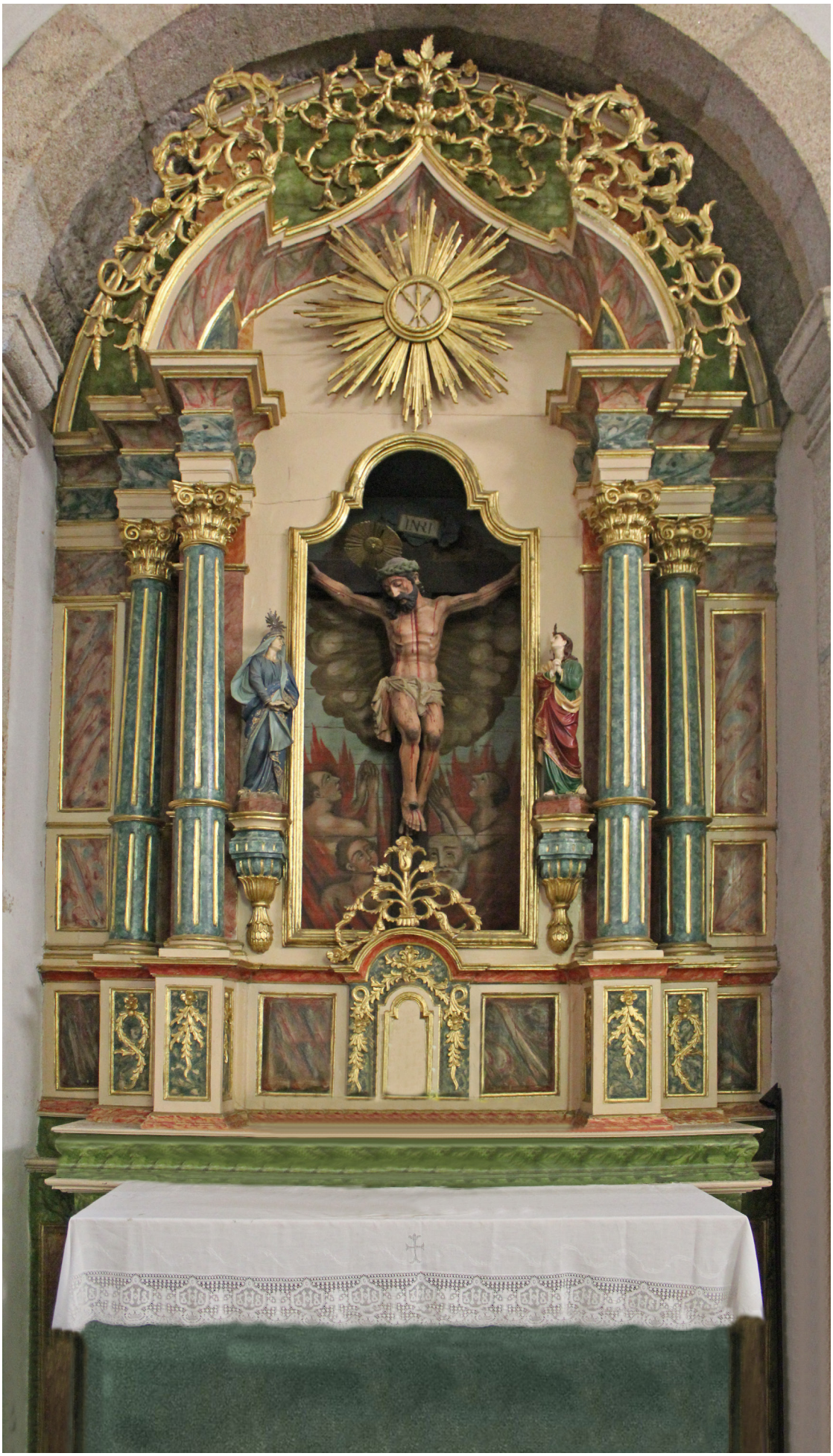
Viseu. Retábulo lateral, na igreja da Ordem Terceira do Carmo. Madeira entalhada e predominantemente dourada. Década de 1770: entalhe – oficina sediada na sede do bispado.
Foto Ipsphoto.us.



Campo de Besteiros (Tondela). Retábulo-mor da ermida de Nossa Senhora do Campo.
Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.
1771 (ALVES, 1979, p. 9): entalhe – profissionais com oficina aberta na região.
Foto RAF



Guarda. Retábulo-mor da igreja da Misericórdia. Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria. 1773: risco e entalhe – José da Fonseca Ribeiro, mestre com oficina aberta no concelho de Seia (NEVES, 2002). Foto Museu da Guarda.



São Vicente da Beira (Castelo Branco). Retábulo das Almas, na igreja paroquial. Madeira entalhada, dourada e pintada. Último quartel do século XVIII: entalhe – oficina local; século XX: restauro.
Foto Ricardo Silva.



Santar (Nelas). Arco triunfal retabular da igreja da Misericórdia. Madeira entalhada, dourada e pintada de branco.
1779: entalhe – profissionais provenientes da região de Viseu.; 1900: atual policromia - Cristóvão Rodrigues Loureiro (EUSÉBIO e MARQUES, 2005, pp. 188, 223 e 224).
Foto Hélio Ramos.



Guarda. Retábulo-mor da igreja paroquial de São Vicente. Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria.
Cerca de 1790: risco – eventualmente António Fernandes Rodrigues, debuxador natural de Mariana, em Minas Gerais, com formação italiana e oficina aberta em Lisboa na segunda metade de Setecentos (MACHADO, 1923, pp. 230 e 231); entalhe – José da Fonseca Ribeiro, mestre com oficina aberta no concelho de Seia (NEVES, 2002).
Foto Comunidade Intermunicipal das Beiras e Serra da Estrela - Fragmenesis.



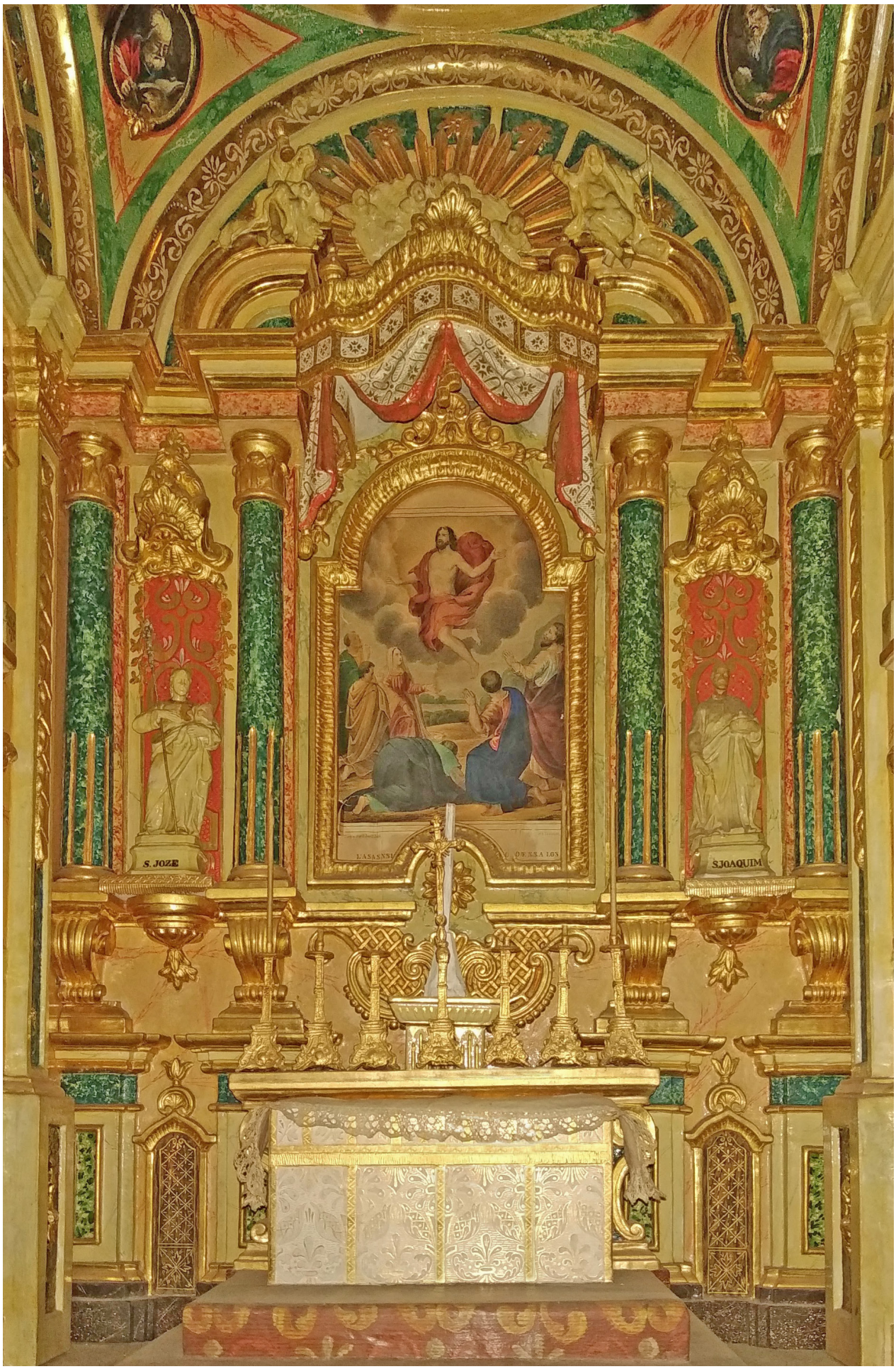
Cambra (Vouzela). Retábulo das Almas, na igreja paroquial de São Julião. Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria. Década de 1790 (após a construção da igreja): entalhe – profissionais provavelmente com oficina aberta em Viseu.
Foto Fátima Eusébio.



Guarda. Retábulo lateral, na igreja da Misericórdia. Madeira entalhada, dourada e pintada a fingir pedraria. 1798: risco e entalhe – José da Fonseca Ribeiro, laborioso mestre com oficina aberta em Pinhanços – Seia (NEVES, 2002).
Foto Santiago Abella.



Mangualde. Retábulo-mor da igreja de peregrinação de Nossa Senhora do Castelo. Madeira entalhada, dourada e pintada de branco de leite.
1829: entalhe – João Cardoso, mestre carpinteiro, sediado na região.
Foto Vítor Oliveira – Portuguese_eyes.



Louriçal do Campo (Castelo Branco). Maqueta da igreja paroquial de São Bento. Madeira dourada e pintada a fingir pedraria. 1842 – 1850: execução – *J. F. Prudêncio, em Lisboa* (inscrição existente na zona posterior).
Foto Museu da Lourinhã



Viseu. Retábulo do Senhor do Calvário, na igreja da Misericórdia. Madeira entalhada, dourada e pintada de branco. Cerca de 1871: entalhe – João Pinto, com oficina aberta no lugar de Gomeei – Viseu (ALVES, 2001, 2, p. 435). Foto Hélio Ramos.



Guarda. Retábulo de Nossa Senhora da Conceição, na igreja da sé. Pedra de Ançã.
Década de 1920: projeto e execução – João Augusto Machado – mestre canteiro e debuxador com oficina aberta em Coimbra (ALVES, 2001, 2, p. 160).
Foto Museu da Guarda.



Belmonte. Retábulo-mor da igreja paroquial da Sagrada Família. Madeira entalhada, dourada e pintada.
Pouco antes de 1940 (bênção da igreja): entalhe – Lourenço Lopes Gomes, mestre com oficina aberta em Braga; douramento - José da Cunha, também oriundo de Braga.
Foto Município de Belmonte.

Fontes e estudos citados nas notas e nos textos

ABRANTES, Ana Paula B. (2004) – *Igreja da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro. O legado em talha e outras reflexões. Notas de História da Arte*, Aveiro.

ALVES, Alexandre (1979) – "A capela de Nossa Senhora do Campo da vila do Campo de Besteiros", Separata da *Beira Alta*, Viseu.

ALVES, Alexandre (2001) – *Artistas e artífices nas Dioceses de Lamego e Viseu*, 3 vols., Viseu.

ALVES, Alexandre (2001a) – "Memórias do extinto mosteiro de S. Francisco do Monte de Orgens (Viseu)", *Millenium*, Viseu.

ARAÚJO, Ana Cristina (1997) – *A morte em Lisboa. Atitudes e representações 1700 - 1830*, Lisboa.

BANDEIRA, Ana Maria Leitão (1993) – "O património da Universidade de Coimbra: aspetos particulares do seu padroado", *Atas do colóquio A Universidade e a arte: 1920-1990*, Coimbra, pp. 315 a 322.

BASTO, Sónia (2010) – "Solar de Santana/Museu Terras de Besteiros", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

BASTOS, Celina e **SOROMENHO**, Miguel (2015) – "*Matéria do meu humor*. Portugal, Espanha e Contra-Reforma na encomenda artística de D. Jorge de Ataíde", *Artis*, nº3, Lisboa, pp. 14 a 23.

BORGES, Nelson Correia (1980) – *João de Ruão. Escultor da Renascença Coimbra*, Coimbra.

BOUSQUET, Jacques (1982) – "Des antipendiuns aux retables. Le problème du décor des autels et de son enplacement", *Les cahiers de Saint Michel de Cuxa*, n.º 13, 1982, pp. 201 a 232.

BRAGA, Helena Sofia Ferreira (2021) – *Dinâmicas artísticas de Cirilo Volkmar Machado /1748 - 1823)*, tese de doutoramento, Universidade de Lisboa-

BRANDÃO, Domingos de Pinho (1986) – *Obra de talha dourada, ensamblagem e pintura na cidade e na diocese Porto. Documentação. 1726 a 1750*, Porto.

CAETANO, Joaquim Inácio (2016) – "Retábulos fingidos na pintura mural portuguesa", *O Retábulo no espaço ibero-americano: forma, função e iconografia*, Separata, Lisboa, pp. 1 a 35.

CARDOSO, Padre Luís (1747) – *Dicionário Geográfico*, tomo 1, Lisboa.

CARVALHO, João (2001) – "Igreja de Nossa Senhora do Carmo", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

CARVALHO, João (2001a) – "Mosteiro de Santa Eufémia", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

CASTILHO, Liliana (2012) – *A cidade de Viseu nos séculos XVII e XVIII. Arquitetura e urbanismo*, tese de doutoramento, Universidade do Porto.

CASTRO, padre João Baptista de (1763) – *Mapa de Portugal antigo e moderno*, tomo 2, Lisboa.

CONCEIÇÃO, Margarida (1992) – "Igreja paroquial de Escalhão / Igreja de Nossa Senhora dos Anjos", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

CONCEIÇÃO, Margarida (1994) – "Edifício e Igreja da Santa Casa da Misericórdia do Fundão", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

CONCEIÇÃO, Margarida (1994a) – "Capela do Leão", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

COSTA, Simão Palmeirim (2016) – *A aquisição do espaço plástico renascentista na pintura portuguesa de c. 1414 a c. 1525. Competências geométricas e compositivas do final da Idade Média ao Renascimento*, Universidade de Lisboa, 3 vols.

CRAVEIRO, Maria de Lurdes (2002) – *O Renascimento em Coimbra. Modelos e programas arquitetónicos*, tese de doutoramento, Universidade de Coimbra.

CUNHA, José Germano da (1892) – *Apontamentos para a história do concelho do Fundão*, Lisboa.

DIAS, Pedro (1997) – "Um retábulo de João de Ruão em Pinhel", *Beira Alta*, pp. 3 a 5.

DIAS, Pedro (2003) – *A Escultura de Coimbra. Do Gótico ao Maneirismo*, Coimbra.

DICIONÁRIO GEOGRÁFICO (1732) – "Torre de Terrenho", vol.43, n.º 443, pp. 333 a 336.

DICIONÁRIO GEOGRÁFICO (1758) – "Alfaiates", vol.2, n.º 49, pp.411 a 448.

DICIONÁRIO GEOGRÁFICO (1758) – "Besteiros - Tondela", vol.7, n.º 11, pp. 795 a 814.

DICIONÁRIO GEOGRÁFICO (1758) – "Guarda", vol.18, n.º 117, pp. 631 a 650.

EUSÉBIO, Maria de Fátima (2002) – *Retábulos joaninos no concelho de Viseu*, Viseu.

EUSÉBIO, Maria de Fátima (2005) – *A Talha Barroca na Diocese de Viseu*, tese de doutoramento, Universidade do Porto.

EUSÉBIO, Maria de Fátima e **MARQUES**, Jorge Adolfo (2005) – *Arqueologia e arte no concelho de Nelas*, Nelas.

FERREIRA, Sílvia (2009) – *A Talha Barroca de Lisboa (1670-1720). Os Artistas e as* Obras, tese de doutoramento, Universidade de Lisboa.

FERREIRA ALVES, Natália Marinho (1989) – *A arte da talha no Porto na época barroca (Artistas e clientela. Materiais e técnicas)*, 2 vols., Porto.

FIGUEIREDO, Paula (2002) – "Igreja paroquial de Canas de Santa Maria", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

FIGUEIREDO, Ana Paula Valente (2008) – *Os conventos franciscanos da Real Província da Conceição. Análise histórica, tipológica, artística e iconográfica*, tese de doutoramento, Universidade de Lisboa.

FIGUEIREDO, Paula (2008a) – "Catedral da Guarda / sé da Guarda", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

FIGUEIREDO, Paula (2008-2009) – "Convento de Santo António de Viseu", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

FIGUEIREDO, Paula (2009) – "Convento de São Francisco do Monte / Igreja paroquial de Orgens", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

FIGUEIREDO, Paula (2009a) – "Convento de São José / Câmara Municipal de São Pedro do Sul", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

FIGUEIREDO, Paula (2018) – "Igreja de Partida", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

FOCILLON, Henri (1980) – *Arte do Ocidente. A Idade Média Românica e gótica*, Lisboa.

FONSECA, Francisco da Fonseca (1728) – *Évora Gloriosa*, Roma.

FREITAS, Maria Luísa Amaral de (1997) – "A Misericórdia de Viseu", *Monumentos*, nº 13, Lisboa, pp. 75 a 81.

GAMA E CASTRO, José Osório de (1902) – *Diocese e distrito da Guarda*, Porto.

GASPAR, Monsenhor João Gonçalves (1996) – *Igreja do Senhor Jesus das Barrocas*, Aveiro.

GOMES, Paulo Varela (2009) – *O sistema de coros nas sés portuguesas dos séculos XV e XVI*, provas para o título académico de agregado, Universidade de Coimbra.

HENRIQUES, Hélder (2007) – *O convento de Santo António de Penamacor: um contributo para a sua história*, Penamacor.

HORMIGO, José Joaquim Mendes (1981) – *Visitação da Ordem de Cristo em 1505 e 1537*, Amadora.

HORMIGO, José Joaquim Mendes (1998) – *Artes e artistas na Beira Baixa (Documentos)*, Castelo Branco.

JORGE, Orlindo Joaquim Patrício Carreira Gonçalves Pires (2022) – *Os retábulos revivalistas no concelho do Sabugal e região – uma análise preliminar partindo dos Forcalhos*, Batalha.

LAMEIRA, Francisco (2009) – *O Retábulo nas Misericórdias Portuguesas* (Promontoria Monográfica História da Arte 04), Faro.

LAMEIRA, Francisco, **CORDEIRO**, José, **DEL RIO JOÃO**, Martina e **PIRES**, padre Augusto A. Ferreira (2021) – *Retábulos na Diocese de Bragança - Miranda* (Promontoria Monográfica História da Arte 27), Faro.

LAMEIRA, Francisco, **LOUREIRO**, José João, VECHINA, Frei José Carlos (2015) – *Retábulos da Ordem dos Carmelitas Descalços* (Promontoria Monográfica História da Arte 11), Faro.

LANGHANS, Franz-Paul (1945) – *As corporações dos ofícios mecânicos*, Lisboa.

MACHADO, Cyrilo Volkmar (1823) – *Coleção de memórias relativas às vidas dos pintores, escultores, arquitetos e gravadores portugueses e estrangeiros que estiveram em Portugal*, Lisboa.

MARQUES, Lina (1995) – "Conjunto da capela da Senhora de Cervães e da capela do Calvário", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

MARQUES, Jorge Adolfo e **EUSÉBIO**, Maria de Fátima (2007) – *Distrito de Viseu – Tesouros de Arte e Arqueologia*, Viseu.

MENDES, Maria do Carmo Raminhas (2016) – *A palavra da imagem: ideologias, funções e perceções na linguagem pictórica barroca em Portugal (a diocese da Guarda 1668 – 1750)*, tese de doutoramento, Universidade de Lisboa.

MENDONÇA, Isabel Mayer Godinho (2016) – *Devoção em Viagem*, Lisboa.

MOREIRA, Rafael (1995) – "Arquitetura: Renascimento e classicismo", *História da Arte Portuguesa*, Lisboa, 1995, vol.2, pp. 303 a 364.

MOURINHO JÚNIOR, António Rodrigues (1984) – *A talha nos concelhos de Miranda do Douro, Mogadouro e Vimioso nos séculos XVII e XVIII*, Braga.

NEVES, António Nunes da Costa (2002) – *Igreja da Misericórdia da Guarda. À luz de documentos inéditos*, Lisboa.

NEVES, António Nunes da Costa (2002a) – *Igreja matriz e capelas da freguesia de S. João de Areias (Sta Comba Dão) Redízima – Eleitos – Obras e artistas – Bênção*, s.l.

NOÉ, Paula (2008) – "Edifício e igreja da Santa Casa da Misericórdia de Mangualde", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

NOÉ, Paula (2009) – "Igreja da Santa Casa da Misericórdia da Covilhã", *SIPA*, IHRU, www.monumentos.pt

OLIVEIRA, Maria Gabriela Gomes de (1992) – "Uma *irmandade* volante do século XVIII. O folheto *Lágrimas das Almas*", *Línguas e Literaturas. Revesta da Faculdade de Letras do Porto*, II série, vol. IX, pp. 349 a 354.

PINHO, Joana Balsa de (2018 - 2019) – "A Casa da Misericórdia do Fundão: análise e contextualização arqui-

tetónica-artística", *Ubimuseum. Revista online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior*, n.º 5, pp. 115 a 126.

PINTO, Evaristo João de Jesus, coord. (2015) – *Os edifícios religiosos do Município de Carregal do Sal. Guia Turístico*, Carregal do Sal.

PORTELA, Miguel (2020) – "A atividade artística do ensamblador Francisco Gonçalves Pombo na Diocese de Coimbra", *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, XXXIII, pp. 43 a 67.

QUINTELA, Artur de Moura (1899) – *Subsídios para a monografia da Covilhã*, Covilhã.

L. RODRIGUES, Luís Alexandre (2001) – *De Miranda a Bragança: arquitetura religiosa de função paroquial na época moderna*, tese de doutoramento, Universidade do Porto.

M. RODRIGUES, Maria Dalila Aguiar (2000) – *Modos de expressão na pintura portuguesa. O processo criativo de Vasco Fernandes (1500-1542)*, tese de doutoramento, Universidade de Coimbra.

O. RODRIGUES, Olinda Maria de Jesus (2010) – *As alminhas em Portugal e a devolução da memória. Estudo, recuperação e conservação*, dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa.

S. RODRIGUES, Susete Filipa (2005) – *A arte da talha no concelho de Tondela: do maneirismo ao neoclássico*, Tondela.

RUÃO, Carlos (1996) – *Arquitetura Maneirista no Noroeste de Portugal. Italianismo e Flamenguismo*, Coimbra.

SANTA ANA, Frei Belchior de (1657) – *Crónica de Carmelitas Descalços, particular do Reino de Portugal e Província de S. Filipe*, Tomo I, Lisboa.

SILVA, Ricardo J. Nunes (2007) – "A presença do escultor polaco, José da Pax, na vila da Covilhã, nos finais do reinado de D. João V (1742-1744). Documentos inéditos", *Artis. Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, n.º 6, pp. 225 a 234.

SMITH, Robert C. (1962) – *A talha em Portugal*, Lisboa.

VENTURA, Leontina e **MATOS**, João da Cunha (2010) – *Diplomatário da sé de Viseu (1078 - 1278)*, Coimbra.

